UANHENGA XITU

OS SOBREVIVENTES DA MÁQUINA COLONIAL DEPÕEM...

edições 70

Enformada num substrato cultural de remotas origens,
a que a tradição oral e a expressão linguística
portuguesa deram voz por dilatado período,
a literatura angolana parte hoje, por diversas
e experimentadas vias, ao encontro da identificação
com a personalidade cultural do seu povo.
Mais que o esboço de uma diferenciação linguística,
é a real afirmação do potencial criador e da
genuína especificidade de uma cultura nacional
africana que a obra dos escritores angolanos dos
nossos dias patenteia. Numa breve síntese
do espírito desta colecção, pode-se dizer com
propriedade que estamos perante
uma literatura nova de um país novo.

AUTORES ANGOLANOS

Enformada num substrato cultural de remotas origens,
a que a tradição oral e a expressão linguística
portuguesa deram voz por dilatado período,
a literatura angolana parte hoje, por diversas
e experimentadas vias, ao encontro da identificação
com a personalidade cultural do seu povo.
Mais que o esboço de uma diferenciação linguística,
é a real afirmação do potencial criador e da
genuína especificidade de uma cultura nacional
africana que a obra dos escritores angolanos dos
nossos dias patenteia. Numa breve síntese
do espírito desta colecção, pode-se dizer com
propriedade que estamos perante
uma literatura nova de um país novo.

AUTORES ANGOLANOS

OS SOBREVIVENTES DA MÁQUINA COLONIAL DEPÕEM...

ARRANJO GRÁFICO
DE EDIÇÕES 70

UANHENGA XITU

(Agostinho Mendes de Carvalho)

OS SOBREVIVENTES DA MÁQUINA COLONIAL DEPÕEM...

INTRODUÇÃO

Em 29 de Agosto, data do meu aniversário, comecei a escrever este trabalho em Baabe-Sellin (Alemanha Democrática, onde passava dias de repouso), na praia do mar Báltico de costas brancas de brancura de giz que do alto mar faziam um rico colorido com a verdura das florestas densas. Ricas paisagens; as rochas têm um tecto verde-verdinho das copas.

Desejava fazer qualquer coisa. Os livros e os jornais da Biblioteca eram quase todos em alemão, os que levava comigo em português estavam lidos. Bem, vou escrever um conto, o que fiz. O princípio é fácil, os acabamentos é que são eles. Foi assim que nasceu *Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem*...

Sei que nesse dia, na mesa do jantar, fui homenageado com um ramo de flores, além de um menu diferente para todas as visitas. Surpresa, não sabia quem lhes tinha dito que fazia anos. Depois fui obrigado a dizer algumas palavras sem preparar-me. Houve também a surpresa da parte dos camaradas de outros países que estivemos juntos no repouso, que me felicitaram (são eles: camaradas e companheiros da delegação da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Congo, Madagáscar, Vietname, Bangla Desh, da A.N.C. da África do Sul, do P.A.I. do Senegal, do P.C. do Peru),

oferecendo um postal assinado por todos com dedicatória que é uma das ofertas mais importantes que recebi até à data.

Aos camaradas directores, intérpretes e empregados da Casa de Repouso, a quem reitero os sinceros agradecimentos pela hospitalidade dispensada. Também não deixo de me referir ao P.S.U.A. e ao povo da R.D.A. por aquilo que me deixaram ver no campo técnico, científico e político, onde levam um avanço considerável. Foi pena que nos oito dias passados em Berlim não tivesse a oportunidade que me proporcionaram nos distritos de Rostoock (Bergen, Rugen — ricos museu de antiguidade, lindos campos).

Perdoe-me camarada Director da Casa de Repouso do Baabe pela observação que uma ocasião fez às delegações, se tinham ido para repouso ou para trabalho. Reconheço que havia dias que me esquecia do horário das refeições e não ia mesmo a algumas para não perder o fio quando a matéria aparecia a fluxo ao campo da imaginação. Nunca consegui escrever nada com barriga cheia.

Nós não fazemos literatura, tenho de repetir mais uma vez aos leitores que me aconselham a aperfeiçoar o português. Eu pertenço a uma época em que nem todos tiveram o privilégio de aprender mais do que escrevo. E, para se chegar ao ponto presente, foi com grande esforço para vencer dificuldades de vária ordem e o medo, o receio, preconceitos, e ser atrevido.

Literatura fazem os homens possuídos de muita bagagem académica, isto é, segundo a minha maneira de ver, são os homens que frequentaram liceus e universidades, que assimilaram muita matéria no campo científico, económico e social, que têm uma visão global e ampla das ideias da Humanidade. Ao passo que nós, que o nosso liceu foi no arranjo da estrada, carregar sacos, apanhar algodão, rachar lenhas, e o pagamento bofetada e pontapé no rabo, pela máquina colonial, e a Universidade foi a cadeia, compreende-se, portanto, que o mais podemos oferecer aos leitores são as imagens que recolhemos durante esses anos de observação directa de factos vividos na sanzala, sem preocuparmo-nos com rendilhados e o estilo de bom português de verdadeiros escritores. Sou escritor de *MULALA NA MBUNDA*, misturando português, quimbundo e umbundo.

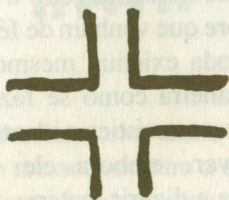
Procuramos escrever de forma possível a ser compreendidos pelos leitores que se identificam com a nossa linguagem e forma de viver. E estes leitores já se manifestaram dando-me todo o apoio.

Por exemplo, das obras publicadas, grande parte de jovens (rapazes) e sobretudo estudantes gostaram da «Bola com Feitiço», «Mestre Tamoda», «Kahitu». Há muitos estudantes angolanos no estrangeiro a solicitar o envio de mais livros. E sempre que venham de férias procuram saber «se o Mestre Tamoda existiu» mesmo? Ora esta palavra «mesmo», e da maneira como se faz a pergunta, poderíamos dizer que é característica e identifica-se com a nossa maneira de escrever, embora ele, estudante lá pela «Estranja», já esteja a digerir matéria de um ângulo maior no campo de todo saber.

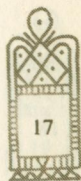
A maior parte das camaradas angolanas (mulheres) que escrevem e conversam comigo gostaram da «Manana». Nas dedicatórias citei bairros e sanzalas prometendo dedi-

car-lhes um livro, o que me tem custado crítica, porque apenas me referi a alguns bairros e a outros não. É assim que uma camarada Maria Gaspar, de Malange, do Bairro da Kizanga, estranha que não tivesse falado também do seu. Perdoe-me, então. Me esqueci, pronto já. Muitas delas desejam saber se a Saki do «Kahitu» morreu ou vive?... É uma puita!

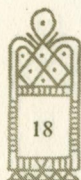
Assim percebo que estou a ser compreendido na linguagem que escrevo. E quem sabe se o meu auditório não viesse a gostar de um português aperfeiçoado como alguns dos intelectuais me recomendam. Nem sei se teria tempo de rever a gramática portuguesa para debruçar-me sobre as orações gerundivas da Morfologia, Fonologia e Sintaxe.

Não bastava apenas aperfeiçoar o português, exigia também a transformação de mim próprio. Os meus leitores ficam aqui especificados ou identificados; somos muitos, não fazemos literatura, apenas apanhamos dados, e daí talvez a verdadeira literatura no futuro venha a encontrar caminhos facilitados. Estou a dedicar o meu tempo aperfeiçoando o Kimbundo, Umbundo e outras línguas nacionais.

DEDICATÓRIAS E MEMORAÇÕES

1 — Aos heróis de 4 de Fevereiro, os que estavam dentro e fora da cadeia. A História demora fazer-se. As testemunhas oculares vão se apagando pouco e pouco, não aguentando o peso de idade e os efeitos dos sacrifícios pelo que passaram. Ó tu, grande combatente, o cognominado em títulos de livros publicados: «Braseiro da Morte» e «Labaredas do Ódio», mais do que ninguém podia citar factos vividos naquela madrugada em que se quebraram as algemas da opressão, meu combatente Masuka Malamba. Aos tombados não caberia nessa folha a sua história. Nomes como Raul Deão, Domingos Manuel, António Francisco, Gonçalves Adão Diogo, Francisco Bandeira, Adriano Domingos, Virgílio Sotto Mayor, António Pedro Benge, Cónego Manuel Nunes das Neves, Joaquim de Figueiredo, António Marques Monteiro, Higino Aires, e outros e outros mais.

2 — À Maria Jorge, naquela hora mais difícil e enquanto andavam à «Caça do Homem» de 4 de Fevereiro, sobretudo do comandante Paiva, escondeste dias e

dias os heróis, ali no Rangel, naquela cabana de madeira, que serviu de fortaleza. Muitos parentes, nesses dias, denunciaram os seus próprios filhos à Pide para evitar macas: *«Uoso uakisabe u ki kumbula, ngongo ié»* (*«Quem arranjou sarilhos que os aguente sozinho»*). Os heróis não foram para lá à toa, sabiam onde se sentiriam seguros.

A cabana de madeira foi visada mais de uma vez com o «sinal da cruz» na porta e janela, pelos algozes «de fila» dos negros sipaios e cabos civis a soldo da Pide, mas chegavam na porta e diziam: «não há nada». E quem eram esses heróis combatentes? Paiva, Neves Bendinha, Pascoal Fialho, Jorge António (Uxexa), Vasco Fortunato Madeira, Cadete, Sassassa.

3 — Kokela (Kabuidiké), deixo aqui apenas duas linhas para o fazer lembrar que escreverei as memórias do encontro na madrugada de um dia, de um mês, do ano de 1956, no Muiji (Kapiápiá), onde se fizeram os planos para convencer os velhos camponeses. Nem me esquecerei da finta que aplicaste ao polícia «aracuara» que me acompanhava algemado ao «Ataíde». A luta de libertação de Angola está cheia de episódios heróicos. Na madrugada de 4 de Fevereiro, destacado à Casa de Reclusão de Angola, com coragem cumpriste o teu dever, sobrevivendo a alguns sacrifícios. Com um só braço, o outro tinha ficado no combate de 4 de Fevereiro, fizeste subir a bandeira da R.P.A. no dia 11/11/75, meu grande combatente Imperial.

4 — Ao sobrevivente Miguel, o Miguelito, Miguel dia Hanji. Fizera parte do ataque de 4 de Fevereiro.

Preso no dia 20/3/61, andava a ser procurado por todos os lados, e um prémio para quem o apanhasse. Telegramas a todas as Províncias e recomendações nos postos e estações de Caminhos-de-Ferro, controlos. A família levada da sanzala para o Posto Administrativo, onde sofria porrada diária para descobrir o paradeiro do Miguel Hanji. A mulher e os filhos, não aguentando as ameaças dos «araracuaras», se refugiaram a casas de vizinhos. Na formatura perguntavam às centenas de presos se conheciam e aonde podiam encontrar o Miguel Hanji.

Miguel Hanji estava na cadeia há muitos meses, fazendo parte da formatura, varria as celas, fazia o trabalho de faxina, com o seu outro nome verdadeiro de Miguel Francisco de Carvalho! Durante aqueles primeiros meses de «suspenso» na cadeia, aguardava a hora de ser descoberto e executado. Houve um companheiro da prisão, depois de muitos meses, que te reconheceu e chamou a um canto: «— Você não é o Miguel Hanji? — Quem é que te disse isso? O dia que voltar a fazer esta pergunta meto-te na caldeira de água de fúnji» — respondeste.

Muitos episódios que hoje podiam passar por lendas foram vividos. Coragem e uma homenagem para ti, camarada Tenente, só respiraste fundo quando em 1/11/64, passados 4 anos, foste posto em liberdade, para depois cair de novo em 1972 e sair depois de 25/Abril.

5 — Ó Neves Bendinha, o Kajinjangu, como eras conhecido por todos os presos revolucionários. A tua história é longa, não caberia numa simples dedicatória,

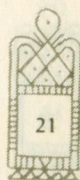
ela está anotada à espera do dia de ser publicada. «*O jinjangu tua jizuika kiá, tuandala kia ngo o kizua*» — era a primeira saudação sempre que me visitavas. Esperto, valente, corajoso, dinâmico. O teu desejo, a tua ânsia, era receber a luz verde para o começo do ataque, «porque as catanas há muito andavam afiadas». No dia da manifestação ao Palácio para protestar contra a proeza do barco «Santa Maria», do capitão Henrique Galvão, conseguiste desviar para a Casa de Reclusão o povo que do mato desembarcava na estação do C.F. do Bungo por ordem das autoridades administrativas, militares e policiais, convidado para engrossar o grito de «viva Portugal, viva Salazar!». Trabalho bem feito. Nesse dia a visita da Casa de Reclusão era tão numerosa que os guardas tiveram medo e não deixaram avançar mais gente. Nesse dia os velhos vindos do mato, conforme promessa das autoridades, para assistir à saída da cadeia dos seus filhos, sentiram-se mais uma vez enganados. Antes, no Bungo, apareceram os agentes da Pide a empurrar o povo para o Palácio, mas, graças a coragem dos valorosos combatentes, malograram a preparada manifestação do governo português. — *Kimuieku kuondo kuabita kibetu!*(1) — alertavas. A tua vida é vida cheia de recordações e qualquer preso que esteve na cadeia basta falar no teu nome, Kajinjangu, para contar muitas. Lembro-te, depois do julgamento, quando se mandou chamar os Padres e outros angolanos da «alta» para se definirem, para que mais tarde não fôssemos acusados, como o afirmaram alguns, que fazíamos o trabalho em segredo sem os avisar. Disseste: — «Ó mano, não vale a pena

(1) Para o Palácio, não, vai haver luta.

confiar nesses funcionários. Estes estão bem e não se arriscam. Ainda vá lá os Padres.» Os Padres foram à cadeia. Última visita, 5.ª feira dia 2/2/61, e não voltei a ver-te. Não morreste.

6 — Ó mano Antonico, morreste sem ver o tremular da bandeira da Independência. Parece mentira. Hoje somos independentes. Deixo aqui uma história, que nos contavas na caserna. Grande dinamizador e propagandista revolucionário. Sem medo distribuías panfletos aos compatriotas. Fazias parte do grupo clandestino do Ilídio, Higino, Gabriel, Liceu, Cónego Manuel; sempre que deixavas panfletos na casa do velho Melvino Baeta, talvez seja este o nome, o velho enchia-se de alegria e chamava pela mulher:

«— Ó Gracinha, veja e leia este documento, tão importante, dos filhos da Terra, bem dizia que o indígena despertava do seu sono letárgico. Temos homens, temos homens! Enche-nos de satisfação e dá vontade de viver sem morrer. Guarda-me estes panfletos e, se um dia morrer, será a minha herança, e deverão ser encadernados com uma lombada de ouro, estás a ouvir, ó Gracinha? Até que enfim chegou a hora da liberdade! O dedo na ferida, o dedo na ferida, até que enfim!»

Aaii, o dia em que foste preso, mano Antonico!
— Ó Melvino, sabes que o Antonico foi preso? — contou a velha Gracinha.
— O Antonico preso, porquê?!
— Dizem que foi por causa dos panfletos e política.
— O queééé? Ó Gracinha, Gracinha, queima-me já estes papéis, bem dizia eu que aquele Antonico era

doido, maluco! Qual independência qual quê, nem daqui a vinte anos! Vejam lá, queima-me esta merda antes que comprometa a minha liberdade. Coisas da política nunca fez feliz a ninguém, queime, queime depressa esta porcaria de panfletos, não tarda que apareçam aí os homens da Pide! Vejam lá que vinha cá em casa com babuzelas afinal, para nos ensarilhar a nós todos.»

Que diriam hoje esses homens a ti, mano Antonico?

7 — Ao companheiro de cadeia Djalo, da Guiné-Bissau, que durante anos, na prisão do Tarrafal, em Cabo Verde, tocava o instrumento de «Balimbau», vão os meus agradecimentos. Quantas e quantas vezes, através do instrumento, nos levavas a África! Naquelas paredes e telhado fúnebre e medonho do Tarrafal, de onde passaram tantos e morreram centenas de presos, as madrugadas são pesadas. Muitos presos que acordavam aos gritos, endomoniados, correndo pelo corredor, pulando camas, pisando outros presos, a fugirem fantasmas vestidos de pijama, de farda da PIDE, e também de caveiras vindas do cemitério onde jazem centenas de políticos!!! Nessas madrugadas do Tarrafal o som letárgico do «Balimbau» fazia-nos viver a África no seu sofrimento, na luta de sobrevivência, na luta contra a opressão. Sem rádio nem jornal, as cartas dos familiares quando chegassem, se chegassem eram entregues em tiras, cortejadas pela censura impiedosa da Cadeia, só nos restava o som do «Balimbau» que nos ligava à África e à luta de libertação.

Um dia proibiram o «Balimbau» porque estava a fazer barulho de madrugada, porque estava a criar o saudosismo para libertar a África, porque...

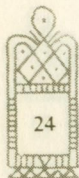
8 — A ti, ó Engrácia (Mufulama — teu nome de Kimbundu), filha de Kabenha e da Keza ka Deiá, o teu nome não está esquecido. Muitos perguntam: mas quem é aquela senhora, ou camarada, que nas cerimónias anda com balaio na cabeça acompanhada dos camaradas de 4 de Fevereiro? Eras menina, bonita-bonita dos seus 12 a 13 anos. A cumprir um preceito «Sagrado» estiveste de quarentena, dias e dias entre os guerrilheiros que dariam o grito de liberdade, naqueles imbondeiros de Cazenga, numa casita tosca e pobre de chapas de lata e de ripas de caniço. Guardavas dinheiro de cotização, e que mais? E que mais? É segredo por enquanto. A revolução precisava de uma jovem-jovem, uma pioneira que levasse naquela noite um símbolo «enigmático». E, escoltada pelo tio Raul Deão e dois valentes guerrilheiros, levaste um «balaio» que ficaria na história de libertação de Angola. Debruçar-me-ei da tua história, como foste levada daí para ser escondida nas matas longínquas das lavras de Kibanda, Kalelema, Mukuleji. Na madrugada de 4 de Fevereiro a mulher angolana não foi esquecida, estava presente, a Engrácia, pioneira: pronto!...

9 — Aos portugueses que estiveram directa ou indirectamente ligados à nossa luta, ao nosso sofrimento, aqueles que também foram oprimidos por um regime, desejo um Kandandu. Muitos angolanos, na hora H, pensavam que a aproximação a alguns portugueses era traição à causa. Mas quais portugueses? Os portugueses progressistas prestaram um valioso trabalho à causa da libertação, e muitos deles fizeram mais do que alguns angolanos hesitantes, incrédulos, oportunistas e informadores. Cito entre muitos o caso

do Dr. António de Oliveira, oficial médico que nos alertava a tempo de um plano sanguinário e macabro perpetrado pelo exército português nas matas. A confusão de muitos angolanos, na altura, era considerar o inimigo pela cor da sua pele, foi difícil convencê-los do contrário; até certa medida, compreende-se. Desconheciam que, lugares onde se deviam buscar dados e artigos de transcendente importância para a luta, os negros angolanos não estavam lá.

Quando me lembro dos pilotos que nos levavam as mensagens para o estrangeiro; dos jovens progressistas oficiais no exército que nos despertavam e nos davam notícias dos seus planos; do serralheiro civil português, aquele que nos dias 4, 5, 6 de Fevereiro de 1961, quando «lacrava» com maçarico o portão de ferro da nossa cela, reforçando-o, passava recortes de jornal e algumas notícias do que acontecia cá fora.

Ao José Luís, soldado da Marinha de Guerra Portuguesa, que nos escoltou no barco de «Guerra», da Ilha do Sal ao Tarrafal, Fevereiro de 1962. Há muitos anos procuro localizá-lo sem resultado para lhe agradecer de perto pelo trabalho que prestaste aos presos de Angola durante a viagem do Sal à prisão do Tarrafal. Deste-nos, às escondidas, água e refresco gelado contra a vontade de alguns dos teus chefes, que nos queriam deixar morrer de sede e fome no convés do navio por sermos «terroristas vindos de Angola e iriam para ser enterrados no cemitério do Campo de Chão Bom — Tarrafal! Todos eles vão morrer, não vale a pena ter paciência por eles» — comentavam alguns soldados, menos tu, ó José Luís, e fiquei com o teu nome gravado. Ao desembarcar-

mos falaste ao ouvido: «Coragem, está para breve a vossa libertação, cuidado com os informadores.» Ganhei vida. Faço apelo a todos os portugueses para encontrar o José Luís, um dos soldados que acompanharam os presos nos dias 24 e 25 de Fevereiro de 1962, da Ilha do Sal ao Tarrafal. Ó José Luís!

10 — Como não podia deixar de recordar um incidente havido na véspera e dia do julgamento no Tribunal Militar de Angola com o meu advogado Dr. João Augusto (falta-lhe um nome).

Haviam decidido alguns dos presos que no julgamento não adiantava andar-se com pedidos de clemência, pois a situação e a linguagem do regime de Portugal era de força, não perdoar a ninguém. Então há que ir ao ataque, dizer-lhes tudo que nunca ouviram num Tribunal. Alguns dos advogados não quiseram, não só não era recomendado, diziam eles, de acordo com o decoro profissional nesses processos políticos, como fazia perigar a sua liberdade. Resolvemos fazer e assinar as nossas contestações tal como desejávamos. Mas já tínhamos pago parte dos honorários aos advogados. O dr. João Augusto, depois de rever a contestação, deu um pulo da cadeira e pôs-se a gritar: «Não aceito, isso é uma afronta, lembre-se, senhor Mendes de Carvalho, que já estive em Caxias, em Caxias!...» Já em pleno Tribunal, depois de lida a mesma contestação, ó Dr. João Augusto (falta-lhe um nome), levantaste-te e acusaste: «Foi ele quem fez sozinho, nem intervi, nem uma vírgula, eu bem lhe disse, isso não é comigo, o Tribunal que fique bem consciente disso...»

Ai, eu, no banco dos réus, fiquei com uma raiva

danada, ao menos que se calasse. Pior ainda quando me vieste «consolar» batendo-me nas costas: «Fiz o meu papel, olha que já estive em Caxias, não te zangues.»

E o advogado do senhor Silva, quando viu que a maca estava quente, imediatamente mandou devolver o dinheiro ao cliente, dizia que não queria ser «panfletado» pelos rapazes armados em nacionalistas! Fez bem. Mas tu, Dr. João Augusto (falta-lhe um nome), nem um cem réis me devolveste. Fizeste o teu papel.

11 — Ao sobrinho M. Bento, uma lembrança. Na hora da confusão o ser indentificado como natural de Catete (Icolo e Bengo) era um problema. Na cadeia de Dalatando, quando dezenas de presos estavam a ser registados para destino incerto e funesto, à medida que o carcereiro ia interrogando, fazia-os passar de um para o outro lugar conforme a região ou naturalidade do preso.

— Onde é a tua terra, rapaz?

— Sou de MAZOZO.

— Onde fica MAZAZA? É no Icolo e Bengo, não é?

— Não, MAZOZO é no Icolo e Bengo, mas MAZAZA, como diz bem o senhor agente, fica no Bengo.

— Aann, já compreendo, no Bengo é aí onde cai o rio no mar, onde se come os mariscos, não é? Parece que se chama CACUACA.

— Sim senhor, exactamente, é ali mesmo. Afinal o senhor agente conhece tudo.

— Oóh, o que é que tu pensas? Eu conheço Angola inteira, ninguém me intruja. Bom, bom, ali já é

Luanda. CACUACA é bairro de Luanda, pronto, vai para aquela fila, são e salvo!

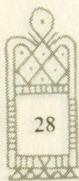
12 — Nunca me esquecerei da Isabel Manuel que se queixou do namorado a um bufo da Pide. Vingança. Armando havia dias que faltava à namorada nos dias que fazia panfletos e distribuía-os de madrugada. Zangaram-se de verdade. Ciúme. Por engano um dia o Armando esqueceu um panfleto no Compêndio de Matemática. A Isabel tirou e guardou consigo. Dias depois levou-o a um bufo acusando o namorado de estar metido «nas políticas». Armando foi cangado, morreu no Campo de S. Nicolau. Quando passo por ti, mesmo hoje, não me conformo. Armando, estamos livres!

13 — Ao velho Paulino de Jesus rendo-lhe homenagem. Tua filha Felicidade de Jesus namorava com Kabetula (alcunha), cantor de boates e vivia de expediente. O velho opôs-se, mostrando um grande futuro à filha se continuasse a estudar no Liceu Salvador Correia, onde ultimamente obtinha notas negativas. Um dia velho Paulino «tareou-te» a valer. Resmungaste e xingaste o velho em público com o rabo empinado e bracejando a dar *show*, prometendo cadeia e morte. Kabetula, que cantava para as visitas estrangeiras dos palácios e da Pide lá da Ilha, no Kusunguila, queixou-se ao Kamututa (agente português da Pide), dizendo que o velho fazia reuniões com homens vindos das matas. Preso. Não aguentou. Morreu no desterro. Também não ficaste feliz, ó Felicidade de nome, no dia que ouviram a notícia do óbito do velho, um carro passou-te por

cima e amputaram-te as pernas. Kabetula por parte incerta andou.

14 — A Maxila, da OMA, pediu-me que quando um dia fizer um livro contar a sua história por ter sido abandonada pelo marido por causa da OMA. Prometo, depois de obter a autorização das responsáveis da organização. Já tenho as duas histórias, da camarada e do camarada também, que, de calções e barriga fora a espelhar suor, estava a fazer o fúnji e as crianças a chorar e dizia-me: «Ah, camarada não aguento mais, é de mais.» Contarei a linda história.

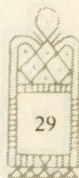
Muitos angolanos duvidaram que fossem angolanos os heróis de 4 de Fevereiro; os portugueses não acreditaram também, julgavam tratar-se de homens vindos de fora do país, e corria o boato na cidade de Luanda que os presos e mortos identificados nesse dia tinham mais de três metros de altura, dentes de elefante, braços com dois metros de comprido, duas cabeças com chifres. Fantasma! Pânico na cidade...

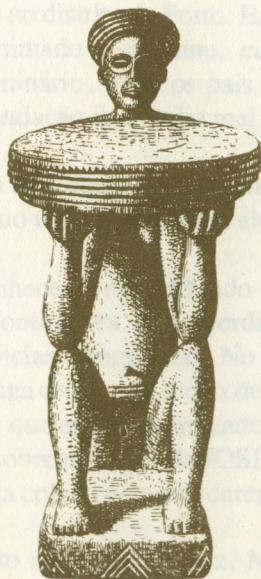
Ainda hoje, na data que escrevo estas páginas, aparece um ou outro atrevido que nasceu contrariado, e, contradizendo a si próprio e a tudo, perguntou se quanto tempo demorou o clube «Espalha Brasas», o grupo dos enfermeiros, para ter a expressão que se lhe deseja atribuir? Só a pergunta em si revela uma ignorância irónica e um insulto

que merecia resposta de umas catanadas no mataku (*mabi à jinjangu*). Como é que se deve duvidar dos milhares de trabalhadores da Saúde, em brigadas ou não, dizimados pelos fascistas portugueses desde 1961?

Incomoda-lhes a narração de factos vividos, porque quiseram ser hoje o que no passado não foram. Não acreditam até nas mães quem os teve, como não duvidar que um carpinteiro, um sapateiro, um pedreiro, um angolano de kimbangula, tivesse idealizado o plano de ataque e elaborasse milhares de estratagemas para mobilizar grande número de adeptos na luta de libertação? Se lhes dissesse que nessa madrugada estavam de catanas na mão destacados funcionários, escritores, doutores, com a ajuda de estrangeiros, ah, isso sim, sabia-lhes a um cigarro «Rex», um *wisk* e um suculento bife.

A estes dedico-lhes as palavras deixadas no «Kahitu» (Vozes na Sanzala)?!:

«... e hasteando a bandeira-de-oportunismo, gritam: *Etu Kia Ûóó*!...» Todos esses-aqueles-aqueloutros desejam estar na primeira fila para verem o espectáculo. Afinal como é? «... *O Uetu-óó*!...»

VAMOS FAZER A NOSSA HISTÓRIA, CORRIJAM-NOS, MAS NÃO DUVIDEM DA NOSSA HISTÓRIA QUANDO NÃO SABEM.

Prendeste-me
Ai, prendeste-me
Porque gritei viva Angola
Quando um dia voltar
Terei na cabeça uma grinalda de mussequenha
Na mão direita rabo de leão
Na mão esquerda rabo de onça
Nos pés alparcatas de pele de elefante
E andarei pela rua gritando
Liberdade, Liberdade, Liberdade
E... e...
Com todo fôlego gritarei bem alto:
Viva Angola.

Uanhenga Xitu
(Tarrafal, 1963)

OS SOBREVIVENTES DA MÁQUINA COLONIAL DEPÕEM…

JOSÉ BENEDITO DOS ANJOS DAS QUINTAS E CELEIROS DO REI, bisneto de um encarregado dos celeiros do rei, nasceu no distrito do Porto. Era o cassule dos três irmãos. Muito mimado e traquino, custara adaptar-se à disciplina do Seminário, onde os pais o desejavam fazer padre por recomendação da família real.

Mudara para um Liceu, onde revelara rara inteligência e classificado como um dos melhores alunos do 6.º ano.

Sonhava conhecer o novo Mundo que Portugal construíra nos cinco Continentes. A sua perdição era a disciplina de História e Ciências Geográficas. No Liceu simpatizara-se com uma colega da mesma turma de nome Mónica, um ano mais nova do que ele. Esta amizade pouco agradara os pais da Mónica, sobretudo quando JOSÉ DOS CELEIROS se dirigia a casa da colega para estudarem juntos.

— Não gosto nada deste rapaz, Mónica. Um pouco insolente e parecê convencer-se que é descendente de reis de Portugal, mal sabe a sua história. Descendente de famí-

lia pior que escrava que trabalhou séculos e séculos nas quintas do rei, o que lhe granjeara a graça de ser hoje recompensada com aquela quintazinha.

— O que isso tem, mãe?

— Nada tem, dizes tu. Há dias ouvi-te falar que o rapaz tinha sangue azul! Qual azul qual encarnado? Deve ter mas é sangue dos Mouros ou dos negros, dos milhares de escravos que serviram os reis antigos. Andam por aí muita família que deseja passar por aquilo que nunca foram, passando por mordomos, condes, príncipes, marqueses, sei lá mais, talvez... por reis. Hunn, aquele nariz chato pouca gente adivinha de quem seria...

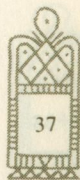
— Mas, ó mãe, embirra-se com o moço por não ser descendente de reis ou por simples razão de estudar comigo cá em casa? Não foi ele quem mo disse que era de sangue azul... Dizem por aí...

— É um moço atrevido e basta, e sua família na presunção de água benta e com um anel de ouro no focinho julga-se mais do que a tua, neta de engenheiros, de médicos e juízes.

O companheiro apercebia-se a cada dia que se passava que suas visitas não eram bem vistas. Algumas vezes quando tocava a campainha da maçaneta dourada da porta, assim que a empregada ao abrir deparava-se o moço dizia num tom acre: «A menina Mónica não está e até logo» — quando na verdade estava em casa. Outras vezes, eram as olhadelas da mãe da colega e o mexer propositado dos móveis e utensílios que faziam desviar a atenção da matéria de estudo.

A hora de estudos conjuntos mudara para casa do José, onde vivia com uma família amiga dos pais. Estes sempre viveram no campo, onde, como é tradicional dos pais-dos--pais e por recomendação escrita dos antigos monarcas, continuavam a fazer parte da família real para garantir a assistência aos terrenos e administrar os negócios e benfeitorias.

A Mónica tinha primos e tios da parte da mãe em algumas colónias do império português, como por exemplo Angola, Moçambique e Índia. Escreviam cartas aos pais dela, de onde vinha de tudo um pouco. Informações sobre a situação política, social e económica. Pedidos de recomendação para um amigo ou conhecido. Queixas sobre a actuação de um Governador-Geral ou de Província, Administradores de Concelho, gerentes e directores de empresas. Os pais da Mónica granjeavam, do Minho ao Algarve, uma posição social de grande reputação junto dos magnatas do Palácio de S. Bento e do Terreiro do Paço. E não só: a mãe da mãe da Mónica, muito beata, através de sua irmã, freira que prestava trabalhos na residência de Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Portugal, conseguia ser frequentadora da morada do Cardeal e receber a bênção mui desejada e sagrada quando bem ela a precisasse.

Através desses canais, o Cardeal Patriarca sabia muito mais do que se passava religiosamente na colónia, do que alguns padres, cónegos, bispos e arcebispos ali residentes. Também política e socialmente o Cardeal acompanhava mais de perto os acontecimentos do império que do que aquilo que vinha nos relatórios de Sua Excelência o Presidente do Conselho enviados pelos Governadores-Gerais e de Província e pelos Comandantes militares.

Certos governantes recorriam-se dos primos ou dos parentes da Mónica para lhes assegurar o lugar e desfazer os mal-entendidos imprevistos dentro da colónia e em Portugal. Muitas das decisões finais, de factos fundos, chegados a S. Bento, foram tomadas depois de auscultar a opinião ou informação das cartas dos parentes da Mónica, que nas colónias funcionavam como uma fonte de informação extragovernamental e cheia de crédito.

Utilizando a via de influência da cardinalícia, o jovem José dos Celeiros de Reis tinha conhecimento de algumas informações através da Mónica, que, de sua parte, das cartas que recebia contavam as aventuras e cenas da África. José encantava-se com a leitura das missivas que falavam das árvores de dimensões e comprimentos descomunais, do Zoo de Gorongosa, dos matagais que nunca viram o sol, dos filões de diamantes e de ouro. Transbordava-se de alegria quando via os álbuns das Índias da canela, pimentas, sáfiras... Numa das passagens da carta convidava a ida de alguns jovens a Angola que quisessem de facto ir continuar a obra começada há séculos por heróis e bravos do passado para um Portugal maior.

Uma ocasião a Mónica deu a ler ao companheiro o dossier de correspondência do pai com o título «África». Encontrara numa carta dactilografada e comprida que falava duma cena que passara no Governo de Angola e que eram protagonistas Monsenhor Alves da Cunha, o Governador Manuel da Cunha e Costa Marques Mano, comandante militar, e outras personagens negras, como Alberto de Lemos e outros. Na mesma carta referia-se a entidades ligadas à Companhia de Diamantes do Dundo, da Fazenda CADA e da Companhia dos Caminhos-de-Ferro de Benguela, que tentavam, ao lado do Monsenhor Alves da

Cunha derrubar o Governador Marques Mano. Recomendava que «fosse rapidamente informar ao Cardeal para que o S.B. (S. Bento) não tomasse uma decisão precipitada sem que chegasse aí no primeiro navio um emissário. Pois havia um cardume de tubarões que em nome da Religião e do Estado serviam-se das riquezas de Angola em seu proveito próprio». Colada à carta estava uma linguinha de papel com uma observação escrita a lápis pelo pai da Mónica:

«Atenção» (A Companhia Diamang de Angola oferece à Igreja um donativo superior do que o orçamento que recebe do Estado. M.M.M. pode ter razão, mas... todas as razões são condicionadas...)

Ir à África, conhecer outros mundos, viver a natureza na sua pureza. Neste Portugal antes dos Romanos, Árabes e outros povos aqui passaram e viveram nada mais de novo pode oferecer à minha visão. Abandonarei os estudos e sei que darei um golpe duro aos meus pais.

O abandono dos estudos da parte do José foi por questão de frustração. Bom aluno como era nunca passara para o 7.º ano, porque por duas vezes fizera parte de uns tumultos entre estudantes e a Reitoria do Liceu que levara a Polícia a intervir. Da última confusão alguns dos seus colegas passaram dois dias na esquadra, ele apenas horas valendo-se da influência da tia e do pai da Mónica e,

também, a dos senhores do pai. Era tido como o cabeça das reclamações e reivindicações. Os professores não o podiam ver, mas no meio estudantil tinha aceitação, alcunhado por José das Direitas.

No lanche do aniversário duma colega do Liceu, estava um parente do dono da casa vindo de Angola que aproveitou contar histórias sensacionais sobre a cidade e sanzalas de algumas províncias.

Não percebo — contava a visita —, com tanta gente desempregada cá em Portugal, não irem empregar-se em África. Ali, é só chegar tem trabalho no Estado, nas Companhias, nas lojas, e em toda a parte. Não é preciso saber muito, um mestre-de-obra cá no Porto em Angola é um engenheiro. Vocês devem conhecer o José da Bóia, que praticava enfermagem em Leixões, hoje é Doutor, médico, duma terra chamada Kazombo, da Província do Bié, distrito do Moxico — Vila-Luso. Esteve comigo, é sério, é médico de bata e aparelho de Doutor no pescoço. O Piegas das Agulhas, conhecem? O filho do Agulheiro do Bairro S. José ganha dinheiro como água. Mestre de construção civil com muitos pretos à volta dele a dar ordem e pagar maços e maços de dinheiro! Garotas também não faltam e nós somos os mais queridos. O António da Azambuja, aquele que na escola não estudava, o filho da velha Azambuja, de S. João, dizem que é Chefe do Posto num Concelho de Kuanhama. Recebe «Gobiernos» com categoria.

José das Quintas não se conteve, partiria para Angola. Enquanto aqui para ser engenheiro ou médico, depois do 7.º ano, é necessário de oito ou mais anos, lá em África em poucos meses tenho o curso. «Não irei atrás das riquezas, que meus pais ainda têm para mo dar. Gosto da África, e se

calhar dar-me mal por lá regresso ou peço a ajuda da Mónica.»

No ano seguinte, contrariando a vontade dos pais, não se matriculou, apesar de ser o melhor aluno do quadro de honra. Ingressara na Escola de Enfermagem para ter princípios básicos de medicina. No fim de dezoito meses teve a melhor nota do curso. Tratou a papelada de embarque com auxílio de um procurador-ambulante, daqueles que viviam lá de expediente. Em Angola a colocação estava garantida na Província de Benguela.

Na véspera da viagem a mãe do José das Quintas não dormiu. Para a África iam os condenados de vários crimes ou os que tentavam a sorte de novos-ricos ou os governantes e os que fossem destacados em missão de serviço da soberania.

— Não é o teu caso, Josèzinho! Nada te falta, fazes-te de filho pródigo à força? Nunca te fizemos mal, criámos-te tão bem e com todos os mimos e foges os teus queridos pais, abandona-los sem motivo, para aventuras perigosas em África, onde ainda se diz haver homens que sacrificam gente e animais ferozes que a todo momento espreitam para a desgraça? Tão velhos somos que não sei se nos encontrarás com vida. Ai, hum, meu filho... Ó António — para o marido —, não conseguiste encontrar o Conde para aconselhar o Josèzinho, andas aí tão caladinho, como se nada acontecesse contigo; não vês que é uma desgraça deixar partir um anjinho, um garotinho destes, para a África?!.

— Ó mulher, fiz tudo e nada consegui. Até paguei alguns homens para que lhe roubassem a papelada de embarque. Aconselhou-me o Conde para o deixar seguir,

depois de arrepender-se volta. O impedimento criaria mal pior. Nenhum dos meus familiares esteve na África ou na Ásia, que ideia deste rapaz, custa-me vê-lo partir e o que queres que te faça!? — soluçou.

No fim de onze dias de viagem de barco que partira do porto de Leixões, chegava a Lobito por volta das 15 horas. Muitos passageiros e muita gente à espera dos seus. José, na varanda do «Convés», tentava a muito custo descobrir na multidão em terra o abanar de um lenço branco do amigo Relva vindo de Benguela ao seu encontro, de acordo com o combinado nas cartas. Agitou o boné várias vezes, que por má sorte veio a cair ao mar, e pescado por remo de uma embarcação do servente da Marinha que não o quis devolver senão no Gabinete da Capitania do Porto.

À medida que o povo ia diminuindo, matracando as escadas do navio, aguardou na varanda. Se Relva não aparecer iria acompanhado de uma família que a ocasião da viagem os fizera amigos. Não tardou, sentiu uma palmada nas costas, era do Relva. Abraços.

No dia seguinte apresentou-se na Inspecção do Círculo Sanitário de Benguela, pois nesta altura Angola fora promovida de Colónia para Província com direitos iguais do Minho ao Algarve.

— Sejas benvindo. Não desconheces a missão que te traz a África e sobretudo na tua profissão. Estás colocado no Hospital do Huambo, mas deverás seguir temporariamente ao Posto do Mungo, do Concelho do Bailundo, onde surgiu uma epidemia. Está lá uma equipa, deverás substituir o enfermeiro que embarca de licença brevemente. Por enquanto, e para se adaptar, vais passar alguns dias em casa. Porém, em querendo, pode vir começar a familiarizar-se com o trabalho, doenças e doentes deste Hospital nas enfermarias ou banco. Aqui a vida é diferente de lá. Nem tudo são rosas. Podes ser bom profissional mas se não cumprires com as medidas traçadas pelo Governo, isto é, saber lidar-se com os pretos, com as autoridades gentílicas, não poderás vencer. Sem racismo, sem distinção de cor, preto e branco andam juntos e com a mesma igualdade, mas, aos nativos, saber mantê-los a distância; o negro pode saber mais do que tu mas tu és tu... Por exemplo: cá na cidade há pretos e mestiços què ocupam lugares de destaque e têm como subordinados funcionários brancos. Mas não penses que sejam superiores, é difícil compreenderes tudo hoje, mas, com o hábito de ver e sentir, aprenderás que acima de tudo está Portugal e sua soberania, que devem ser defendidos custe o que custar. Aqui não há ideias; todos os portugueses residentes em África são da União Nacional, do Estado Novo, senão para cá não vinham. Penso que de Portugal deviam antes de embarcar passar por uma escola onde aprendessem alguns conhecimentos basilares de como se deve manter a política de unidade nacional em todos sectores. Os únicos que estão bem formados e preparados são os do quadro administrativo. Depois da Segunda Guerra, a última que acabou há pouco, tem havido alguns portugueses e mal informados que manifestam ideias, sobretudo nos brancos naturais de Angola. Não te fies nesses, mantê-los também ou poucochinho à distância, não queremos um outro Brasil.

Foi o sermão de recepção que o José das Quintas ouvira do Fiscal do Hospital, antigo membro da Legião Portuguesa que em nome disso jogava a sua cartada, tirando partido, intrigando e ameaçando médicos, directores e colegas.

O amigo Relva, conhecedor do meio, exercera a sua influência para que José não fosse colocado tão longe, terra sem vida e de poucos brancos. Além disso, como descendente de reis, era uma desonra a toda Família Real de Portugal d'Aquém e d'Além-Mar...

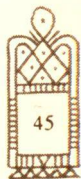
Ninguém acreditara na história, que necessitava de confirmação, pois um descendente de reis como enfermeiro e sem recomendação especial ou era contra Salazar ou vinha já como castigado. O José estava alheio a toda movimentação do amigo; quando soube ficou aborrecido e rogou e suplicou ao director para que não desfizesse a colocação e o deixasse seguir. Sentia-se jovem e, para cidade, bastava um Porto. Queria ver e viver a África nos seus mais recônditos sítios. Os outros descobriram e civilizaram, talvez ele vinha um dia a pisar um dedo de terra onde nenhuma pegada de um português ali pisara, o seu maior orgulho para uma prosa a Mónica.

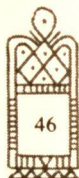
Pela parte da tarde chegava o enfermeiro ao Posto de Mungo num camião com destino a Malange, aproveitando

uma boleia possibilitada pelas autoridades do Bailundo. Recebido no Posto do Mungo pelo Carlos Alberto Maia Ribeiro, chefe do Posto Administrativo, lisboeta de sete costelas que já percorrera Angola de lés a lés em missão da soberania portuguesa e homem dedicado, aplicado na doutrina colonial, contava sete louvores.

Os dois edifícios dos Postos Administrativo e Sanitário eram vizinhos. Como jovem e novo na área, seria aconselhável passar cá as refeições até que arranjasses um rapaz e utensílios de cozinha. Agradeceu ao convite do chefe. No Posto Sanitário apenas havia dois empregados: o ajudante de enfermeiro e o Domingos, que se ocupava da limpeza. Foi-se adaptando, tendo como guia o Domingos, não obstante dos préstimos oferecidos pelo chefe Carlos Alberto e por alguns comerciantes da área. Não calcula a alegria dos portugueses aí residentes de verem mais um «metropolitano» no seu meio.

Nas primeiras semanas o José ouvira histórias, actos heróicos e façanhas sem conta sobre a África. Mas foi-se afastando da tutela do senhor chefe, que o desejava guiar como seu pupilo. Além disso, na refeição do almoço muitas vezes tinha de esperar horas até que o chefe acabasse de surrar uns quantos pretos. A casa da residência ligada à Secretaria o José ouvia o estalar das palmatoadas e os gritos pungentes dos indígenas. Quando o Carlos Alberto entrava na sala de jantar nervoso e a transpirar, sorria para o José, dizendo:— Aqui se trabalha para se manter o prestígio e a dignidade lusa.

A D. Epifânia, açoriana, de maneiras muito finas e de lenço sempre ora no bolso da blusa ora do casaco, de terço de «Aves Maria» sempre na mão, não dava o mínimo sinal

de se comover religiosamente perante os «trabalhos» do marido, antes pelo contrário tentava justificar os efeitos com outras histórias de colegas de Carlos Alberto que faziam o pior nos outros Postos. Mentalizada e conformada. Certa vez, na ausência do marido, mandou apalmatoar duas raparigas das 13 que trabalhavam ao serviço de «cartar» (carretar) água do rio para o Posto, por terem chegado tarde. Não aceitou a justificação de que, sendo o pote propriedade sua (delas), o mesmo que servia para pôr água na casa delas era o mesmo para o Posto, e nessa manhã as duas raparigas tiveram um acidente no rio, tendo-se quebrado os dois potes.

As manhãs são diferentes das do Porto. Eucaliptos verdes verdes verdes, diferentes arbustos com copas em cogumelo e mimados que nem um cordeirinho a ser «cocegado» suportam mansamente os pingos da chuva miúda. Sobre o lençol cor de esperança a tapetar o chão que se estende até perder-se de vista pousam, andam, levantam garças (*onyange*) em bandos; os raios solares aspraiam sobre a relva verde, criam pérolas cristalinas, brilhantes; as dálias policrómicas, os malmequeres, as rosas, os lírios que ninguém plantou regou e podou são acompanhados no seu crescimento e transformação pela música matinal, nostálgica do cucu, do pimplau, pintassilgo, e outros: ocihungulu, ondingili, onduva, omgumbe, opumumu e ombovo, uma sinfonia sem compositores, mestres, sem maestros e sem batutas. Eis uma do ombovo:

Siti njimbila posi,
Ombunji yivumba.
Siti njimbila vilu,
Ongonga yi yakela.
Etali ukukui wange wé!
Hi, hi, hi, hi, hi.[1]

Passam um, dois, três camiões carregados de gente que canta alto, não se compreende se está triste ou alegre.

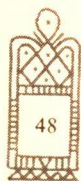
---

(1) Faço o meu ninho na terra,
O salalé dá-me cabo dele
Faço o outro no alto,
O gavião devora-mo.
Ai a minha tristeza!
Hi, hi, hi, hi, hi. (onomatopaico da canção do pássaro ombovo)

... É LUTO...

Toda minha vida é luto
Sim, é luto...
Lutulado e conenecado
Pela vida
Luto-é-minha cor
Luto-é-minha vida

Marcho-e-danço
Setulando masemba, mas...
Minha vida-é-luto
Minha cor-é-luto

No tambi canto-e-danço
Diquindando
Na junda canto-e-danço
Coelando
Mas... Não distingo
Canto-de-choro
Canto-de-junda

Dos olhos não caem mais masoxi
Bombaram, Bombaram, Bombaram
(Bulu-Bulu-Bulu... mbom-mbom-mbom...)
Dondaram, Dondaram, Dondaram
(Bulu-Bulu-Bulu... Mdom-Mdom-Mdom...)

Mas reservei um comprido disoxi
Só, só um para ti ó única querida[1]
Quando distinguir(ei)
O canto-de-choro
O canto-de-junda

Uanhenga Xitu
(Tarrafal, 1968)

Poema publicado na revista **Angola**, 1972.

---

(1) Angola.

GLOSSÁRIO

Lutulado — socado, batido *(kulutula)*
Conenecado — mirrado, mutilado, aleijado *(kukoneneka)*
Setulando masemba — dando umbigadas, dançando
Tambi — óbito
Diquindando — gingando, requebrando *(kudikinda)*
Junda — festa, dança
Masoxi — lágrimas
Mbombaram e ndondaram — pingaram *(kumbomba, kundonda)*
Coelando — jubilando, aplaudindo *(kukouela)*

— Ó Domingos, corre vem cá ver isso, que gente é aquela? Estes pretos cantam bem, é pena não saber o significado das suas vozes!

Nda oyongola we kuende kundalatuwe!
Na oyongola efuki we kuende we yalova.
Okutunda kimbó
Vandilonga ve kalu
Okupanda ko feka yimue siakulihile.
Oko ko wissi ko feka yo kafe
Kuli ongongo lo hali lo tokua kuenda efuki
Esalamiho olio lia linga ovava okunyua
Kuenda okuyua vetimba.

Ohali we!
Otokua we!
ongongo.

Kaputo wacindinga omo lio kutekava kuange
Cosi eci kikapua ale eteke limue.[1]

---

(1) Se precisa do sofrimento, vá ao contrato.
Se precisa do sofrimento, vá ao contrato.
Ah! é enorme.
Fui levado amarrado vindo do Kimbo,
Meteram-me no carro rumo a uma terra desconhecida,
e estranha.

Era UÍGE terra de café
Existe sofrimento, angústia desespero e padecimento.
Comendo no campo ou no pomar
Surra sobre mim
O meu suor servindo de água para beber,
E para tomar banho.

Sem descanso, ai! Que sofrimento!
Existe sofrimento angústia e padecimento.

— Ó patrão, vão no contrato saíram do quimbo e vem no Posto para passar guia, depois seguir no Bailundo e daí despachar para qualquer parte onde fica um ano, cadavez seis meses. Alguns contratados vão para café nos Dembos, Vila Salazar, Gabela, Uíge; outros mais vão para pesca de Moçâmedes ou Benguela.

— Mas quem é que os vai buscar dos quimbos e quem é que os paga?

— Ó patrão, isso dá uma conversa grande. Eu já andei no contrato três vezes. Aqui cada comerciante arranja as suas pessoas para vender nos donos das Fazendas. Cada comerciante recebe quinhentos ou um conto para cada pessoa que arranja. Para o dono da Fazenda tem um empregado ou Gerente ou Director da Fazenda que venha nos Postos ou Concelhos arranjar pessoas que chama angariador. O angariador comerciante também arranja outro angariador já de preto para passar nos quimbos...

— Não estou a perceber bem... Quer dizer, os donos das fazendas mandam para cá os seus empregados, pode ser o Gerente ou Director ou outro qualquer. Este ou estes por sua vez escolhem em cada localidade um indivíduo que, geralmente, recai num comerciante com influência na área e bem considerado pelos indígenas. Estes encarregados de ir aos quimbos à procura de trabalhadores chamam-se angariadores, é assim?

— Sim, patrão.

O colonialista fez-me isso tudo por ser negro;
Haverá o fim disto tudo qualquer dia.

— Não há cá patrão, ou chamas-me senhor José ou senhor enfermeiro, está bem? Bem, o angariador recebe 500$00 ou um conto de réis por cada preto que arranja... E você recebe quanto?

— O comerciante dá logo Fuka (dívida) de panos, vinho, enxada e alguma coisa que quer deixar para a família. Paga quando acaba o contrato. Mas às vezes o dinheiro quando volta não chega, encontra data de conta, é imposto, é óbito, é dívida do filho, da mulher, e quando acaba o contrato chega no Posto já está voltar outra vez. A pessoa nem chega mais ir em casa, encontra já outro patrão que está convidar. Ou vai no outro contrato do chefe do Posto. Na Fazenda ou na Companhia paga um bocado, o resto recebe tudo no Posto quando voltar no contrato.

— Olha para aquela fila de gente, mulheres com crianças nas costas e embrulhos na cabeça, homens, rapazes e raparigas, tanta gente para onde, também para o contrato?

— Não, menino José, vão para Missão Católica de S. Bento para receber comunhão, aprender doutrina e disciplina de casamento, quem quer casar, receber baptismo e tudo mais quanto é... Cada sanzala vão pessoas na missão e ficam lá uma semana. Levam comida e enxada porque quando fica esperar chegar o dia de confessar, de baptizar, ou de casar ainda começa campinar na granja ou Fazenda do senhor Padre!

— O senhor Padre também tem Fazenda?

— Grande, onde tem porcos, cabritos, galinhas, bois, trigo, milho, mandioca, batata-doce, cebola, banana, ananases e tudo... Os cristão é que capinam e trabalham.

Só uma máquina bem estruturada pode movimentar num complexo de interesses como estes. Vejamos, existem o que me parece três espécies de contratos, o primeiro é aquele que tem o carácter de voluntário, em que o Empresário através de meios próprios e complicados adquire mão-de-obra braçal ou antes serviçal. O segundo é que tem a legalidade oficial de obrigatoriedade em que, mensalmente, determinados chefes de Posto Administrativo têm de fornecer um X de indígenas para socorrer aquelas empresas que de uma ou de outra forma não conseguirem o número suficiente. Vêm estes indígenas das sanzalas onde são arrancados à força pelos Sobas, Cabos Civis e Sipaios, e a qualquer pretexto para completar o número. Neste contrato dispensa-se ao cumprimento da praxe de pôr todos os contratados na fila diante de autoridade administrativa, do gerente, do angariador, para se saber dos serventes se «vão de vossa livre vontade, não houve interferências ou influências de pessoas estranhas como Sipaios e de outras autoridades tradicionais, e se já sabem o preço que vão ganhar e a espécie de trabalho a fazer. São formalidades para legalizar a ilegalidade».

O terceiro contrato é benzido, talvez pareça menos pesado, é o dos padres. Com uma diferença, o tempo parece ser curto de 8 em 8 dias uma ou umas sanzalas; mas se admitirmos beber a hóstia da comunhão todos os meses, por ano teremos 8 x 12 dias, é igual mais de três meses de trabalho por ano. Também aqui não há ração, as alfaias são dos cristãos, o vencimento é a doutrina, é o sacramento do baptismo, é o sacramento do casamento.

Os noivos prestes a casar demoravam mais dias para aprenderem bem a doutrina cristã e os deveres do matrimónio, ao mesmo tempo que ambos prestavam o trabalho para

a obra de Deus. E não aparecesse por lá um catequista da força temperamental do irmão Moisés, que, de noite, na hora morta, ia ao acampamento dos fiéis à procura das «debutantes», «nubentas», para lhes ensinar os deveres «especiais» que não constavam dos livros canónicos: «Vinde a mim todos... que vos aliviarei.» — E as aliviava com um grande terço que lhe descia do ... para os pés.

O crime de adultério entre os fiéis era remido com dias de trabalho na granja, e se os jovens criminosos fugissem para parte incerta eram os pais ou familiares castigados por não terem dado bom exemplo aos filhos que deixaram conspurcar uma aldeia inteira.

O terceiro contrato tinha vantagem por gozar da protecção da Igreja, pois em caso de disputa entre os angariadores o trabalhador que, sendo cristão registado na aldeia, recorresse às boas graças do senhor Padre, nem o primeiro nem o segundo contratante tinha força moral para o arrancar.

À noite, depois do jantar, cada um em sua casa, as duas mais destacadas autoridades da área sentavam-se nos degraus da escada que dá para a secretaria.

— Tu és novo na idade e na África, haverá tempo para compreenderes a nossa missão civilizadora. No mundo não

há outro país que melhor tratou o negro que Portugal mesmo antes e depois da abolição da escravatura. Se fores ao Congo Belga, à África do Sul e nas colónias inglesas e francesas, notarás de que lado está a razão. Internacionalmente somos acusados pela forma benévola como tratamos os indígenas das nossas Províncias. O Acto Colonial, Carta Orgânica, a Reforma Administrativa Ultramarina, Lei Orgânica do Ultramar, Código do Trabalho dos Indígenas, Estatuto da Província de Angola, Regulamento do Foro Privativo dos Indígenas, Registo Civil dos Indígenas, Estatutos dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique e outros diplomas e decretos formulados que têm guiado a nossa administração se adaptam às realidades do momento. Passaste pela cidade de Luanda e Benguela; antes estiveste àlgumas horas em S. Tomé. Mesmo no Porto viste quantos estudantes de medicina, advocacia, engenharia, pretos e mestiços das nossas províncias, muitos que ocupam lugares de destaque. É certo que há um Estatuto especial que gozam as Províncias da Índia, Cabo Verde e de certo modo S. Tomé, povos com um nível de vida (meneava a cabeça e gesticulava o braço) sensivelmente diferente. Depois da 2.ª Guerra Mundial achámos acompanhar a evolução do tempo. O problema prioritário é o desenvolvimento económico e social das Províncias e dos seus aborígenes. Precisamos de alfaias, máquinas e equipamento agrícolas. Há contas a pagar ao estrangeiro, uma dívida flutuante. Os credores oferecem-nos uma chance de troca dos nossos produtos, sobretudo o café, algodão e sisal. Há que aproveitar antes que apareçam outros concorrentes no mercado. Há falta de mão-de-obra, que existe geralmente em alguns concelhos onde infelizmente a agricultura apenas se limita àquilo que chamamos géneros pobres, como milho, feijão, mandioca. Estes géneros apenas para consumo próprio e às vezes nem chegam para eles

comprar roupa e pagar o imposto. Fez-se o Estatuto de aproveitamento a toda a mão-de-obra existente. O que tem dado bom resultado, porque o indígena sente-se outro, já adquire uma bicicleta, uma máquina de costura com poucos problemas, adquire casas de adobe e o próprio comércio da área começa a ganhar vida. Do contrato vão voluntariamente, sem coacção, alegres. Se calhar ainda não os vistes passar nos camiões a cantar? Têm direito a assistência médica, alimentação e dormida, ganham 150$00 mensais, depende da qualidade de trabalho. Lá recebem um terço dos seus vencimentos mensais porque têm necessidade de comprar alguma coisa. Os outros dois terços recebem cá no Posto no fim do contrato. Este é o contrato, o que significa acordo entre o trabalhador e o patrão, e não, como pensas, que contratar o indígena é uma obrigação da parte da autoridade com o dono da Empresa.

— Atenção, senhor chefe, e não se esqueça que ia a dizer — interrompeu o José das Quintas, que até aí só se limitava a ouvir e a menear a cabeça em sinal de aprovação irónica. — Mas parece que há um contrato em que a autoridade intervém directamente.

— Sim, ia lá a chegar. Não se chama contrato, o termo generalizou-se. Mensalmente cada soba é obrigado a dar alguns indígenas para o Governo, mas um número muito reduzido para socorrer em qualquer emergência as Empresas em que o Governo tem interesse no seu desenvolvimento, além daquelas em que somos accionistas. Para arranjar o pessoal com certeza não vamos entrar em competição com os angariadores. Muito desse pessoal às vezes vai completar ao contigente do pessoal de uma Empresa com grande necessidade. São pagos. E geralmente vão mais aqueles que na sanzala dão pouco rendimento, não conse-

guem pagar o imposto, etc. Nós arranjamos um modo de vida para eles sobreviverem. Se não fizéssemos isso estaríamos a criar muitos inválidos. Sabes que por natureza o preto é preguiçoso, indolente, sem ideia de iniciativa, quer dizer, se não for empurrado com firmeza ele não avança.

— E essa coisa de se o contratado falecer tem de pagar os impostos atrasados e se fugir os pais ou parentes pagam as contas?

— Contas são contas, achas que se ficares a dever à Fazenda Nacional o facto de tu morreres os teus parentes não pagariam os impostos?

— Se morresse e deixasse bens com certeza o Governo agarrava-se a eles, e que bens deixa o contratado?

— Os bens dos pretos, e eles o dizem, são os filhos e outros familiares. Já te disse, a nossa política é esta e no momento ninguém nos vem dar lições sobre administração ultramarina. A nossa legislação é clara, bem definida, até parece tirada a químico no Direito do Homem, reconhecida internacionalmente. A Igreja, que é a Igreja, defensora da igualdade de direitos para todos, não acrescentou sequer uma vírgula.

— Falando da Igreja, diz-se que algumas missões nessa área do Huambo, e não só, também fazem concorrência ao Governo fazendo justiça a palmatória; e, a pretexto de bênçãos, aglomeram semanalmente muitos fiéis nas hortas da área da missão. Que dizes?

— Com a Igreja não te metas. Existe uma concordata com a Santa Sé que temos de respeitar. É nossa tradição

secular, a cruz e a espada andaram juntas a desbravar mundos desde que Portugal nasceu. Sem a Igreja, falo da Igreja Católica, que é nossa; as restantes, como as Protestantes, essas são estrangeiras, americanas, inglesas e nada fazem que espiar e insubordinando os indígenas a levantarem-se contra a soberania portuguesa. Dizia que sem a Igreja Católica nenhum português resistia estar aqui e talvez, quem sabe?, a obra da civilização portuguesa estaria comprometida. Por esta razão o Governo da Nação entregou a educação e o ensino dos indígenas às missões Católicas e, também, às missões estrangeiras, para evitarmos discriminações. É certo, como é óbvio, tem havido de quando em vez uns pequenos desmandos que o Governo tem sabido evitar. Há senhores Padres agindo por conta própria, às vezes se esquecem das suas funções e imiscuem--se nos assuntos do Estado; aconteceu há bem pouco tempo o caso do Padre Mendes e o professor Eduardo Daniel e outros. Nas cidades existem escolas oficiais para todas as raças sem distinção.

Não terminou o diálogo, que foi cortado por melodiosos cantos de contratados que regressavam em três camiões dos Dembos para suas terras, entoavam:

Etaili tuenda Kimbo tuenda Kovaimboetu
tuamala undalatu ka tukala vali kulo,
ohali yalua enene etaili tukalisanga
Lapata etu osi lesanju liapiāla.
Ove ahali sialapo (1).

---

(1) Vamos hoje p'ra os nossos Kimbos,

Uma máquina opressiva e repressiva montada com génio. É a forma de escravatura mais sofisticada que já tinha lido e ouvido falar. Nem se compara ao «DRAMA DE ESCRAVATURA» do Emillio Salgari. A morte lenta de um povo tão bem delineada que faz com que até as pessoas bem intencionadas são apanhadas nessa montagem, nesse enredo e, maquinalmente, eram capazes de defender o regime e darem o peito às balas: Viva o Império Colonial Português viva as Províncias Ultramarinas!

O Mungo e outros Postos administrativos com a «abundância-de-mão-de-obra» nada diferem dos mercados da antiguidade onde se fazia a transacção mercantil dos escravos negros para os latifundiários dos grandes senhores, de América, Ásia e Europa.

Na ida e vinda dos contratados, a povoação embandeira-se de festa dos amigos e familiares que vêm despedir-se e receber os seus; daqueles que vêm saber dos repatriados que lá morreram, dos angariadores das Empresas e seus agentes (capangas) que trazem diversa mercadoria (tecidos, cobertores, roupas de fardo, harmónicas, apitos, gaitas, diversa quinquilharia, máquinas de costura,

---

Acabámos com o nosso sofrimento (contrato),
não continuamos mais com sofrimento,
encontrar-nos-emos hoje com todas as nossas famílias.
Adeus sofrimento.

bicicletas, etc.) para vender e oferecer para atrair mais indígenas a voltar para um novo período de trabalho; dos comerciantes da própria área com lojas abertas a toda a hora para vender bebidas e tudo cobram aos chegados: o que receberam antes de partir e aquilo que durante a ausência forneceram aos familiares; dos sobas com as suas mbanzas aí improvisadas para fazer justiça de umas macas antigas e recentes, aproveitando, antes que seja tarde, a cobrança de custos e selos daqueles que perderam a demanda que, geralmente, recai aos «novos-ricos»; dos Sipaios e cabos civis que se lançam nessa Babel com lista de nomes daqueles que ainda não pagaram os impostos atrasados para não se esquecerem, e com uma outra lista, dos comerciantes amigos dos Sipaios, para cobrar as dívidas e daí receber a sua percentagem; do próprio chefe de Posto com um arraial em frente da secretária, formado, por um lado, pelos parentes apreensivos que vêm saber se o marido ou familiar terá troco a receber e, por outro lado, pelos contratados em bicha para receber o troco de 2/3, e se receber, porque o desconto dos impostos atrasados é feito «à boca da caixa», e quando sobrar troco.

Ao contratado é mostrado um papelinho fantasma para ir pagar a conta da loja do senhor comerciante fulano que «nos pediu avisar-te que tens uma dívida proveniente de um enterro do seu filho (avó, tio, mãe) falecido na tua ausência no mês de..., bom, nós do Posto nada temos a ver com contas dos comerciantes, mas é um simples aviso».

Nessa confusão alguns pretos já embriagados e encostados ao balcão pagam a mais o quíntuplo de um objecto ou de uma garrafa de bebida do preço normal. E o comerciante desonesto aproveita-se desses dias de-feira-milagrosa. E vezes há que debita-lhe despesa não feita. Por isso que

algumas mulheres, mães e outros parentes aparecem nesse dia para salvar alguns cobres.

Por toda a noite pela povoação vêem-se fogueiras espalhadas e rodeadas de gente a dançar, a conversar, a chorar de copos, a risadas. Vêem-se também homens com lanternas e lampiões, candeeiros acesos até de dia para mostrar a «categoria» ou a fazer a «banga», numa alienação incontrolável. Nessa lufa-lufa de ambições do lucro trava-se uma luta que chega a provocar tiros e mortes. Muitos directores de Repartições, intendentes administrativos, administradores de Concelho, chefes de Posto, gerentes e donos de empresas falidas, pediram exoneração, uns, entravam de licença ilimitada, outros, para se atirarem ao negócio do contrato e aproveitar as folhas da árvore de patacas antes que chegasse o cacimbo.

Come no contratado e do contratado, o administrador e seus subordinados que facilitaram a traficação. Come no contratado e do contratado, o chefe de Posto e os Sipaios. Come no contratado e do contratado, o médico que inspeccionou os 1000 contratados em 10 minutos, que antes os põe todos nus em pelota e numa fila, mandando-os depois abrir a boca e os sovacos; já está!... Come no contratado e do contratado, o enfermeiro que vacina habilidosamente 2 mil contratados em meia hora, porque depois de chegar o gerente pergunta se ainda demora, passa um maço; já está!... Come no contratado e do contratado, o adjunto de enfermeiro encarregado de desparasitação, com cápsulas ou pérolas de tretracloreto de carbono, manda abrir a boca a todos os contratados e vai atirando algumas cápsulas ao canal, e depois de desparasitar uns 20 chega o angariador com os camiões, não pode esperar mais, atira um maço no bolso da bata; já está!... Come no contratado e do contra-

tado, o servente do hospital que com um balde de água e uma canecà graduada da farmácia vai distribuindo o líquido para empurrar as cápsulas da purga; mas, um assobio violineiro do agente ou capataz do angariador, o servente compreende e suspende a operação; já está!... Come no contratado e do contratado, o outro servente que com balde de purgante de sal amargo vai oferecendo o enjoativo aos contratados, franzem a face; mas só chega onde chegaram as cápsulas; não compreende, dizem-lhe que as cápsulas acabaram, só estes, os indígenas que ficaram vão tomar o purgante no local de trabalho e pronto, vai só no quintal para falar; você é burro ou quê? Já está!...

E o médico, delegado da Saúde Pública dos indígenas, averba na guia:

«Sob o ponto de vista Sanitário todos os contratados constantes da folha foram inspeccionados, vacinados e desparasitados.

Delegacia de Saúde do Bailundo, em Teixeira da Silva, ... de .... de 194...

Delegado de Saúde,
(ass.)»

Nessa ganância não se respeitava a lotação dos camiões. Uma viatura com capacidade para 50 a 75 homens podia carregar 120 a 150 contratados. Perdas de vida se deram no vale do Queve, na área do Bié, Benguela, C. Norte e Malange e por Angola fora. Crianças, mulheres empilhadas com as bicuatas que nem sacos. E quando chovesse era vê-los a bater com os dentes, cheios de frio.

Da saída da Cela para Quibala deu-se um acidente espectacular que causou a morte de 27 e 60 feridos, todos contratados. Quando o angariador Silveira soube chorou amargamente, lamentando em gritos pela perda de lucros que teria. Perguntado pelos outros comerciantes porque chorava tanto e se tinha morrido alguém no Puto, ou era por causa dos pretos, respondeu:

— Não, raio do azar, foi ontem recebi o telegrama para levantar os tractores e o camião novo e o equipamento e agora acontece isso! Como poderei sobreviver, quando se avança, a má sorte puxa para traz. Que me interessam os negros contratados se morressem todos depois de chegarem ao destino!? E mais, os sacanas morreram e comeram adiantados e quem vai pagar-me os fucas (dívidas), que prejuízo?!

Lá pelas pescarias de Limagem, Cabo S^ta^ Maria, Binga, Kapiandala, muitas vidas se perderam no mar por teimosia e malvadez dos seus gerentes. O peixe dava dinheiro e a cegueira ao lucro. Numa madrugada um dos barcos de pesca já cheio de contratados no porto de Benguela para Limagem, insistiu o gerente que levasse mais tambores de óleo, sacos de fuba, feijão e sal. O maquinista opôs-se. Mas o patrão Mário «Cueca» — alcunha, porque quando chegou nem cuecas tinha para tapar o cu à mostra pelos buracos de calças remendadas — teimou e ameaçou a tripulação. Bruto e grosso de corpo como era ninguém lhe fazia frente, e mais, era conhecido também como o «mata-pretos» porque no serviço de «armação», processo de pesca muito perigoso, batia cruelmente os trabalhadores e nos tempos idos atirava ao mar os contratados encontrados a descansar na hora de serviço. Ao barco ainda falta pôr o dobro da carga, não é a primeira vez que levava mais

toneladas. Eu ando nesta vida há mais de dez anos, conheço o mar e horas de calemas como a palma da minha mão. O tempo estava bom, portanto qualquer objecção que alguém fizesse «pagaria-e-pagaria ao bom pagar, ai, ai!...» Passeava de um lado para o outro de bengala grossa e curta na mão, uma lanterna colonial, uma voz de trovão a dar ordens de arrumação da carga, mordia os cigarros uns atrás de outro. Com um chapéu de pano a imitar orelhas de elefante, era o «Sacardio» a fazer a figura do tirano dos mares.

Uma noite cerrada. O barco fez-se ao mar com os motores a gemer. Muito distante do porto de Benguela depois de navegar horas, um vendaval que não estava no oráculo do Mário Cueca assolou o barco, que não aguentou, e despeja tudo no mar! Homens, mulheres e crianças gritaram pelos deuses e em todas as línguas que representavam as suas tribos. Salvou-se a tripulação, que sabia nadar, e uns contratados acolhidos por embarcações de pesca que por acaso perto puxavam redes.

Os comerciantes da área do Mungo reunidos na casa do velho Cercal decidiram enviar uma declaração de protesto ao administrador do concelho do Bailundo, que, pressionado pelos comerciantes de Vila Teixeira da Silva reteve por muitos dias os contratados repatriados pertencentes à área dos Postos Administrativos. Não só como consentiu que se fizesse o pagamento na sede, contrariando uma

decisão superiormente aprovada. E mais autorizou aos contratados sem ração que fossem abastecidos a qualquer loja para descontar no dia do pagamento.

«Ao Exmo. Admt. do Concelho de Bailundo
Vila Teixeira da Silva

Nós abaixo-assinados comerciantes da área do Mungo não concordamos que o pagamento dos contratados regressados seja efectuado nessa Vila, causando prejuízos enormes à economia da área e sobretudo aos abaixo-assinados que por necessidade imperiosa tiveram de socorrer com géneros e roupas os familiares dos indígenas repatriados, pertencentes a esta área.

(Assinados)...»

Nesta luta de interesses de lucro há autoridades administrativas e da Saúde honestos que não aceitavam o suborno. Mas os espertos conseguem por vias incríveis contornar obstáculos. É o caso do administrador do concelho de Ndalatando. Chegadas as viaturas com os serviçais vindos do Sul. Deu ordens ao cabo de Sipaios em cumprimento da praxe para saber se tinham sido coagidos ou aceitaram de livre vontade o trabalho. O gerente e o angariador, que já tiveram problemas noutras localidades com o mesmo admi-

nistrador, subornaram o cabo dos Sipaios, que garantiu ajeitar tudo sem perigo.

— Ó cabo, acho que todos estão completos, pergunta lá... — pediu o administrador.

— *Ene nga ositu yongulu vuyisole?*(1)

— Sim, *tchiua* — responderam em coro.

— *Ñala administrador oyongola okucikuliha nda ocili caco vusole ositu yongulu*(2).

— *Tuyisole calua, tu yiyongola*(3).

— Senhor Administrador, disseram que vieram de sua livre vontade, ninguém os obrigou e muitos deles já prestaram trabalhos na fazenda desse senhor e gostaram do trabalho.

Muitos portugueses, apesar de estarem a trabalhar na máquina colonial, tinham e manifestavam ideias progressistas, opondo-se a determinações superiores que flagrantemente reduziam os indígenas a bestas de carga. Pagaram bem caro com a sua atitude de benevolentes. Acusados uns de contra-União Nacional, outros de pró-comunistas, logo, punham em perigo nas Colónias a linha do regime. Foram transferidos para o Estado da Índia, Macau e Timor nos termos de despachos especiais que não dava tempo ao funcionário para arrumar as malas. Surpreendidos com

(1) Vocês gostam da carne de porco?

(2) O senhor Administrador deseja saber se de facto gostam da carne de porco.

(3) Muito, gostamos e queremos.

guias passadas e o substituto de pé com as mobílias nos camiões para descarregar, e o substituído aproveitar os mesmos. Está a andar!

Os países capitalistas que tinham investido somas de dinheiro em muitas empresas gozavam de especial influência em Angola, tendo seus representantes, delegados ou gerentes, uma palavra de ordem sobre qualquer entidade oficial, seja qual fosse a sua categoria ou posição social.

O Intendente Teles de Mascarenhas, chamemos-lhe assim, num dos seus relatórios observou cruamente como os contratados eram tratados, no Porto do Lobito e por resto de Angola, comparando-os aos antigos escravos vendidos para as Américas. Um dos magnatas estrangeiros, que vinha do comboio de Dilolo ao Lobito, em viagem de inspecção às minas de cobre e de diamantes da Zâmbia e de Katanga, posto ao corrente do escrito do Intendente, ali mesmo no Lobito onde apanhava o barco para Europa, enviou cabograma e telegramas ao seu país e a Portugal. No dia seguinte não só o Intendente foi transferido para Macau como todos os administradores e chefes de Posto com quem ele se dava foram substituídos e «empandeirados» para a «casca da rolha» e com recomendação de... «juizinho», sem se aperceberem do que se passava.

O Director de Administração Civil e o Governador-Geral, chamados a Portugal, de onde regressaram graças aos pedidos do Cardeal de Portugal. Daí para diante a dose do chicote e da palmatoada foi dobrada no Posto da Canata, onde os gritos comoventes dos contratados chocavam aos homens mais insensíveis. Na cadeia para vinte pessoas cabiam centenas.

Um engenheiro das Obras Públicas, novo de idade, destacado em serviço na área do Cunene; por ter deslocado um camião com contratados para assistirem às festas da Vila da Chibia, mal se soube pelas entidades superiores foi enviado para fazer pesquisas em Timor, não obstante a interferência de pessoas destacadas. Fazia turismo com os pretos, dizia-se. Era também acusado de ter arranjado um campo de futebol na mata para o contratado, sendo treinador, compartilhava com eles num à-vontade de mano para cá e mano para lá, não ligando ao trabalho que ia mui vagaroso, contrariando os interesses da política económica portuguesa em África. Tentou justificar-se, dizendo que cientificamente estava provado que quando o pessoal mais se distrai maior é o rendimento no trabalho. Ria-se a velhada da máquina colonial gozando o jovem engenheiro que admirava estar metido com imbecis.

Numa passagem da informação que causou a sua transferência lia-se o seguinte: «Deve ir para Timor para aprender o exercício de 'yoga', mas antes recomenda-se demorar alguns dias na Índia para visitar Gandi...»

O separar-se da mulher durante um ano e o marido voltar com as mãos vazias cria situações sociais difíceis. Lares desfeitos, prostituição, filhos sem instrução, doenças causadas, abandono das lavras. E, se se lembrasse levar a mulher e filhos, sucedia que as vantagens eram quase nenhumas, tinha de começar de novo.

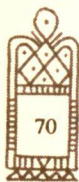
Quanto ao ensino entregue às missões religiosas, uma percentagem mínima que se safa para sentar-se na carteira do liceu, em idade exigida, de resto ou os pais tinham de suportar ao pagamento mensal da elevada quota ou aguardaria por uma chance através de um colégio socorrendo-se de bolsa da missão.

De resto esses alunos das escolas missionárias eram chumbados a maior parte. Ainda estás novo, fica prò ano. Entretidos para fazer passar a idade de entrada no liceu. Porque fora a idade estabelecida pela lei o indígena e o assimilado «da 3.ª e da 2.ª linha» não podem matricular-se na escola e liceu oficial: os pais, prevendo a impossibilidade de pagar o colégio, registavam ou baptizavam uma ou duas vezes os filhos com idade mínima nessa ou naquela vila ou cidade, mudando os nomes e às vezes a filiação para escapar da armadilha colonial.

Uma trajectória curva e mista é o exame de admissão ao Liceu, em que os alunos depois da prova escrita tinham de aguardar pelas instruções vindas da mãe Pátria (Portugal) para dizer quantos alunos nesse ano lectivo podiam passar para a prova oral. Transitava o maior número para não assustar aos pais e encarregados de educação. Mas na prova oral já se sabia o número de alunos que podiam passar de acordo com a estatística da Direcção Provincial de Educação de Angola, combinado com as Repartições Distritais para evitar que um surto «epidémico» de muitos alunos fosse para o Liceu, o que significaria um perigo à soberania portuguesa. Então, para se não enganar muito nas instruções, alguns examinadores, mal chamavam os alunos à cadeira de réu, apontavam a lápis, leve e discretamente, no verso do canto inferior da margem da folha da prova escrita, as seguintes iniciais: p (preto), m (mestiço), b (branco).

Sucedia que na sala nem todos os examinadores estavam a par da «chancela mágica», apenas manobra exclusiva dos da União Nacional.

O que sucedia com os exames de admissão ao Liceu quanto a «chancela», era característico aos exames do 1.º e 2.º ciclo e, também, a protecção a concurso para cargos públicos.

Um povo que luta num mar encapelado, quando se lhe levanta um obstáculo ele consegue contorná-lo e segue. Para conseguir o B.I. ou documento de cidadania a fim de ser considerado assimilado era necessário ter a 4.ª classe. Feita a 4.ª. Mas agora surge outra exigência, só é assimilado com quarta classe e que faça a prova de ter cama com colchão, mesa com toalha, cadeira, garfo, copo, caneca e prato de loiça; o indígena consegue arranjar o exigido mesmo emprestado, ou no último caso vai mostrar a casa de um amigo ou parente. Não, agora só é assimilado quem vive fora do bairro dos pretos, ou aquele que tenha a sua residência a mais de 500 metros da sanzala ou quimbo; o indígena vai mostrar a residência de um primo ou amigo na baixa ou no bairro não considerado dos musseques; se for caso da sanzala e quimbo o candidato a assimilado abandona a casa e afasta-se para construir nova casa dentro dos limites determinados: «Casa de fim de semana» para mostrar ao senhor chefe. Não, agora só é assimilado quem ganha mais de tantos contos ou tenha casa comercial, alfaiataria ou outra oficina com declaração da fazenda a confirmar os rendimentos e o pagamento da licença; o indígena vai a um branco patrão que lhe passa a declaração dos vencimentos (que não os aufere), é só para safar a situação. Agora é só assimilado quem tem uma só mulher. O candidato polígamo leva consigo fora da sanzala, 500

metros, uma apenas, a outra ou outras ficam na sanzala e visitadas à noite ou de dia a pretexto de ver os filhos.

A esposa casada pela Igreja com um funcionário com cama e mobília, para adquirir o atestado de assimilação, tinha de fazer a prova da sua geração, pais e avós se já abandonaram os usos e costumes dos indígenas.

Quanto mais impedimentos se punham para subjugar a marcha de um povo, maior nascia o génio e o poder de resistência contra a repressão e opressão. Os indígenas, para se libertarem das peias e teias do jugo colonial, utilizavam meios que se consideravam fraudulentos, como falsificação de documentos, suborno com pedras de diamantes a algumas autoridades; cedência de fazendas de café aos comerciantes e outros como solicitadores, advogados e quimbandas que se ofereciam a tratar o atestado de assimilação, que chegou a custar 500 a mil contos em valores, e às vezes mesmo gastando tudo isso continuava a ser o eterno indígena.

Num ambiente como tal só haveria que escolher entre o lutar para fazer algo contra as injustiças, deixar-se andar ao Deus dará e o regressar para Portugal e esquecer-se da África. José das Quintas debatia-se de pensamento em pensamento e a sua apreensão aumentava quando se visse sem medicamentos nem material de penso para atender

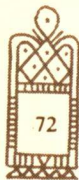
centenas e centenas de doentes, quando pela estrada fora encontrava dezenas e dezenas de crianças em idade escolar a deitar pedra e terra na estrada no meio de homens e mulheres com crianças nas costas com maços na mão a bater no chão. Estes eram os mais explorados porque não ganhavam e os artigos de trabalho e comida traziam das suas próprias casas. Muito deste contigente tinha ou os pais, ou filhos e irmãos ao serviço de contratado. Ficar para engrossar o grito dos sofredores, pelo menos era mais uma voz que em outros meios iria sensibilizar algumas autoridades a rever a política indígena. Mas ele era branco e o negro era capaz de não compreender a sua luta! Ficar... Voltar...

Pela manhã aparecera à consulta, no meio de muitos doentes, uma negra, jovem de seus 18 anos, que despertara a atenção do José das Quintas. No fim, depois de todos serem tratados, chamou pelo criado, Domingos.

— Conheces aquela rapariga?

— Sim, é Luciana Kunjinkise, da sanzala de Chimbula, filha do velho Enoque. Tinham-lhe metido na missão das madres no Bailundo, mas lá andaram-lhe pôr só como servente das capoeiras e de cozinha. Agora está no quimbo; mas o patrão gosta? Ela só tem irmãos mais velhos, já não tem pai nem mãe.

— Sim, se não criasse problemas. Mas não sei falar a língua.

— Oh, se é só esta a conversa a gente arranja, basta só querer de verdade. Mas o caso não é fácil, porque os pretos agora não querem dar mais filhas nos brancos, porque depois de fazer filho ele vai embora na terra dele, e fica os filhos a padecer no quimbo.

José pensou na paixão louca e na aventura. Os prós e contra no meio do Mungo, terra pequena. A reacção do amigo Relva em Benguela, de quem sempre recebia cartas de conselhos e através dele cartas e encomendas da mãe. A atitude do Carlos Alberto, chefe de Posto, e esposa. A reacção dos pais e da Mónica!

— Bolas, não sou feito de pau, tenho de me divertir, viver e conviver com a África antes que me dou em doido neste ambiente em que as pessoas a que me devia chegar andam todos atarefados na caça de lucros sem escrúpulos, cometendo uma série de arbitrariedades e crimes.

Domingos, nos primeiros contactos com a família e a moça, não teve sorte, apesar de ter gasto todo o seu umbundo. Mas foi avisando o José das Quintas a ter paciência, levaria o seu tempo.

— Patrão, ai desculpa, senhor José, parece que a conversa vai bem. O tio da Kunjinkise pediu tabaco. Nós os pretos, quando já pedem tabaco, é porque vai correr bem.

— E quanto é o tabaco?

— Dá o que quer, como é a primeira vez pode dar dez ou vinte.

Ao cair da noite levou cinquenta escudos, mas só entregou trinta, guardando o resto para qualquer pedido de emergência de outro familiar.

— Domingos, mas eu preciso de ver e conversar com a rapariga ou os tios que têm pedido o tabaco.

— Não, o senhor José ainda não pode ir no quimbo. Primeiro estou a tratar as conversas. Você, quer ir já no quimbo sem saber como as famílias vão ficar? Mesmo, o senhor José é branco, se for no quimbo vai como quê, angariador de contratado ou chefe de Posto? De dia não pode porque toda a gente está nas lavras. De noite não é bom, porque tem rapazes que gostam da Luciana e pode fazer ciúme.

— Mas podes mandar vir até cá os tios e a própria Luciana.

— Ai, o senhor José, quer namorar de branco ou de preto? A rapariga não podes ver agora, ela mesmo vai começar fugir até que os mais-velhos aceitem ou não. Mandar vir aqui os parentes vão pensar que foi queixado; porque conversa de migar não se faz assim. Como o senhor José disse que não gosta de toda a porcaria que os brancos costumam fazer nos pretos, agora o senhor José tem de fazer já coisa diferente. Quando um dia chamar vou dizer que sou eu e não o senhor José, por isso estou arranjar amizade com os parentes.

Na povoação corria já o zunzum de que o enfermeiro estava apaixonado da Kunjinkise e quem andava com as macas era o seu servente Domingos. Entre os comerciantes quando reunidos para serão de «suecadas» e de «ratar»-na--vida-alheia, o namoro era comentado com sorrisos sarcásticos. Poucos acreditavam porque o enfermeiro até aí desde que chegara reservava-se consigo mesmo, homem de poucas conversas. Saía pouco e só em serviço; suas relações eram mais com o chefe de Posto e com aqueles homens que iam fazer tratamento. As antenas do Padre superior acusavam o toque e através dos seus catecúmenos espalhava a

notícia. Faltava o chefe de Posto. Domingos conseguira cair nas boas graças de duas tias e uma irmã mais velha da moça. Bom sinal. Agora preciso mais dinheiro para tabaco. José deu cento e cinquenta escudos e, como da primeira vez, Domingos ficou com a metade. Kunjinkise não podia ouvir essa conversa. Tinha muitos exemplos de menores mestiços abandonados, como por exemplo o Domingos de Sandambinja, era assim conhecido um comerciante da povoação de Sandambinja que deixara abandonadas mais de três bonitas crianças. Havia outros exemplos do José da Mota, do Leitão, do Fraga, do Costa, do António Kanhanh'o Baba (alcunha do comerciante António que não bebia água senão vinho até para lavar a boca e a cara). Além disso a Kunjinkise tinha namoros contrariados pelos familiares com um moço no serviço de contrato na Companhia Agrícola do Cassequel em Catumbela.

A família fez eco junto da Luciana para a convencer, porque era um branco diferente dos outros. Defensor dos interesses dos pretos, sofria com eles, o que já lhe custara o ódio da parte dos comerciantes, do próprio chefe e até dos Padres.

Em atenção a um convite do Domingos chegava ao Posto Sanitário por volta do almoço duas velhas (irmã e prima da falecida mãe de Luciana), mais um velho (tio pela parte do pai) e dois primos. O senhor enfermeiro ausente no Bailundo tratar de requisições de medicamentos.

Mesa posta na residência do senhor José, Domingos improvisara um semibanquete com bagaceira, champanhe, vinho «Aveleda» e «Casal Garcia». Rebentou com os caixotes da despensa, onde tirava de tudo um pouco: chouriço, salsichas, paio, presunto que assara para se comer com

fúnji. A mistura de tanto vinho transtornou os convidados. Alteração de vozes num umbundo vernáculo e confuso. Um dos velhos deixara a colher e «atacara» a comida com as mãos, sabia-lhe melhor. O outro ao levantar-se da cadeira para ir mijar caíra estatelado no chão e mijou aí. Uma velha que da mesa sentiu a cabeça a rodar foi de joelhos a um canto da sala com um chouriço inteiro na mão e a caneca de vinho noutra, dizia algo que não se percebia. Um dos sobrinhos foi para levantar o tio estatelado no chão, caiu sobre ele. Uma das velhas lamentava o porte das visitas numa casa alheia que se devia dar respeito.

— Pipim-pipim-piiiimmm — buzinara um carro parado na porta da entrada da sala de frente. Domingos abriu a cortina da janela e viu o enfermeiro e o chefe do Posto chegados do Bailundo. Correu para as visitas para que saíssem depressa, deu ordens a uma das visitas jovens para que arrastasse os velhos para fora, depressa! Depressa! Chegou o senhor chefe..., «safanou» alguns, empurrou outros.

— Ó Domingos, abre a porta...

— Já vai, menino José... Ó velho, acorda, *pasuka*, levanta-se, *lupuka íapa!* Sai depressa. Acorda, diabo do velho! — Domingos sacodia puxando pelo velho, que não dava sinal e há muito se debruçara e se babava sobre a mesa. A porta abriu-se. Entrou o enfermeiro, o chefe e um comerciante. Mãos na cabeça...

— *Ai, ove Lumingo nye oyongla? Kalie ove watupañinya cilo tukasi, vojo ya datembo yetuwokaliye, cilo vali hoti tundi, tundi? Momo lianye? Ove puãi osole okutukemba ale ocili muele okuti cindele osole omola wetu? Oyo*

ovinyu yipepa omola wange wa kuela muele[1]— resmungou o velho, que ao levantar a cabeça e deparando a figura do chefe tentou esconder a face entre as mãos! Fez menção de se erguer da cadeira mas os pés não tinham força.

— *Ca, ca, a Lumingo wé a Lumingo; Etali yapa wé cindele camale weya tuandi!*[2]

Era tarde para remediar o incidente. O chefe ficara escandalizado. Não dissera nenhuma palavra. Puxou pelo braço do comerciante, um adeus ao enfermeiro e saiu para o carro. Domingos tremia e transpirava, encostado a um canto da sala.

— Patrão, peço desculpa. Fiz este almoço para os pais da pequena verem que o patrão é um branco diferente, não é como estes gatunos que não aceitam pôr na mesa uma pessoa de quimbo. Nós pretos temos o costume quando namora é assim, a pessoa que quer a filha do outro não pode ter nojo das pessoas, nem diferença (vaidade, superioridade). Pensei que o patrão só vinha amanhã. É que estes velhos obrigam muito. Pôs uma garrafa de vinho mas eles queriam mais. Falaram-me mal porque eu é que quero esconder a comida do genro para levar na minha família, então com raiva pôs tudo na mesa e cada um bebia aqui e bebia ali e não demorou muito tempo a casa ficou na confusão. Eles disseram que não havia mais nada a rapariga fica já para o senhor José, é só agora ter bocado de paciência...

---

(1) Ai, Domingos, o quê é que tu queres? Então nos convidaste e estamos na casa do nosso futuro genro, agora sai, sai porquê?! Tens nos intrujado ou a sério que o branco deseja e gosta da nossa filha? Esse é bom vinho, a minha filha tem bom marido.

(2) Ai, ai, ó Domingos, ai, Domingos, o branco chegou, vamos embora!...

José das Quintas, caído no sofá, ouvia atordoado a história do Domingos. Levantou-se e foi ao quarto. Reparou a falta de algumas garrafas de bebida fina que os pais enviavam de quando em quando através do amigo Relva, em Benguela. Mandou pôr os velhos no quintal e lavar a sala, que cheirava a chichi, vinho e chouriço, fumo de tabaco de quimbundo.

À noite, no lugar habitual de serão, estava sentado mais o chefe, que fora prevenido pela esposa para nunca mais fazer sentar na sua mesa o José das Quintas, que anda metido com as negras gentias das sanzalas e sem vergonha de se sentar com matumbos ao ponto de vomitar e mijar numa residência daquelas onde se recebe médicos, Intendentes e Governadores de Distritos. O dia que tu, Carlos Alberto, o metas cá dentro estaremos à pega.

— José, nem parece de ti admitir que na tua ausência o servente cometa uma falta daquelas. Tenho meios para fazer sair o rapaz muito longe daqui ou para o desterro ou para o contrato. Não se admite nem se pode tolerar! Lá que queiras uma rapariga e embora isso contrarie a nossa posição social neste meio, terias feito de outra forma. O que dirão estes comerciantes e o Padre, e o próprio administrador e o teu Delegado de Saúde? Corre por aí boato de que insubordinas os pretos ao pretender criticar toda a obra que os portugueses têm levado a cabo nesta Província. Só vês defeitos, isso é natural para um jovem que leu muito e pouco assimilou. Para dominar este povo custou sacrifícios de muitos portugueses e em séculos, não vens cá tu agora com teorias académicas de quem tenha lido obras da «cortina-de-ferro». A maior parte dos brancos que tentaram contrariar o rumo da nossa civilização ficaram piores que nem os pretos. Não têm para vestir nem para comer, tão-

-pouco passagens para regressar à terra. Estão aí no Huambo, Lepi, Huíla e noutros sítios a cavar o chão. Seus filhos, pretendem ir mais longe tornar Angola num segundo Brasil, tomara! (Gargalhada irónica). Há fumos em Benguela e no Huambo de brancos naturais desta terra que aliados aos negros começam a manifestar ideias loucas. Dou-te um conselho: se quiseres defender estes tipos dos quimbos nunca te coloques ao mesmo nível, em nada os poderás ajudar porque são muitos e nem tens meios para lhes tapar os dedos quanto mais o corpo; acabas de te afundar com eles. Junta-te aos bons. Cristo que é Cristo com um falar divino viste o que lhe aconteceu! Digo-te mais: se começas a perturbar o povo da área não tardará seres transferido ou exonerado e até a tua expulsão para Portugal...

— De Portugal para cá vim por minha livre vontade, já te disse que não vim à procura de fortuna. Podia ter ficado no Hospital de Benguela, mas não quis valer-me de privilégios. Aceitarei voltar para Portugal quando bem quiserem, já não aceitarei que me tirem o servente, mesmo que para o evitar tenha de recorrer a pessoas que me possam ajudar. Não estou a insubordinar os pretos, quem os insubordina é a vossa maneira de educar como dizem. Mas quais padres e comerciantes a quem terei medo quando ouvirem o que aconteceu?...

— Já te disse que não te metas com os padres e, se esta rapariga for da Igreja, terás muito que ouvir.

— Não me meterei com ninguém, acho que sou livre de escolher a mulher que eu quiser sem ser a do padre ou a filha do padre...

— Cala-te, José...

— Deixas-me falar, ou não? O padre não pode ter mulher nem filha, portanto... Os comerciantes metidos no mercado tão negro que o próprio negro não me deverão dar licença de moral. Para eles serei o enfermeiro... O rapaz abusou da minha bondade, reconheço: mas daí sofrer um castigo de desterro quando quem o merecia era eu, acho que não estás a ver o caso como defensor dos interesses dos indígenas...

— Não me dês lições, tu és garoto, estás cru e pronto... até amanhã...

Uma tarde um professor da Escola da Missão Protestante, amarrado uma corda à cintura e trazia a camisa branca em tiras e ensaguentada, foi conduzido sob prisão ao Posto Sanitário pelos sipaios, seguidos de uma multidão de curiosos.

— Senhor chefe disse para curar este calcinha que queria bater o senhor chefe.

— É mentira, seu sipaio do raio, mentiroso, bandido! — bradou o professor. — Fui agredido e mais nada!

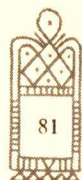
— Sossega, fica mais calmo, vamos tratar-te primeiro. E tu, sipaio, não te pedi para me informares o que este homem fez...

— Ai, meu Deus. Se tu ó Deus existes por que nos deixas sofrer tanto, porque não mandas um cataclismo universal para desaparecer tudo, tudo, tudo? Pobres e ricos, opressores e oprimidos morriam todos, e acabou-se! Bolas, isto é de mais. Lutar para se libertar de uma situação de sobrevivência todos os meios aceitáveis devem ser utilizados e nunca a Igreja vir com paliativos de jesuísmo levar uma bofetada numa bochecha e dar a outra para levar outra tareia... Tenham paciência não poderei esperar mais pelas trombetas dos anjos que libertarão o mundo e dar o céu aos que sofrem da «sede de Justiça». Até quando, até quando, ó Messias? — bradava o professor. — Bolas, carambas, é de mais — chorava que nem uma criança.

— Ó homem, sossega-te, deixa-me dar este último ponto. Não te delires.

— Ai não posso mais, senhor enfermeiro, dói muito. *Ayoyo we, a SUKU yange we, mopele kotokuayilo!*(1)

— Deixa, é o último ponto, esteja quieto, que nervos!

— Vejam lá ferido e rasgado desta forma, sou professor diplomado e assimilado, Bilhete de Identidade e taxa militar rasgados aí na secretária e atirados os bocados à minha cara... Porque um fubeiro pretendeu mandar ao contrato o meu irmão seduzindo-o com panos e bujangangas (nadinhas, quinquilharia), e pelo facto de o ir tirar do armazém onde já estava com os outros vizinhos à espera de transporte queixa-me de que sou agitador da sanzala que impede o desenvolvimento económico da Província. Con-

(1) Ai meu Deus, acuda-me, que sofrimento!

segue arranjar falsas testemunhas pagas para depor contra mim. Mal cheguei nem pergunta do que aconteceu, recebe-me os documentos, rasga-os, manda-me dar uma bofetada por este tipo, este bandido mentiroso (mostrava ao sipaio que o acompanhou), e...

— Ó homem, já disse que não preciso saber o que aconteceu...

— Mas, ó senhor enfermeiro, deixa-me falar, talvez seja esta a minha última oportunidade de liberdade... E... e ao querer defender-me deste aldrabão, cai-me em cima o chefe, o escrivão e todos ao ponto de me partirem a cabeça e a testa — in-in-innn (choros convulsivos). — Ó dilúvio, ó fogo de Sodoma e Gomorra que venha com chama ardente e enxofre e devora e devora — bradava delirando — e devora e devora... (a voz diminuía à medida que ia desfalecendo) — um fio de sangue saiu a jacto de um vaso descrevendo um círculo que vai cair na face e farda do sipaio.

— Ó homem, esteja calado, estou no fim, estás a perder a força?! — corre o enfermeiro e aplica uma injecção de zimena k e outra de coramina. Reanimou o doente.

— Este homem está maluco, parece beber mas fala que é da missão protestante...

— Ó sipaio do raio, santanás, feiticeiro, retira-te já, não te quero ver mais, santanás, bandido, assassino, aqui não é no teu Posto administrativo, seu cão, *cinhama, cingualulu*! Ó Deus, porque não me fizeste pássaro? Andaria mais tranquilo, não iria à estrada, no contrato, não seria batido assim. Cantava para a humanidade. Preferia ser formiga ou pau de eucalipto.

— Ó sipaio, melhor esperar lá fora e deixa o homem em paz — pediu o enfermeiro ao sipaio que assistia ao curativo e esperava pelo ferido para o levar à cadeia.

— Ah, mas o senhor chefe disse para eu ficar perto deste homem quando faz curativo.

— Põe-te lá fora, põe-te lá fora, quem manda aqui sou eu e não admito espiões, vais lá dizer ao teu chefe!

Domingos tinha preparado um encontro no quimbo entre o enfermeiro e a Kunjinkise. O tempo não aconselhava para o encontro, época chuvosa, como era perto e se adiasse perder-se-ia uma grande oportunidade resolveram seguir.

À noite partiram por volta das 21 horas a pé, hora morta e ninguém os reconhecia passando pelos «atalhos» (carreiros). Carregado de um garrafão de vinho, Domingos foi explicando ao menino José das Quintas como se devia pela primeira vez portar-se junto dos parentes e da rapariga. Devia sujeitar-se e aguentar os hábitos das pessoas do quimbo, muito diferentes do namoro dos brancos. Foram recebidos pelo Canivete, primo da Luciana, um dos que tinham feito parte do almoço na residência do enfermeiro. Deram-lhes as cadeiras. Havia um candeeiro com chaminé de vidro e na mesa uma toalha branca. Domingos, como

bom alcoviteiro, chamou de lado algumas das raparigas que faziam parte do serão, menos Luciana, que não aparecia. José fumava e distribuiu cigarros aos que quiseram.

— Vocês devem ficar com juízo mas sem medo. Ele é branco mas não é como estes roubadores que andam aí intrujar nas lojas. Os que sabem falar português podem-lhe pegar no cabelo e na camisa, ele não vai ficar zangado. Vão ver só que ele é diferente, é como nós — adiantou o Domingos.

Sopra um vento gelado, começa a chuviscar. Alguns rapazes e velhos que, embora a visita fosse preparada muito particularmente, estavam presentes, muitos deles não puderam apreciar o serão que aguardavam ansiosos, fugiram da chuva. Ainda bem. Ngueve, uma das cinco raparigas que acompanhavam a visita e que compreendia um pouco de português, chegou-se à mesa, enquanto as outras, agachadas a um canto da sala, cochichavam admiradas e tentavam virar a cara para a parede quando o José das Quintas relanceava os olhos para elas.

— Você branco venha mesmo até aqui sentar na casa das pessoas como a gente, humm? — Bate as duas palmas da mão num sentimento de espanto e admiração tipicamente de uma pessoa colonizada.

— Porquê é que não?

— O senhor enfermeiro não fica com medo da gente nem com vergonha dos outros brancos?

— Porquê, se eles também têm mulheres pretas e filhos mestiços?

— Mas ele amiga só com força, não aceita vir na sanzala assim, sentar com a gente no quimbo. No quimbo é só para cobrar fuka (dívida) ou para fazer negócio ou para procurar homem de contrato. O branco quando senta no quimbo com os pretos é só para vir intrujar no negócio de boi ou contrato.

Lá fora chovia a gatos, torrencialmente. O Canivete batia de casa em casa para descobrir a prima que se escondera na cubata de uma das amigas. Não obstante ter sido avisada, e aconselhada mesmo que tivesse só de fazer o papel. A custo foi descoberta e levantada da cama quase que a tabefos. Os dois primos entraram na sala molhados. Pediram desculpas e passaram para outro quarto, onde alguém lhes deu panos enxutos. Uma outra moça ganhou coragem, chegou-se ao enfermeiro:

— Mas o senhor enfermeiro vai migar mesmo ou só brincar?

— Vou fazer da Luciana uma mulher e a levarei para o Puto...

— *Oco mba ovoyo ko Putu?*[1] — *Yeveleli ño esanju eli ovoyo, akuetu! Likapitila muele toke ko Putu.* — Ouviram--se gargalhadas das moças.

— Não se riam porque quero levar o assunto a sério.

— Mas como é isso, é verdade, um branco que sabe mais que o senhor chefe de Posto e outros brancos mais vai levar Kunjinkise, que não sabe nada, para Portugal?

(1) Oiçam, que graça! Será levada até para Portugal.

— O senhor enfermeiro tem paciência e vai ensinar. Você não sabe que a pessoa aprende mesmo que é burro? — interveio o Domingos.

Empurrada pelo primo, entrou na sala a Luciana, contrariada, olhos de medo que fixavam as amigas no canto que se riam de pianinho. Alta, «esguia», esbelta, cor de negra escura até às gengivas, dentes de marfim natural muito branquinhos, de tranças regionais de onde partiam fios da água da chuva que chovia. Tinha tirado os brincos e as missangas propositadamente para parecer mais feia. Enganou-se. Não foram as missangas que apaixonaram o José das Quintas. Domingos cochichou ao ouvido do Canivete a saber do dinheiro que tinha oferecido para enfeitar a prima. A Ngueve pediu a mão do senhor enfermeiro e começou a apreciar os traços da palma da mão, as unhas. A outra amiga alisava com a mão o cabelo da visita e às vezes apertava-lhe o nariz.

— Xé, não pega assim no nariz alheio do branco... — exclamou uma das moças. — Assim também já não, é abusar um bocado.

— Não faz mal, até fazem bem estes carinhos.

— Eu disse, vocês podem pegar, ele já é como a gente. Se vocês vissem como ele trata as crianças com cocó lá na enfermaria e os velhos sujos, nem os pretos faz isso...

— Então, tu Luciana, não dizes nada, toda aí caladinha tens medo, gostas de mim?

— Ele gosta só tem é vergonha. Hoje ainda não quer falar, nós os pretos é assim — respondeu o Domingos, que

não viu o «reviranço» dos olhos e o morder dos lábios da Luciana.

— Você, então Kunjinkise, vai até no Portugal — estoiraram gargalhadas.

— Ah, *Katuka, kuendi obe* — pela primeira vez a desejada abriu a boca.

A noite já ia alta. A chuva tinha parado. Domingos abriu o garrafão de vinho dizendo para o patrão:

— Nós aqui é assim, quem trouxe bebida para o outro é que tem de provar, portanto vou beber um copo de prova para mim, outro para mim que era para o senhor José que não quer beber, e outro para mim para aquecer o corpo porque vou passar no frio e pisar água.

— Não, mas o vinho é para ficar, ó Domingos.

— Sim, menino José, mas é provar, porque os pretos quando mete costas e o vinho vir fazer mal neles, amanhã fala que a gente meteu veneno no vinho, por isso bebo os três copos.

— Não, Domingos, esta forma de provar e logo beber um litro sozinho, isso já não é como os mais-velhos costumam fazer. Os mais-velhos costumavam só beber um bocado nem enche o copo — observou o Canivete.

— Está bem, eu já dissi porque bebo três copos. Vocês patrício as vezes faz confusão e o menino José pensa que estou intrujar. Vocês não sabe que eu já vou sair? Então a pessoa que prova um bocadinho não bebe mais se ficou na festa?

Tinham de partir, não obstante serem aconselhados para aguardar até a enchente da Baixa diminuísse. Ao atravessar a vau a dita Baixa, Domingos, descalço, passou primeiro para indicar o caminho ao enfermeiro. Este, de polaina, botins de cano alto, ficou preso no lodo. Foi socorrido. Cai nova chuva forte que os acompanhou até a casa, molhados que nem pintos.

Desta vez o serão dos comerciantes da área dava-se na pensão onde se juntavam camionistas vindos de Malange (via Mussende) e de Benguela e Moçâmedes carregados de peixe seco. Uns divertiam-se jogando dados, outros «sueca».

— Anda para aqui, ó Fiasco, e conta isso com calma. Diga lá, o enfermeiro recebeu os sogros do quimbo, comeram-lhe o rancho e cagaram-lhe na mesa? Ah, ah, ah... — perguntou Silva no seu ar prazenteiro, e explodiram gargalhadas contagiantes. Todos os presentes riam-se de bandejas abertas.

— Foi tal qual como ouviram. O chefe ficou como estátua pondo as mãos na cabeça.

— E o patife, que cara tinha?

— Nenhuma, parecia-me estar pálido.

— Bem feito, garoto inexperiente vêm cá com ares de descobrir outra vez a África. E anda metido com os pretos sem dar cavaco à gente, convencido que sabe tudo.

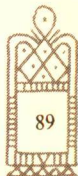
— A minha mulher contou-lhe hoje o pastor dos bois que ontem o enfermeiro esteve na Chimbula, onde ia morrendo na água. Foi salvo pelo «gabiru» do Domingos, aquele gatuno que não paga a minha conta, não tarda muito que o vá mandar surrar no Posto.

— Morrer na água não, ficou com a perna presa por um jacaré, o patife deve ter ido ao Huambo curar a gangrena.

— Não vais longe, para o bandido pagar-te a conta, ó Salvador, assim perdes o dinheiro, apresentas a conta ao genro, o novo «Diogo Cão».

— Qual Diogo Cão o quê é? É o Diogo Rato. É uma pouca vergonha para a gente e falta de respeito ao chefe. Este tipo não teria vindo cá para Angola a mando dos contra-goberno?

— Unh, não deve ter jeito, um José das Quintas, que nome este? Deve ser um salteador das quintas lá no Porto. Se não é ele é o pai ou a mãe ou os que o lambeu!

— Não, ele pode ser tudo, mas deve ser de boa família e, conforme conversa que tive em Benguela com um dos amigos dele, também do Porto, diz que é um rapaz inteligente e de famílias de sangue azul. Eu levei uma encomenda para ele vinda dos pais — disse um dos camionistas de passagem a Malange. E sua intervenção foi recebida com gargalhadas sarcásticas.

— Ah, ah, ah! Sangue azul, sangue azul, ah, ah, ah, sangue azul... Com nome de José das Quintas, onde já se ouviu isso? Nome de um conde ou descendente de reis José das Quintas? Olhem que ele se chama José Benedito dos Anjos das Quintas e Celeiros do Rei. Deve ter sido família de gatunos que assaltavam as quintas e celeiros dos reis, seu filha da puta... ah, ah, ah...

— Não estaria o amigo dele lá de Benguela a vender o peixe à sua maneira? Sangue azul a benzer (Benedito) os anjos (dos Anjos) do inferno de bandidos ... ah, ah, ah...

— Se eu fosse o chefe devia mandar o Domingos para o contrato e a rapariga fora daqui e ameaçar de porrada aqueles velhos que borraram a casa do governo, que pouca vergonha, custa a crer!

— Era o melhor remédio e já assim transferir o tipo. Quanto à rapariga, me encarrego a levá-la aos Dembos, onde o namorado está no contrato. Com a ajuda do cabo civil e sipaios põe-se a gaja no camião, dou eu o alembamento aos parentes da rapariga e quando voltar o rapaz paga a conta. Vamos lavar a casa dessa nossa Vilazinha. E creio que o rapaz lá nos Dembos deve fazer festa para um presente caído dos Anjos do Benedito!

— Bom, a rapariga também não lhe deve faltar comichão, ah, ah, ah... aí que com os caralh... e macacos que lha f...

— E o nosso Tozé seria o padrinho à espanhola, ai que sacana!

— Também seria eu o burro se não o fosse, mesmo à francesa, e bem boa ela é...

— E o Tozé ficava a lucrar mais. Ganharia fama de muitos pretos para o contrato.

O assunto ganhava campo para especulação. As senhoras dos comerciantes sentiram-se escandalizadas com a excepção da D.ª Libânia, que nada via de estranho em relação aos maridos brancos com enteados mestiços semeados nos quimbos. Apontava aqueles que maritalmente viviam em comunhão de mesa e cama com as pretas. «O que é teu não degenera». José das Quintas era retrato, se se pode admitir, de quantos no Mungo e por Angola fora praticavam o pior, quando há anos censurei esses brancos que viviam com pretas em vez de mandar vir mulheres de Portugal, fui alvo de crítica e até diziam que eu era racista, o que contradizia com as rezas matinais. Justificavam mentirosamente os seus erros de que quando arranjaram as pretas era no tempo em que era difícil a mulher branca viver em África. O Barreto e o Bernardinho, chegados há pouco, mandados vir de Portugal como empregados, já aí arranjaram mulheres dos quimbos, são capazes de ajudar a má língua.

A Kunjinkise raramente vinha fazer compras à Vila, onde os comerciantes e suas esposas a insultavam de caras, prometendo surra e prisão a ela e seus familiares, e por cima a alcunharam: «A Rainha dos Quintais».

Na informação confidencial que o chefe de Posto enviara ao administrador do Concelho propôs a transferência imediata do enfermeiro, porque além do incidente havido o José tinha caído no descrédito da população europeia, e através dos professores das missões americanas (protestantes) começava-se a manifestar resistência passiva de os indígenas aceitarem como antigamente a chamada voluntária para o serviço de contrato. Insinuava a informação que do Huambo e de Benguela vinham alguns brancos visitar o enfermeiro, elementos que se prova ligados ao que se passa no Porto e Lisboa. O senhor padre superior é da mesma opinião: a saída urgente do enfermeiro que perdeu o prestígio e a dignidade do lugar que ocupa no meio dos indígenas que ainda têm muito que aprender com a religião católica.

Na confidencial 66/GA/1.ª, do administrador do Concelho, aconselhava ao chefe para que visse o problema com maior ponderação e criasse ambiente favorável entre os comerciantes e o enfermeiro, de forma a não agudizar as relações. A transferência para o outro sítio não adiantaria muito. Convinha era aproximar-se mais do enfermeiro que afastá-lo, e conquistar um elemento que poderá ser válido. Esta seria a mesma posição do Governo do Distrito e do Inspector do círculo sanitário de Benguela, inclusive do Director dos Serviços de Saúde de Angola. Facto que se recomenda para ser impedido com firmeza são as suas relações amistosas com os professores protestantes e indígenas dos quimbos, afastá-lo.

O primo Canivete pedira a Luciana que levasse o filho à consulta de acordo com o plano do Domingos. Não ia só ela, havia mais doentes de Chimbula, por sinal também a Ngueve.

Depois de tratados os doentes de outras aldeias, ficaram para o último a Luciana e as amigas, que entraram ao mesmo tempo. No fim do tratamento o Domingos levou-as à secretaria, onde também funcionava a sala de consulta, ofereceu-lhes cadeiras. A Luciana, que se mantivera muda, algum tempo depois saiu mais os sobrinhos para a varanda. O enfermeiro riscava folhas de papel almaço, e chalaçando ora com uma ora com a outra a recordar a cena da noite da chuva. A Ngueve, que se ria mais do que as outras, de pé debruçava o corpo sobre a mesa pousando os cotovelos nos livros num à-vontade caseiro. Uma das raparigas encostara-se à cadeira do enfermeiro; nesse ambiente, entra de repente o senhor padre superior, o padre José Maria e alguns catequistas, chegou de uma carrinha FORD que deitava fumo por todos os lados.

— Desculpe, senhor enfermeiro, dá-me licença, trago-lhe aqui um garoto que encontrei pelo caminho com um pequeno ferimento.

— Desculpa nenhuma, senhor padre.

De facto era coisa ligeira que não demorou a ser tratada. As amigas do Domingos saíram assim que viram os padres. Luciana, que os vira primeiro, já se tinha ido embora.

— Bom, agradeço, e antes de me ir embora gostaria de lhe dar um conselho. Aos jovens sempre os tive por conta

de filhos e o meu conselho é de pai. Desde que chegaste há uns meses para cá nota-se uma alteração de comportamento nos indígenas e nos comerciantes que se atribui a ti. Sobre mim pesam 66 anos, tinha 22 anos de idade quando cheguei em Angola. Sem ir a Portugal. Faça lá a conta do tempo de experiência em constante convivência com os indígenas, indígena no seu conhecido significativo de natural desta terra... As missões católicas, ao lado do Governo, têm feito grandes progressos na evangelização e dignificação do próprio homem. Desde os séculos passados «Deus e Pátria sempre andaram juntos desde que Portugal nasceu». A nossa missão e preocupação não é de desprezo a ninguém, fazendo do indígena homem da figura da nossa civilização cristã. Fomos nós, como país civilizador do mundo, que consagrámos os primeiros bispos negros no Mundo como D. Henrique filho de Afonso 1.º rei do Congo em 1520; como P^{e}. Diniz, aquele que tentou sem resultado baptizar o Rei Ngola Mbandi, e outros padres Pestana, Luís de Sequeira, etc., etc. Nesta data fizemos padres e houve ilustres negros espalhados por esta Angola e em todas as Províncias do Ultramar. A nossa missão não terminou enquanto houver homens que ainda não abraçaram o evangelho. É uma luta difícil e ingrata tirar da mentalidade do indígena o feitiço e quimbanda. Sem isso o meu filho (batia-lhe no ombro) não estaria cá a dar injecções e a curar feridas a esta gente amansada graças à obra divina. Este trabalho que se faz desinteressadamente em nome da fé devia ser louvado e respeitado por todos os portugueses aqui chegados e sobretudo os jovens, e nunca contestá-lo através de práticas negativas. Chegará o dia que algumas injustiças que ainda se cometem e têm merecido o reparo, a repulsa e o protesto da parte da Igreja, acabem. A nossa vinda a África é um consolo, uma bênção de Deus para continuar a obra que há séculos metemos mão ao ombro.

Nada mais se exige a todos os portugueses senão os bons exemplos em todos os aspectos para serem seguidos pelo povo ainda atrasado. Desmistificar o espírito de um indígena agarrado ao atavismo dos seus ancestrais não é tarefa que se faz em poucos anos...

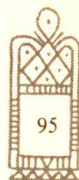
Padre Ângelo «quecumuou» (espigarrou ou pigarreou), tirou da cigarreira um cigarro que foi aceso pelo padre José Maria. E prosseguiu:

— Como responsável de uma missão nobre, a de curar os pacientes, não acho que estejas a dar exemplo digno de ser seguido. A sua capacidade cultural de que já ouvi falar e o meio em que nasceu, cresceu e viveu não vai com certeza permitir um casamento com uma rapariga do quimbo sem instrução nem as mínimas bases para o acompanhar no dia-a-dia como marido. Penso que é mais um português que vai satisfazer os seus gostos e um dia deixar abandonados filhos «ao deus dará» como se verifica nesta área. O senhor enfermeiro chegou e começou logo a promiscuir-se com os indígenas de uma forma que nos desencoraja. Outra, um professor da Seita Americana que curaste há dias fez neste Posto Sanitário declarações atentatórias à Igreja e à soberania portuguesa...

— E com o apoio dele, segundo contou o sipaio — insinuou o padre José Maria.

— De mim!? O senhor Padre está a ser sincero?

— Deixa-me continuar: também tens interferido na vida do chefe, com pedidos para não deixar trabalhadores a seguir para o serviço da economia da Província...

— Não é apenas isso, também critica que as missões

católicas praticam o regime de contrato explorando os pretos — interveio o padre José Maria.

— Como disse no princípio, dou-te um conselho como velho amigo cheio de experiência e faz apelo para que ajude a obra da civilização sob a bandeira da Igreja e do Estado Português.

José das Quintas, que se mantinha sentado como os seus interlocutores durante o sermão do padre, manteve-se aparentemente calmo, mudando as expressões da face à medida que uma ou outra frase do padre lhe tocasse sensível e profundamente.

— Bom, senhores padres, eu gostaria vos ser breve e franco como defensores da verdade na terra, começando por agradecer a vossa atenção. Há dois anos neste Posto e não me meto com ninguém. Sou sincero em dizer que não tenho gostado como se dirige a política de elevar a moral e o nível de vida do indígena nesta terra. Talvez os métodos que ainda se utilizam servissem no passado com bons resultados, hoje não se justificam e penso que são conservados propositadamente para fins que não consigo desvendar.

— Mas referes-te aos métodos da Igreja ou do Estado?

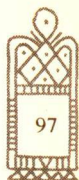
— Eu vou lá chegar, senhor padre José Maria... Até certo ponto quanto à Igreja julgo que algumas entidades da Igreja têm agido com paternalismo ou proteccionismo. Podia-me referir ao caso de arbitrariedade e injustiças que se cometem, e a Igreja com tanta força parece remeter-se à passividade. Digo paternalismo por exemplo no caso deste miúdo com um ferimento insignificante quando o senhor padre deixou cerca de 40 garotos dos 8 aos 14 anos aí na

estrada feridos por falta de escolas; feridos por falta de carinho dos senhores Padres; feridos pela ausência de bondade do Estado que não os considera como seus filhos; feridos por cestos de areia na cabeça para deitar na estrada sem comida, quando deviam ser protegidos pela Igreja; o que é que a Igreja fez e faz? Qual o exemplo me recomenda fazer quando há milhares de portugueses honestos, mandados vir de Portugal, enganados e atirados entre os indígenas sem meios para sobrevivência e quando os conseguem a muito sacrifício, de enxada na mão, servindo para engrandecer não a obra de Portugal mas aos mais habilidosos que roubam o pouco desses bravos portugueses? Sim, desses bravos porque desbravam a terra com os pretos e como diz o chefe do Posto sem esperança de voltar para Portugal e vivendo em promiscuidades piores que os pretos. Eis aí o orgulho! Que espelho me recomenda quando o padre vai na estrada de Bailundo ao Huambo encontra centenas e centenas de indígenas de picaretas e enxadas na mão, dos que vão e voltam do contrato, e a pretexto da guia que ainda não está passada e da folha de salários que ainda não chegou trabalham dias e dias sem ração que é oferecida pelos comerciantes para mais tarde ser pago a dobrar? O que a Igreja fez e faz nesta área? A palavra da Igreja devia ser: todos trabalham para todos e nunca todos para um...

— Alto, isso é comunismo, é comunismo, é frase dos comunistas!

— Não, é da Igreja, é da Bíblia, é de Cristo, é de Deus que manda vender tudo o que tem e segue-lhe que manda pregar a lição do Bom Samaritano, que manda dizer ao rico que não entrará no reino dos céus se... que manda...

— Muita calma, meu filho — interveio o padre Ân-

gelo batendo nas costas do José —, muita calma que não queremos discutir nem ouvir sermões...

— Mas, ó senhor padre superior, por conta de quem este senhor pretende dar lição de moral à Igreja e ao Estado?

— Por conta da caridade, sinceridade, honestidade e respeito pela doutrina sacra da Igreja e por conta do governo, com quem não deviam andar juntos «desde que Portugal nasceu» porque o que é de «César é de César» e sendo juntos não se saberá entre o senhor padre e o chefe de Posto quem salvará um do outro da «mea culpa mea culpa» — batia levemente no peito.

— Cala-te, herege — bradou o padre José Maria —, estás fiado em alguma coisa mas a Igreja nunca temerá.

— Em nada confio, apenas estou a corresponder ao vosso apelo e a ser sincero como prometi, e já assim porque me chama herege quando o padre José Maria não aceita comer na mesa com o padre Humberto por ser mulato?

— Puum! — um murro na mesa pelo padre José Maria — É uma calúnia, infame, o senhor é um déspota! — começou a bracejar e a gritar.

— Meu filho, leste muito e aprendeste muito pouco, falta-te digerir na prática o que comeste, voltarei um dia para te dizer que o bago de feijão do Inverno ou de Verão lá de Portugal aqui não germina se não se preparar primeiramente o terreno e escolher a época própria...

— Ó irmão Sebastião, a Luciana foi baptizada na Igreja e frequenta a catequese no quimbo, não deverá ser

desviada por este senhor que é contra a Igreja — disse o padre José Maria ao catequista.

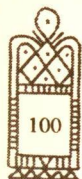
— Se não for do padre José Maria a Luciana será minha mulher com a bênção do padre Ângelo.

— Que assim seja...

— Amen! — respondeu o enfermeiro, que estendia a mão ao padre Ângelo que se despedia.

Para a Mónica escrevia longas narrativas e crónicas. A África não é a mesma que se vive nos romances, poemas, cartilhas escolares, é muito diferente. O bicho mais bravo que encontrei é o próprio homem, que, quando vem daí traz duas pernas aqui acrescenta às patas que procuram o que é do alheio, dos aborígenes e dos humildes portugueses que enganados para aqui vieram chamados para serem espoliados. Tem-me feito tão bem o viver a África na sua pureza. Há aqui pontos que nenhum português pisou, mas eu já, e quando isso acontece levanta-se uma onda de protestos que impressionam o uivar da hiena e o rugir do leão. Caso curioso, até os sinos das capelas e de algumas igrejas também completam a sinfonia. Passaram-se aqui cenas incríveis que não entram nem cabem nos anais do teu paizinho. Vê lá, Mónica, que encontrei cá brancos a trabalhar sem vencimentos porque estão a pagar a «carta de

chamada». Existe a lei de que nenhum metropolitano vem para cá sem a «carta de chamada» da parte dos que cá já vivem e que lhe garanta o emprego. O desgraçado, posto cá com a certeza de encontrar o emprego, e quando começa a trabalhar desconta durante anos nos seus salários o pagamento da dita «carta de chamada», ao ponto de não lhe sobrar nenhum para si e enviar à família para aí. Quer dizer, essa é uma outra forma de exploração do «Branco explorado». Além da «carta de chamada» do conhecimento oficial, ainda existe outra do contrato particular. Muitos desses explorados, enganados com promessas de vencimentos chorudos e de quem chega é só apanhar, conseguem vender ou hipotecar a herança dos seus aí em Portugal e ao próprio quem faz a chamada. Posto cá, já se encontra amarrado por uma seita de vigários sem escrúpulo.

A par dessa forma de contrato ou de vigarice existe nas cidades outra forma que consiste as autoridades administrativas fazerem rusgas nos bairros dos negros à procura dos indocumentados! Às vezes, com ou sem documentos, têm de ir e não são poucos: cartão de residência, guia de trânsito, imposto ou B.I., licença da Fazenda, cartão de trabalho, de vacinas de varíola, de tuberculose, de tifo, de sarna, taxa militar, cartão de censo da população e mais outros. O desgraçado negro para andar na rua é preciso levar consigo um cesto ou pasta grande de papéis, que no final de contas não chega. Rusgados por um bom número de negros chamados sipaios e cabos civis, bem ensaiados, piores que os gangsters americanos (são os dirigentes da máquina nos bairros). São conduzidos ao posto administrativo ou àquilo que se chama 1.º, 2.º (e daí para diante) bairros administrativos. Em fila-indiana e amarrados em grupos de 50 ou 100 pela mesma corda pela cintura e com as mãos na cabeça. Podem rusgar milhares de pessoas no mesmo dia. É um

espectáculo bonito para um filme que o cinema não consegue registar. No lugar de concentração já se encontram os grandes senhores empreiteiros e fazendeiros. De combina com a autoridade, chamam-se em primeiro lugar pelos operários qualificados, que são imediatamente carregados nos camiões para as obras acompanhados dos «gangsters». Aí trabalham um, dois dias, sem vencimento porque este dinheiro reverte a favor da autoridade e não entra na fazenda nacional. No fim deste período saem os de que as famílias conseguiram os documentos ou subornar os «gangsters». Nessas manhãs de rusga surgem lutas entre os senhores e os verdadeiros patrões de negros presos, que defendem os seus e tentam levá-los consigo à força. Estas rusgas às vezes se fazem de negócios acordados entre as autoridades administrativas e os engenheiros ou fazendeiros que têm obras a prazo, e com os fazendeiros quando têm uma mercadoria ou género a embarcar no porto. Nessa rusga, que principia nas primeiras horas da madrugada, cerca-se um bairro e começa-se a bater nas portas e janelas, acordando os moradores, que ficam sem as suas jóias, rádios e dinheiro roubado pela chusma de sipaios e cabos civis armados de chicotes, cacetes, armas e facas de caça. Não calculas o mundo dos familiares que se junta à distância do compão (parque) dos presos.

A África cheia de atractivos impressionantes e interessantes. No meio dessas contradições de roubos e injustiças aparecem homens mesmo dentro da máquina estatal que não concordam com a forma como se conduz a política nesta Angola. Só que são poucos e falta-lhes força organizada. De quando em vez recebo a visita do Relva, que vem acompanhado de alguns amigos com boas ideias.

Da mãe recebia cartas desconsoladoras, faziam referência de informações de que o filho andava perdido, metido no meio de pretos e já arranjara uma negra para casamento breve. Pressionava o marido para junto do Marquês das Quintas fizesse tudo por tudo para mandar regressar o filho mesmo acorrentado. Não satisfeita, embora o filho se correspondesse com a antiga colega, a Mónica, foi procurá-la para que junto dos pais e da tia, na casa do Cardeal, salvassem o filho.

— Um moço que fora no Liceu o mais inteligente e vira a sua carreira cortada e escolhera o exílio voluntário em África, que se podia esperar dele? Ou dava-se por maluco ou tomar qualquer atitude que não agradaria à sociedade, que o não soube compreender. Deixasse-o ficar em Angola, pelo menos estava a ensinar os pretos, é o seu novo mundo; porque se voltasse para cá neste momento o vosso desgosto seria pior, pois era capaz de meter o rastilho no Liceu e ir parar a Caxias, onde morria apodrecido. Também não tenha medo que um dia te traga um netinho mulato, deves saber a história da negra Marta Fernandes da Guiné Portuguesa, que deu a Portugal um dos mais inteligentes e prestimosos dirigentes cuja obra é inolvidável, o Marquês de Pombal. Vai Manuel e tranquiliza a tua mulher. Tens um filho valente, foi pena nascer tão tarde porque senão a República não era proclamada em 1910, lançando o povo português em desgraças constantes. Deixa lá o teu filho,

que está a fazer bom trabalho; para já, o meu neto esteve cá, satisfeito com uma carta do José onde contava mais um negócio dos sujos que o Estado Novo de novidades macabras lá pratica. Vai, quando souberes mais algumas notícias aparece — despedia-se o Marquês apertando a mão do seu mordomo.

Velho Manuel, forte e alto, face de meter respeito, de barba farta e bigodes aparados à moda dos antigos reis, seus senhores, era uma figura muito estimada no meio. Acreditara satisfeito nos conselhos do Marquês e sentia-se orgulhoso de ter um filho como o José. Todavia, não conseguiu convencer a mulher, que queria a todo o preço a presença do filho antes que ela desse em doida.

Logo de manhã cedo chegava ao posto sanitário os tios da Luciana a informar ao Domingos que o Canivete fora preso na noite passada por ter discutido com o comerciante Costa e a Kunjinkise fugira de casa porque um sipaio a mando do comerciante Jacinto o fora avisar para hoje seguir para os Dembos (?!) com guias já passadas.

Domingos, enquanto esperava que o enfermeiro acordasse, resolveu fazer o «mata-bicho» contando com os velhos. Os doentes começaram a chegar gradualmente para o tratamento. Sentados uns no chão, outros nos tacos de madeira que serviam de bancos. Comentavam o caso do

dia, da Luciana que fugira talvez para o Huambo e a ser procurada pelos cabos civis.

Para o mata-bicho dos velhos, Domingos para evitar outros incidentes levou para o seu quartito uma cadeira e colocou as duas canecas de café com leite, queijo, duas batatas-doces porque só havia um pãozinho para o patrão.

Os velhos dividiram ao meio o queijo como se fosse pão, metade a cada um. A velha cortava-o aos bocados para fazer «sopa» no café. Quando Domingos entrou para comunicar que iria acordar o enfermeiro, ficou sem forças.

— Txa, txa! O que é que vocês fizeram, então comeram o queijo todo do patrão que recebeu ontem de Portugal? Deviam só tirar um bocado e agora que direi ao patrão? — disse em umbundo e pôs-se aos lamentos: — ai, ai, minha vida, ai que desgraça do meu trabalho, vão me correr mesmo!

— Ai, não é broa? Eu pensei que é broa de Puto, afinal, é queijo, e porque não nos disseste servindo-nos? — respondeu em umbundo o velho que passava e repassava a língua pelos dentes.

— Vocês velhos são lixados, qualquer dia me enxotam no trabalho. Então não viram que é queijo, já viste broa do Puto ou de quimbo que fica daquela maneira? Ai, ai, minha vida, estes patrícios quando a gente ponha na mesa ele mete no chão.

O enfermeiro ainda dormia porque muito tarde pegara ao sono seguro por digestão mal feita. Nessa noite recebera uma encomenda de guludices vinda da mãe, que um moto-

rista de Benguela a caminho de Malange deixara à porta. Continha castanhas, queijo, nozes, figos, amêndoas, passas, fruta cirstalizada e outros mimos que ele provara de tudo um pouco e dera quase cabo de um cartucho de castanhas cruas. Tudo isto provocara-lhe sonhos funestos, de cobras e gibóias a engolir uma gunga, o caixão da mãe a ser depositada na igreja e a Mónica de véu preto à frente do cortejo, a Luciana lavada em lágrimas a ser levada para um lugar incerto numa mata fechada pelo comerciante Jacinto que lhe ia apalpando as nádegas e os seios, por fim os gritos do Domingos que o chamava para ir socorrer a rapariga. Acordou sobresaltado, cansado e mal disposto. Ouviu alguém bater à porta ao de leve.

— Senhor José, senhor José...

— É o Domingos? Que há?

— Como não é costume acordar tarde vim saber se está doente.

— Fizeste bem, já aí vou.

— Preciso saber se hoje vai tratar os doentes!

— Tem muita gente?

— Sim, também está aqui fora a esperar o menino José os parentes da Luciana.

— O que foi, há azar? — saltou da cama e de cuecas chegou-se à porta. — Diz, há azar, Domingos?

— Não, é porque o Canivete foi preso e a Luciana não

está em casa desde ontem, não sabe onde foi e os parentes querem...

— Deixa-me vestir.

Ventre dorido, arrotos, náuseas e enjoos, o enfermeiro não matabichou. Inteirou-se dos velhos do acontecido. Mandou saber se o chefe de Posto já estava na secretaria. Ainda não tinha regressado da estrada onde fora marcar a tarefa para os trabalhadores. Tratou os doentes. Alguém informou que o senhor chefe já lá se encontrava. Para lá seguiu, e além de muitos indígenas encontrou os comerciantes Cardoso, Fadário e outros, que, quando o viram, começaram a cochichar, a beliscar-se.

— Senhor chefe e meus senhores, bom-dia.

— Olá José, então muito trabalho?

— Sim, faz-se alguma coisa.

— O que te traz por cá?

— Por causa de um rapaz de Chimbula que foi preso, e segundo se diz por minha causa.

— Não tenho conhecimento disso... deixa-me chamar o cabo dos sipaios. Ó cabo...

Veio do quintal a correr com uma folha de papel na mão onde destinava o trabalho aos indígenas vindos dos quimbos: dez para a lenha da casa do senhor chefe: Fukano, Kemba e...; 5 para o senhor aspirante: fulano e sicrano do quimbo de Cambuengo; 20 para a granja de arroz, são os

que vieram do soba Kandjeke; 70 dos quimbos de .... para a estrada que vai até ....; e 30 miúdos para pôr terra na estrada de ....; dois estafetas do correio de Bailundo durante esta semana; 2 para o senhor Cardoso, que está aí fora; 5 para o senhor Fadário, só para ajudar pôr milho no moinho...

— Ó cabo, tens aí alguém preso da Chimbula chamado Canivete?

— Sim, foi o senhor Costa que mandou pôr na cadeia, disse que estava bêbado e faltou respeito a senhora do senhor Costa. Mas o senhor Costa disse que vai falar com o senhor chefe...

— Se autoriza, convinha ouvir o rapaz. Como disse, dizem que o assunto relaciona-se com a minha pessoa — pediu o enfermeiro.

— Senhor chefe, dá licença e desculpa meter-me no assunto. Se o rapaz faltou ao respeito a uma senhora branca e está na cadeia, vai ser chamado como e porquê, acha que o branco mentiu para ouvir o rapaz? — disse o comerciante Fadário.

— Mas afinal quem é que manda? — perguntou o José das Quintas.

— Como seja, ó cabo, traz cá o rapaz.

Demorou, a cadeia dista meio quilómetro da secretaria. Já existia a lei escrita que nenhum posto administrativo deveria ter cadeias ou casas para prisões. Chegou o Canivete muito combalido, cara por lavar e barriga de fome.

Mas animou-se ao deparar o senhor José. O chefe perguntou:

— Diga lá o que é que foi?

— A conversa foi porque a minha mulher costuma lavar roupa do senhor Costa e do senhor Silva. Minha mulher saí com ele no Huambo onde costumava lavar roupa de muitos brancos. Mas aqui quando chega sempre no fim do mês a senhora do senhor Costa para pagar começa pôr falso que falta camisa do menino ou porque falta cueca do patrão. No fim do mês a mulher só paga roupa que falta. Mas as vezes não falta, porque a cueca que a senhora disse que a minha mulher tinha roubado para mim apareceu outra vez na roupa. Daquela vez disse que faltava camisola, e eu é que tinha roubado. Depois camisola apareceu com o criado dele. Então eu disse que não vale mais trabalhar. Porque aconteceu com Carolina que lhe puseram falso na senhora roubar na casa do patrão dinheiros e pulseira da senhora, depois a Carolina foi presa e foi no Baía dos Tigres. Mas depois tudo apareceu. Trabalhar assim, a pessoa fica com medo. Mas só tem conversa quando chega o dia de pagar dinheiro. Então o senhor Costa perguntou porque não mandou a mulher trabalhar? Eu contei tudo. Ele disse que o preto aqui não tem valor e se brinca vai na cadeia porque a senhora não pode mentir. Eu disse que prefere ir na cadeia. Ele disse que está confiado no senhor enfermeiro José, que veio ensinar malandro nos pretos do quimbo. Mas ele, senhor José, vai ver porque vão lhe tirar aqui e volta para Portugal. Pronto, foi só isso. Depois chamou o sipaio Kamututa que estava beber vinho e disse para me levar no cabo para me pôr na cadeia. Depois Kamututa disse no caminho que minha irmã Kunjinkise também vai na cadeia porque quer migar o senhor José...

Pela primeira vez talvez na sua vida profissional o chefe de Posto ouvira tão demoradamente um indígena a repetir a acusação de um comerciante. Olhou para o Canivete, depois para o José das Quintas e, aos comerciantes que aí se encontravam para assuntos diferentes, disse:

— Vai para o quimbo e te mandarei chamar depois de falar com o senhor Costa — quando o Canivete ia retirar-se um dos comerciantes presentes interveio:

— Desculpe-me, senhor chefe, meter-me nos assuntos em que não sou chamado, mas seria melhor reter cá o rapaz e ouvir primeiro o Costa, porque nunca se ouviu coisa igual. Esta forma é uma falta grave aos brancos que aqui têm ajudado a manter a ordem, é um desprestígio, daqui a dias o indígena começa a subir-nos na careca, nunca se viu!!!

— Deixa-o andar, está fiado na conversa desses garotos que ainda deviam estar à espera que as mães lhes lavassem os cueiros e são enviados para Angola para dar lições aos que cá andam há 60 anos — acrescentou o outro.

— Não dramatizem o caso. O senhor Costa prometeu falar comigo; porém, desde ontem mandou meter o rapaz na cadeia não se dignou vir até aqui.

— Peço licença que me retire senhor chefe e voltarei ver o assunto da Luciana.

Quando ia retirar-se, o velho Silva disse:

— É por causa desses meninos que teremos de baixar as orelhas nos quimbos, mal sabe que os cabelos brancos que trago (apontava com o dedo na cabeça) foram provoca-

dos pelas arrelias de educar estes pretos para que o nome de Portugal continue a ser respeitado.

— Se me dá licença, velho Silva...

— Não quero cá discussões, convém guardar para outra ocasião, senhor José, e o assunto está solucionado.

— É só uma palavra, senhor chefe, para os velhos que julgam que os novos não têm direito à palavra. Pensam os velhos que hão-de continuar sempre velhos e os novos morrerão novos. Os tempos mudaram e nós, novos, não queremos pagar os erros que se cometem deliberadamente e, às vezes, sem o mínimo respeito pela dignidade do Homem. Milhares de jovens foram sacrificados na 2.ª Guerra Mundial sem se lhes ensinar para quem e por quem se sacrificavam. Os novos, ao saberem que os velhos tarde ou cedo passarão para uma outra situação ou de inactividade ou de morte, não deverão ser responsabilizados. O caso flagrante que acabou de ouvir é a situação geral que se vive em toda a Província. Muitos têm agido por sua conta invocando o nome de Portugal, comprometendo toda uma obra bem planeada. Estou crente de que o pouco que se nota do bem nesta terra é obra de poucos mas não da qualidade do velho Silva e de outros. O facto de ser velho de idade e mais antigo nesta terra não lhe dá o direito de desrespeitar a autoridade ao ponto de mandar pôr na cadeia alguém sem prévio consentimento de quem representa a lei. Este cabelo branco, se não veio pelo tempo, então veio por causa dos remorsos...

— Ó senhor chefe — gritou o velho —, não admito este insulto de um garoto que pode ser meu neto! Fui eu que fiz esta povoação, a custo de suores, e nunca roubei a

ninguém. Fui soldado da guerra do Cuamato, Cuanhama e Bailundo, e vim cheio de louvores e condecorações. Pisei o pé onde este fedelho jamais pisará, não admito que nas tuas barbas, ó chefe, se fale de mim desta maneira! Espera que o meu filho João chegue amanhã da Bela Vista para te ensinar como é que em África se lida com as pessoas.

O enfermeiro, de regresso a casa para almoço, pediu que lhe trouxessem apenas uma fatia de queijo.

— Ó patrão, mais desgraça, aqueles velhos comeu todo o queijo. Eu pus no meu quarto e estava falar aqui com as pessoas, mas quando voltei vi só cada um com um bocadinho nos dedos, comeu tudo e depressa como batata-doce... Tinha mesmo batata-doce no prato, mas ele não comeu, já não sei como vou fazer! O patrão desculpa mesmo, eu já disparatei e disse que não volta mais dar comida; esta gente do quimbo só faz sujar a pessoa, ai queijo alheio!...

Velho Silva, no Bailundo, antes tivera uma reunião com os comerciantes, que lhe entregaram um abaixo-assinado para o administrador e delegado de saúde. O sucedido tinha dado eco nos quimbos, nas povoações comerciais e na sede do concelho, onde o velho comerciante Reis, de grande prestígio no meio, acompanhou o outro velho Silva à audiência com o administrador.

Foram recebidos com todas as reverências devidas a pessoas que se julgaram serem os fundadores dos Concelhos e os grandes defensores da política portuguesa em África e elos de ligação entre os indígenas e os centros urbanos no desenvolvimento comercial e agrícola. A era em que se um branco se aventurasse nos mais recônditos de Angola e ali conseguisse conquistar a simpatia dos negros seria ele considerado o dono da área e a autoridade reconhecida por direito e facto, não tinha acabado. Continuava a prevalecer o direito de ocupação.

Bailundo era o concelho do velho Reis, como Mungo o do velho Silva; nunca se sentiram ultrapassados pelos tempos das campanhas da guerra de Cuanhama, Cuamato e de Bailundo. Como nunca deixaram de citar a bravura e o heroísmo dos oficiais, seus companheiros, das «Campanhas» como: Roçadas, Teixeira da Silva, Pereira d'Eça, João de Almeida e outros. Eram os dois capitães «póstumos» da 1.ª linha distinguidos pela bravura na guerra de 1914, póstumos sim, quando na verdade já eram mortos pelas transformações da época, com a diferença de que eles continuavam vivos e saudosistas.

— Trago comigo este documento onde diz tudo. Peço que a minha dignidade que foi desrespeitada seja colocada no seu lugar exigindo a retirada imediata do enfermeiro do Posto do Mungo. É tudo... Não acha, ó Reis?

— Sim, sim, a honra de um antigo combatente que regou esta terra com sangue e suor para tornar grande esta Angola não deve ser desrespeitada por qualquer que seja.

O administrador pigarreou de forma intrigada, tirou um cigarro da carteira e ofereceu aos velhos, um deles

fumava cachimbo, escusou-se. Puxou de uma gaveta da secretária uma pasta de onde retirou duas cartas timbradas de Lisboa e Porto; esteve a desfolhar uma pasta e numa das folhas marcou-a com os dois envelopes.

— Meus velhos e amigos, agradeço a vossa atenção de me levar ao conhecimento do incidente que se deu com o enfermeiro. Aliás já estou informado. Há muita água na fervura para um problema tão simples para quem como os velhos passou quase toda a vida em África e dizem as vossas rugas na face o quão trabalho, contradições, insultos, calúnias, ameaças de morte sofreram e souberam suportar com dignidade e paciência, tudo isso sem interesse material mas para perpetuar a presença de Portugal em África. — O velho Silva, comovido, meneava a cabeça apoiando as palavras do administrador, que continuou —: Parece que os tempos mudaram por se deixarem influenciar e dar muita importância a um garoto que até certo ponto pode-se tomar como um neto traquino e merecer toda a vossa atenção para o aconselhar...

— Desculpe senhor administrador, não é daqueles que aceita conselhos de velhos... Contara-me o capitão Junqueira em 1918 na Naulila que o branco quando está cafreazizado é pior do que um negro.

— E fizeste-me lembrar, ó Silva, deixa-me acrescentar sem pegar na tua palavra e do senhor administrador o que me disse o padre José Maria, que almoçou ontem em minha casa. Disse que um grande homem da ciência do século dezanove tinha defendido a tese de que o negro estaria mais próximo dos animais selvagens que qualquer outra raça humana. Esta sua afirmação foi combatida e prova-se que de facto o cientista estava errado. E continua a

estar errado com o surgimento agora do caso concreto do enfermeiro, branco, com formação intelectual média, a ser assimilado pelos negros do quimbo, ao ponto de lhe mijarem e cagarem em casa! Disse o padre que, se os negros são selvagens, o branco depois de todos os seus conhecimentos e não conseguir libertar-se do meio e ambiente dos selvagens, o que é ele? Disse mais que nunca viu caso igual na sua vida, acha que o rapaz deve estar «atravessado», maluco, e deve ser tratado fora da área ou mandá-lo regressar, ainda pode ser aproveitado.

— Também já cá estiveram os padres a falar do mesmo asunto. Foram ao médico. Peço depois lerem estas duas cartas e estes ofícios. Não adianta por enquanto o velho Silva maçar-se ir até ao Huambo falar ao Intendente do Distrito ou a Benguela ter com o Governador do Distrito. Esperemos mais. O delegado de saúde, por ordem da Direcção, ofereceu ao enfermeiro para escolher o ponto onde quisesse ficar menos no Mungo. O rapaz acha que daí só sairá se for exonerado e entende que está a fazer um grande trabalho. Como podereis ver dos ofícios, e disso dei conhecimento ao chefe do Posto, não vejo razões tão fortes para uma transferência imediata, além das consequências que adviriam. Como também podeis constatar das cartas que vos dei a ler por muita amizade e consideração e peço guardarem sigilo, não devemos precipitar os factos quando, contornados, poderemos obter melhores resultados. Prometo tirá-lo de lá, mas dêem-me tempo.

— E o meu prestígio, a minha dignidade de homem velho e militar?

— Precisamente por isso retirarei o enfermeiro do Mungo.

— Olhe, senhor administrador, se não andar depressa, nós que estamos lá na fogueira seremos cuspidos na cara pelos pretos.

— Não se chegará até a esse ponto.

— Como, se nos quimbos os pretos dizem abertamente que o enfermeiro é o melhor branco quem os defende? Dizem mal de todos os brancos que por lá andaram, pior então do chefe de Posto, que está a perder a autoridade. Alguns pretos vão ao enfermeiro a título de consulta e aí contam calúnias contra nós. Os professores das missões americanas visitam diariamente o enfermeiro, não sei o que vai sair daí. De Benguela esteve no Mungo no Domingo passado o filho do Jorge Figueiredo, aquele bandido que parece veio doido de Universidade de Lisboa por causa da campanha eleitoral, ele mais o filho do Barros da Cahala. Dizem que tomaram nota para entregar aos deputados em Portugal.

— Como disse, vou retirar de lá o enfermeiro, mas tenho de escolher as ocasiões para convencer alguns superiores. Volte descansado, meu velho Silva, ninguém vai desprestigiá-lo, e peço aconselhar aqueles jovens comerciantes a não entrar em choques com o enfermeiro e que não comecem a olhar só pelo lucro mas na qualificação do homem do quimbo. Tem havido muitas queixas sobre o tratamento menos humano que se dá ao indígena contratado. Cometem-se abusos fora do controlo da autoridade. Tomaram-se medidas drásticas contra os angariadores e seus agentes pelas péssimas condições como empilham os indígenas nos camiões, o que tem provocado acidentes constantes. Esses desmandos de alguns portugueses em Angola estão a causar preocupações do nosso Governo, que

sofre pressões do Exterior. Por exemplo, o caso do professor e da prisão do indígena que tem a mulher como lavadeira não tinha razões de existir. E por causa disso e doutros motivos parece que o chefe vai ser transferido, porque...

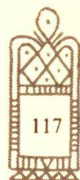
— Porquê, não pode senhor administrador, então em vez de transferir o enfermeiro, transfere-se o chefe de Posto que tem trabalhado tão bem!? Onde é que já se viu isso? Lá porque o enfermeiro tem padrinhos na cozinha em Portugal que mandam cartas e ofícios?

— Calma, meu velho Silva, diz que o chefe tem trabalhado tão bem ao ponto de o comerciante Costa mandar meter um homem na cadeia durante dias sem o chefe saber! Não disse que vai ser transferido já, parece... não como castigo, mas os comerciantes do Mungo não respeitam essa amizade ao chefe, abusam da sua bondade ao ponto de não poder servir no local a política do Governo. De resto tenho o chefe como um dos melhores funcionários que o posto administrativo nunca teve.

— Silva, vamos, conheço o senhor administrador. Quando promete é porque faz, não somos nós que lhe vamos ensinar as vias nem indicar-lhe a data.

Kunjinkise fora avisada à noite por um familiar de que havia ordem de prisão e seguir para os Dembos para ser

entregue ao antigo namorado, afastando-a do enfermeiro. Dormira na cubata de um parente. Ao amanhecer saiu com uma trouxa de roupa na cabeça, fugiu de casa e foi andando--andando pelos carreiros paralelos à estrada de Malange a Huambo-Benguela, passando pela povoação da Gandarinha. Jovem, cheia de vida e habituada a longas caminhadas a pé e descalça, andava com muita energia, de pano *bakado* acima de joelhos. Às vezes afastava com as mãos o capim que, vergado pelo peso das gotas de chuva miúda caída de madrugada, tapara o caminho. Mal sentia o movimento de uma viatura, aproximava-se da estrada e entre folhagem de arbustos e árvores espreitava para ver se podia apanhar uma boleia para Bailundo ou Huambo, caso não fosse carro de um comerciante da área.

José das Quintas inquietara-se com o desaparecimento da Luciana. Fizera *démarches* todo o dia junto dos professores e alunos das escolas. De um lado, os parentes andaram de sanzala a sanzala sem rasto. Por outro, Jacinto, que se prontificara a levar a Luciana aos Dembos, andou de quimbo a quimbo com dois sipaios para encontrar a rapariga fosse onde fosse. Este interesse de se saber o paradeiro da Kunjinkise criara um ambiente de agitação e de apreensão entre o povo, do qual se faziam os mais diversos boatos. Uns diziam que a Luciana já se encontrava no Huambo boleiada pelo carro de um passageiro vindo de Mussende, outros diziam que se encontrava no Bailundo, ora no Posto Administrativo de Kunji. À noite chegou o boato ao enfermeiro de que a Luciana fora encontrada morta, supõe-se, suicidada com corda ao pescoço nas ruínas do Pinto Leite, onde nos anos muito recentes o grande comerciante e na altura senhor todo o poderoso da área convidava os outros ricos a aprender o tiro ao alvo e se fazia a prova na pessoa dos seus serventes. Este boato abalara muito o moral do

enfermeiro, que na mesma noite fora pedir o carro do Aníbal da Junta dos Cereais para o pôr no sítio das ruínas.

Acompanhado de dois parentes da moça o boato era boato. Mas resolveu-se seguir até Huambo. Batidos todos os bairros em casas de parentes e conterrâneos, nada se sabia.

Luciana dormira na área do Kunji numa cabana ou casa-de-campo de uma velhota a quem segredara o que se passava. A velha aconselhou estar à beira da estrada e atenta que não tardaria passar carro de um desconhecido e indicou o lugar onde muitos têm apanhado boleias. Estava-se no meio da tarde do dia seguinte da maca da fuga. Sentada desde pela manhã no tronco de madeira debaixo de UNCHIA, uma árvore de copa exuberante que toca as pontas de ramagem no chão, formando um amplo salão-de-estar, fresco e sombrio, se viam muitos troncos de lenha e pedras grandes que serviam de bancos; daqui e acolá cinzas frias de lenhas que aqueceram feijão, makunde e assaram massarocas; e, atirados ao monte, cascas de banana, de laranja, de ananás, de mandioca, palha de cana, de espigas de milho. Fazendo companhia a Luciana chegara um casal para aguardar um meio de transporte. Comia massarocas que acabara de assar há momento e, sentada e encostada ao tronco da árvore da sombra maravilhosa, ouviu movimento e o buzinar de uma viatura. Correu, entreabriu um ramo da copa e viu passar o carro do Aníbal da Junta, palpitou o coração; medo; pressentiu ver a cara do José das Quintas. Humm... Não deve ser, o menino José não gosta de pedir a ninguém. Mas quem sabe se por ela faria o sacrifício de se humilhar daqueles brancos que o odeiam?! Mesmo que parasse não me fazia jeito, preciso carro para Huambo ou mesmo para Bailundo. Não sei o que cometi a este mundo,

desde que faleceram meu pai e depois minha mãe nunca experimentei o sossego das outras raparigas da minha idade. Agora mais esta a de ser amada por um branco que sabe mais do que o chefe de Posto, que dizem ser filho de um rei, que dizem que fala com o Bispo, com o Cardeal de Portugal e com o Papa de Roma!!! Eu vou morrer, vou ser enfeitiçada pelo povo, ou serei morta pelas mulheres dos brancos, ou serei presa pelo chefe de Posto! Que azar, o meu nome na boca de todo o mundo, até os padres ameaçaram o catequista da sanzala por minha causa!... Não aguento mais, os meus parentes vão sofrer por minha causa!...

Voltou e sentou-se no seu banco improvisado, tomando a mesma posição. Partiu uma massaroca em dois e deu metade a cada criança do casal recém-chegado.

— A mana está à espera de carro para onde, e estás aqui muito tempo?

— Para Huambo ou Bailundo, estou cá desde pela manhã.

— É do Mungo ou daqui mesmo?

— Sou do Mungo, e vocês?

— Nós somos de um quimbo longe daqui, viemos para ver se apanhamos uma boleia para Calussinga, visitar um nosso parente que lá anda doente. Mas daqui a pouco voltaremos para tornarmos cá amanhã. Não é aconselhável ficar nesta árvore depois do sol quente. Contou-se histórias dos nossos antepassados que esta árvore serviu e ainda serve de encontros de feiticeiros e quimbandas. Isto para nós das missões hoje não passa de lendas, mas é bom não

desacreditar totalmente — disse o homem chegado há pouco com mulher e filhos.

— Sim, na casa da velha daquela lavra (mostrava), onde dormi, também disse-me a mesma coisa.

— Mas dormiste lá porque veio do Mungo a pé para cá porque não apanhou boleia no Mungo?

— Fugi macas, resolvi retirar-me para o Huambo.

— Macas de que, rapariga tão bonita e nova, já te casaste?

— Pois precisamente por ser bonita e nova que há macas porque um enfermeiro branco me quer e todo o mundo levantou-se contra mim.

— Ai, afinal és tu, como te chamas? — homem e mulher perguntaram ao mesmo tempo.

— Chamo-me Luciana Kunjinkise, de Chimbula.

— Pois é, chegou-nos a fama e desde ontem estás sendo procurada pela sua família. E dizem que o enfermeiro está maluco e anda de quimbo em quimbo, e foi ao Huambo com os teus parentes para ver se te encontra.

O carro que a Luciana viu passar há pouco de facto era o do Aníbal com o enfermeiro, que regressavam do Huambo depois de passarem por Bailundo. Pelo caminho encontrou-se com o carro do Jacinto, que vinha do sentido contrário dirigindo-se para as áreas da Fazenda Aurora, Kunji, Chiumbo e Bailundo com sipaios e um angariador de con-

tratados que conhecia casas onde a Luciana podia refugiar-se.

Mal as duas viaturas se avistaram, Aníbal fez adeus acenando com a mão, a que Jacinto correspondeu com resmungo:

— Lá está o bandido ferido de morte com a ausência da rainha. Desta vez não verás a Kunjinkise. Não sei que confiança tem o Aníbal com o santo enfermeiro, não tarda muito que a gente vá dizer ao engenheiro no Huambo para o tirar da Junta para evitar servir de motorista do D. José das Quintas que quer proclamar a independência de Angola. O Aníbal que se meta mais-é-a-pau, senão voa daqui com um chuto à Peyroteu.

Jacinto vinha na gasosa, mas de um momento para o outro fez travagem brusca para não atropelar um homem aflito e duas crianças a chorar que pediam socorro aos gritos, espetados no meio da estrada.

— Patrão pára, patrão pára, pára, pára. Azar, cobra.

— O que é que foi, o que há, rapaz!?

— Pára, azar!!!...

Jacinto parou e todos os ocupantes da viatura desceram e precipitaram-se a sombra da árvore mágica. A Luciana jazia descomposta no chão e de outro lado outra mulher desmaiada!

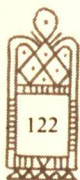
— Estávamos aqui à espera de boleia, já encontrámos esta mana e de um momento para outro sentimos uns pios

fininhos, assim que reparámos vimos duas cobras a descerem vertiginosamente da árvore uma atrás da outra. A minha mulher fugiu e caiu, aquela mana parece que foi mordida porque estava mesmo encostada ao tronco. E as cobras uma preta meteu-se por aqui e outra acastanhada por ali.

Jacinto pegou na caçadeira, espreitou entre a ramagem e levantou-se uma negra e grossa cobra mexendo a cabeça e fazendo dançar a língua em tiras pronta para fazer mais vítimas. Mas foi prontamente abatida por uma só rajada. Tinha cerca de cinco metros de comprimento com juba, rabo amputado e cicatrizado a que se pensou que o monstro devia ter mais do que o comprimento actual. Que arrepiante réptil que nunca foi conhecido desde os antepassados, apenas através de lendas!

Observada a mãe das crianças, não trazia qualquer ferimento, apenas desmaiara de susto. A Kunjinkise apresentava dois fininhos ferimentos de dentes na parte da anca. Cuspia abundantemente, respiração acelerada, falava a custo, pedindo que a levassem para o Mungo. Colocada na carrinha, a viatura disparou. Na enfermaria do Posto Sanitário, José pulou do sofá onde, desconsolado, fervia de febre e depressão por causa da Kunjinkise. Correu atordoado, vendo a Luciana estendida no divã, descontrolou-se e soluçou, abraçou e beijou a moça com os olhos a desfalecer.

— Ó homem — gritou o Jacinto —, antes que seja tarde aplica-lhe a injecção, depressa! Já fizemos a escarificação no sítio mas a cobra é daquelas fulminantes.

Abriu o armário dos soros antivenenosos, preparou a injecção a tremer e quando ia a aplicar a seringa cai das

mãos e espalha-se em cacos no chão. Sente um baque no coração, acocora-se junto do divã, lagrimando. Domingos corre, prepara outra injecção e aplica. Aplica mais uma de óleo canforado, outra de coramina. Era tarde.

Estavam presentes o chefe de Posto e esposa, os comerciantes e seus familiares. E um eco de vozes lancinantes dos parentes da Luciana anunciava ao regime fascista português a perda irreparável da filha do contratado, da neta e bisneta e tetraneta do contratado... e lá, e lá, lá das matas correspondendo num assentimento de terem ouvido e iriam transmitir isso mesmo ao mundo, outros sons de pássaros cumpriam a sua sagrada missão nocturna, salientando o EPUMUMU[1], que dizia:

Ngum-ngum... hum-hum-hum, ngum-ngum... hum-hum-hum...

(1) Pássaro de grande dimensão, também conhecido pelo nome de Pavão do Mato. Ao seu cantar é atribuído mau agouro. Lendas contam-se que o Grande Régulo Samakaka quando se deslocava a Benguela era transportado pelas asas do mesmo.

Eu também queria deitar uma lágrima
no óbito da mamanhi XIKA
e, na hora de sair o caixão, dizer:
NDAI Uôôô...
Mas, mas não posso

Eu também queria levar o caixão da mamanhi XIKA
e, na hora do enterro, dizer:
ZAI!...
Mas, mas não posso

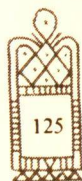
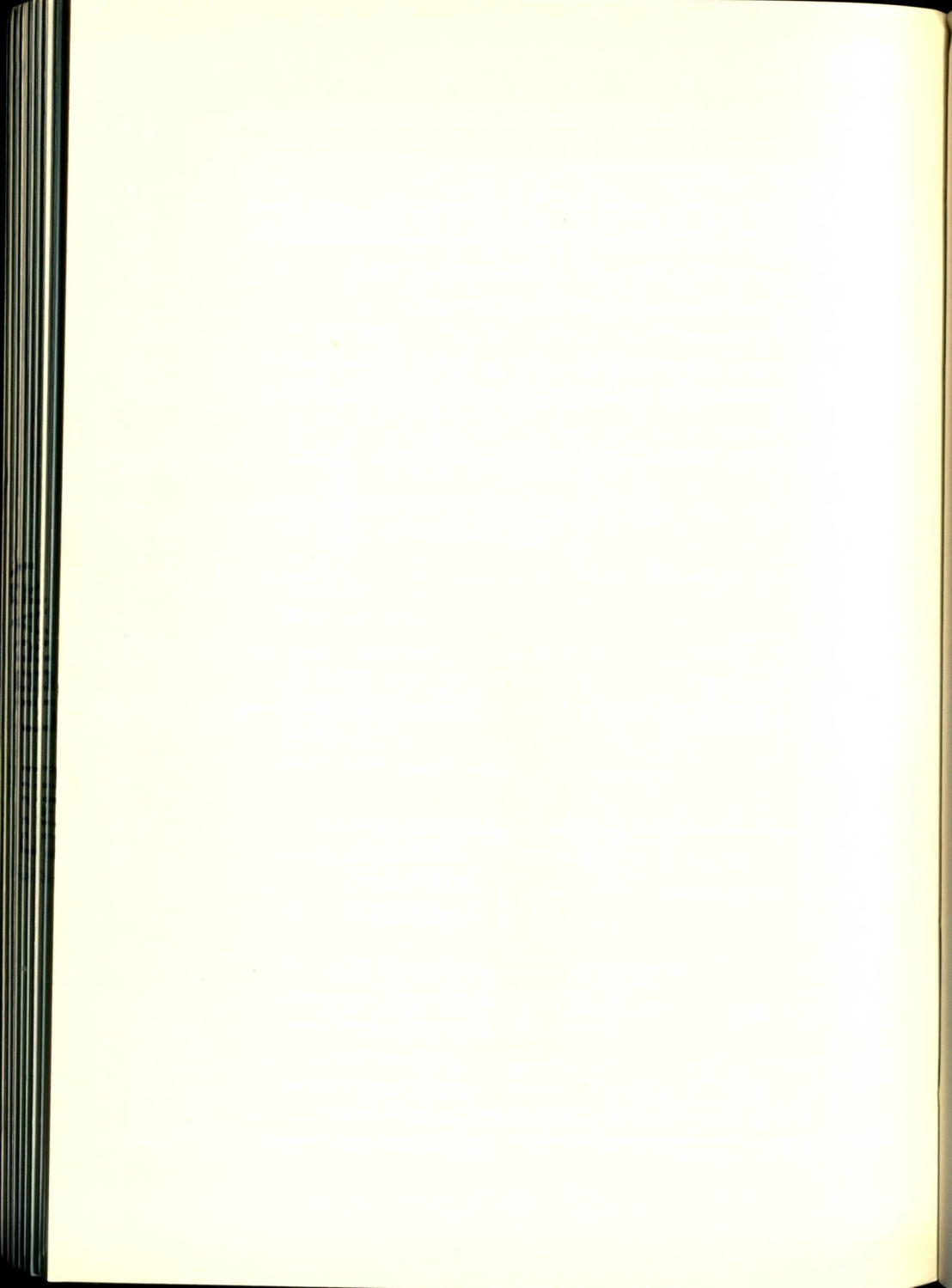
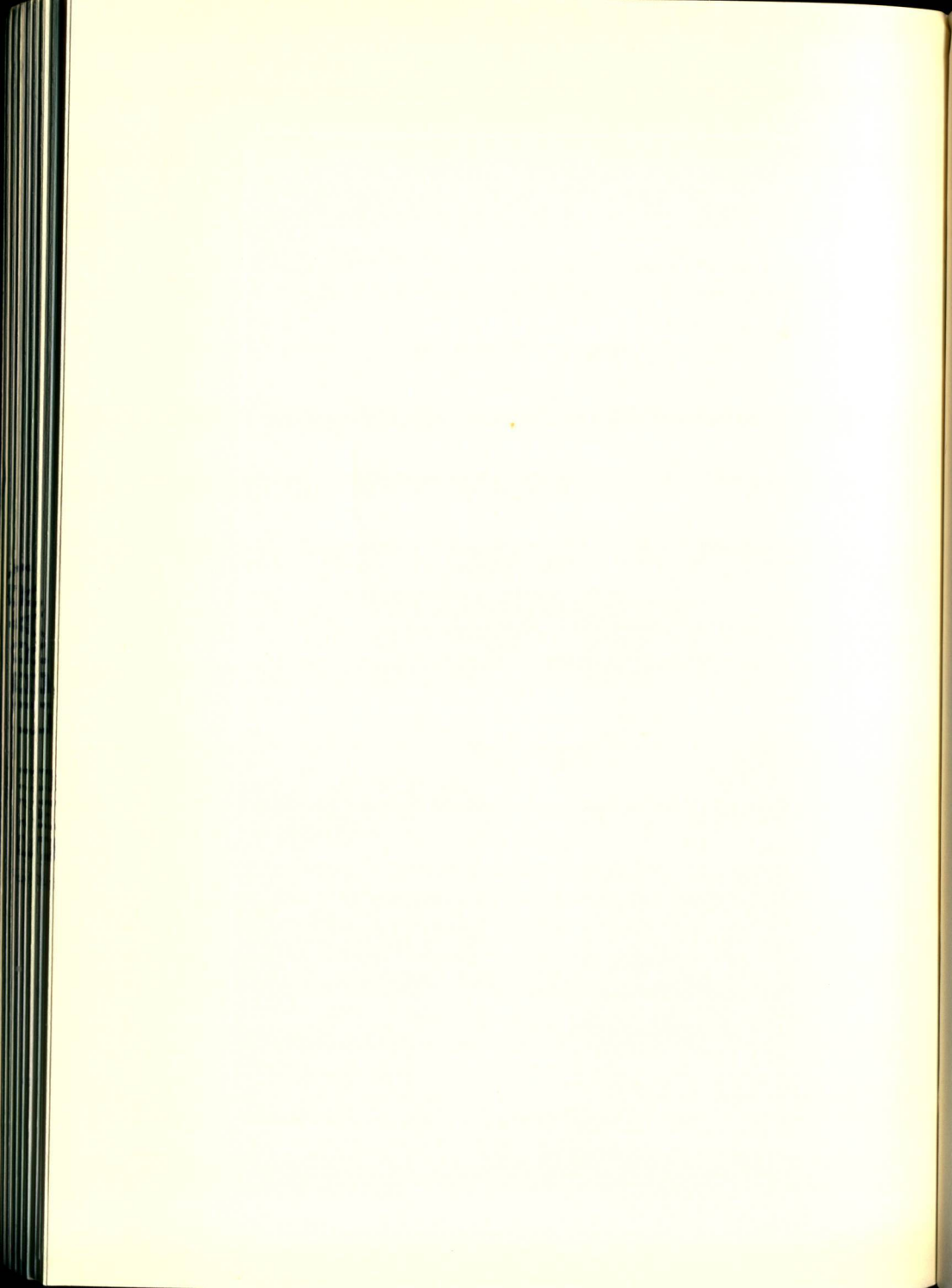
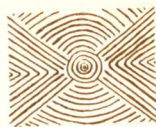
Eu também queria pôr Kisumbe na mão, no pescoço
minha admiração e consternação
pela mamanhi XIKA!
Mas, mas não posso

Eu também queria vestir-me de Kahididi
com grinalda de musekenha na cabeça
com ervas de mulambuiji à tiracolo
cruzando o peito e as costas,
com as mãos em leque e em movimento
de mágoa, didilando a mamanhi XIKA.
Mas, mas não posso

Eu também queria andar no meio do povo do óbito
dançando-e-gritando: ai-ué!!
lagrimando-e-chorando: ngongo jam' é!!
andando-e-abanando lenços, panos, ramos,
caudas felpudas de palanca, de pacaça,
guizos, molhos de amuletos,
chocalhos de jiseka, de mabanga
pendentes nas cordas de mikunga
e, num passo de kisembetete, gritar:
NZAMBIèè, KALUNG' èèè!!!
Mas, mas não posso.

Uanhenga Xitu
(Tarrafal, 1968)

GLOSSÁRIO

Kisumbe — fumo; qualquer tira de pano ou cordel que signifique luto.
XIKA — divindade das chuvas.
Zai — a terra que te seja leve! Descansa em paz.
Kahididi — pano que se amarra na cintura de forma especial que indica profunda tristeza.
Didilando — chorando (*Kudila* — choro)
Jiseka — caracóis.

MARGINÁLIA CRÍTICA

Revelado também pela Capricórnio com a novela *«Mestre» Tamoda* (1974), é Agostinho Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), que publica de seguida *Bola com Feitiço* (1974); *Manana* (1974); *Vozes na Sanzala (Kahitu)* (1976). Em todas elas se coloca na primeira fila dos narradores angolanos, mercê de uma linguagem original, bebida nos estratos sociais das zonas populacionais que não as de Luanda, de tudo resultando um narrado de crítica social acerba e implacável. Assim, o pitoresco desabusado entra, pelas mãos de Mendes de Carvalho, na narrativa angolana.

(MANUEL FERREIRA, in *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (vol. 2), Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, Portugal, 1977)

CRÍTICAS AO LIVRO *MANANA*

Uanhenga Xitu, Agostinho Mendes de Carvalho, estreia-se em livro, aos 50 anos. E não é de ânimo leve que o faz. A sua narrativa *Manana* é mais um exemplo da vitalidade das letras angolanas. Da vitalidade, e poderia também dizer-se da diversidade de caminhos que se abrem aos escritores de Angola. Não há receitas para a participação de um escritor nas tarefas que o seu país lhe propõe. A riqueza de uma cultura afere-se precisamente pela recusa de soluções monolíticas de que ela seja capaz. Evitar a problematização, a indagação, a pesquisa; preferir o simplismo das receitas feitas é um perigo não só para a liberdade do escritor, mas, acima de tudo, para a cultura que se pretende defender e incrementar.

O escritor empenhado insere-se numa dinâmica; a sua actividade não equivale à aceitação estática de soluções aparentemente edificantes. Corre todos os riscos que o acto de escrever implica. E é isso que Mendes de Carvalho faz. Ao escolher para protagonista da sua novela um anti-herói, um homem que recorre à mentira para sobreviver no meio de estruturas que não contesta, o A. sabia perfeitamente que corria o risco de não ser entendido. A crítica que se faz de determinadas estruturas, porém, não é eficaz pelas intenções que o Autor nelas ponha, mas pelos resultados a que tenha chegado. E aí o leitor exigente não deixará de agradecer ao A. de *Manana* o ter-lhe dado um quadro exemplar da situação do *assimilado* antes do processo de consciencialização por que passa o intelectual angolano no fim dos anos 40 e no princípio da década de 50. *Sobrevivência* com tudo o que isso implica de conformismo, de aceitação do estatuto de colonizado, é, nesse período, o alvo do *assimi-*

lado, incapaz de entender as contradições das estruturas em que se insere e de dar ao seu esforço uma dimensão libertadora. O *assimilado*, nessa fase, pensa que as soluções são individuais, passíveis de alcançar-se à custa de tudo e de todos. A manha, a ladinice, a esperteza são as armas ilusórias desse pícaro que acaba por ser vítima da sua inserção incorrecta na realidade.

Manha, ladinice, esperteza ajudam a definir a atitude do narrador-protagonista perante a vida. Pícaro, anti-herói, não são também termos descabidos para uma caracterização de Felito Bata da Silva, o protagonista, na sucessão interminável de patranhas que é o seu quotidiano de marido infiel, de pequeno D. Juan trapaceiro.

Felito não está interessado em mudar o mundo: aceita, ou, antes, para sobreviver, para se mover na enganadora *liberdade* por que optou, finge aceitar as estruturas sociais vigentes — é um conformista, e com o seu conformismo consegue a consideração dos *velhos*, dos representantes do mundo tradicional, também eles vítimas da alienação que o colonialismo a todos estende.

A sua promoção, não a usa numa perspectiva solidária, mas em proveito próprio. Não a põe ao serviço de uma reformulação correcta do mundo tradicional e da integração do *velho* num *novo* genuinamente desalienado. Como já se disse, ele aceita o *status quo* e, quando pretende fazer vingar uma alteração de superfície (convencer Manana e os familiares a preferirem os «Doutores da terra» pelos «Doutores do Hospital»), ele, que sempre tivera os *velhos* do seu lado, fracassa. Só que a sua derrota perante Manana não significa uma vitória para esta, porque também ela acaba por ser vítima da alienação, embora de signo diferente. Felito é o homem que rompeu o círculo da superstição e do fanatismo, mas que, por incoerência e falta de adequada perspectiva histórica, nada teve para oferecer como alterna-

tiva aos que se encontram vinculados, sem orgulho e sem horizontes, ao mundo tradicional.

Manana, essa, não chegou a passar pela metamorfose que a transformasse de «larva-de-abelha» em abelha adulta. Por falta de ajuda que, nas circunstâncias, só um Felito, desalienado, lhe poderia dar.

Para um leitor atento será, no entanto, evidente que a crítica de Mendes de Carvalho não se dirige tanto contra Felito, Manana, e os familiares e amigos de um e outro, como contra as estruturas coloniais que os alienavam e apenas lhes permitiam saídas ilusórias do seu espaço de asfixia.

(FERNANDO J. B. MARTINHO, in revista *África — Literatura, Arte e Cultura* n.º 1, Lisboa, Portugal, 1978)

CRÍTICAS AO LIVRO
«MESTRE» TAMODA E OUTROS CONTOS

A história da formação das literaturas dos países africanos de língua portuguesa é inseparável da história do colonialismo português e das condições que este impôs aos africanos. A existência da escravatura, interna e externa, seguida ou reforçada pelo trabalho forçado, a ausência de uma rede escolar, e ainda a impossibilidade de importar o material de impressão indispensável, retardaram o acesso dos africanos às formas de criação escritas. É certo que se inventou o conceito de «luso-tropicalismo» para procurar explicar a nós próprios primeiro, e depois ao mundo inteiro pasmado, que os portugueses não eram colonizadores como os outros, mas uma espécie de metacolonizadores capazes de evitar os escolhos da dominação. Os portugueses colonizariam na igualdade. O que, naturalmente, os africanos tiveram de desmentir nos combates que marcaram a vida portuguesa nos anos de 1961 a 1974. Para não referir as milhentas guerras anteriores.

É graças a esta impossibilidade de assumir a nossa responsabilidade que se fala, como sempre se falou, em descolonização. Esta expressão, que não pode ser um conceito, é ambígua. Traduz ela a vontade firme dos portugueses de conservar a sua autoridade paternalista: a independência não teria sido adquirida, ou imposta, pelos africanos, mas sim a consequência de um acto largo liberal e moscovita dos militares portugueses, secundados pela maior parte dos responsáveis políticos. Atitude paternalista, dizia eu mais atrás, porque esta interpretação quer a integridade do domínio português: os portugueses podiam

conceder a independência. Nunca os africanos a podiam arrancar aos portugueses. O veneno subtil do espírito colonial foi assim conservado. Nunca os franceses disseram que descolonizaram a Argélia: a independência foi arrancada pelos argelinos após combates duros e repressões terríveis. Nós queremos ao mesmo tempo a glória da guerra, acompanhada pela glória da descolonização!

Se recorro a um exemplo do nosso quotidiano para interrogar um texto da jovem ficção angolana é por me parecer indispensável pôr a claro a nossa responsabilidade nas operações coloniais, assim como a dimensão da constante colonização da nossa sociedade. Se bem que esta possua graus de consciencialização ou de recusa. Porque uma parte da burguesia do «import-export», cuja actividade económica assentava quase inteiramente nas relações com as antigas colónias, pode ter ignorado a importância do domínio colonial português. Ora, basta reparar que o calão lisboeta chama cacau ao dinheiro. Expressão que, de resto, se tem vindo a alargar ao resto do País. Já se pensou que o cacau é um fruto tropical, cuja cultura está limitada ao arquipélago de S. Tomé e Príncipe — onde a planta foi introduzida em 1800 — e uma franja reduzida do enclave de Cabinda?

Nesse caso, porque é que se utiliza a expressão cacau para dizer dinheiro, tanto mais que as bagas de cacau não se vendem no mercado, mas aparecem apenas em forma de chocolate ou então em pó? Creio que a única explicação se encontra na nossa história económica. Em determinado momento da nossa vida nacional a compra de ouro no exterior — quer dizer em Londres, claro — era precedida pelo desembarque de cacau em Lisboa, no período áureo da reexportação dos produtos coloniais. Francisco Mantero mostrou, num quadro minucioso, a correspondência estreita entre estas duas operações: desembarque de cacau em

Lisboa, compra de ouro em Londres([1]). Ao que talvez pudesse acrescentar-se o facto de o cacau ter contribuído para a construção da linha do Estoril, com casino e tudo, graças aos capitais mobilizados e geridos por Fausto de Figueiredo.

A invenção da língua angolana

Tenho lido, e relido, com muito interesse os contos de Uanhenga Xitu, que assina também Agostinho Mendes de Carvalho, reunidos num volume intitulado *«Mestre» Tamoda e Outros Contos*.

Repare-se na hesitação existente no que diz respeito ao nome próprio: Uanhenga Xitu, com o seu nome angolano, é também Agostinho Mendes de Carvalho, nome estruturalmente português. O facto de Uanhenga Xitu, que reivindica o seu nome bantu, continuar ainda a ser Agostinho Mendes de Carvalho reforça a marca do colonialismo português, que obrigou os angolanos, os cabo-verdianos e uma grande parte dos moçambicanos, a renunciar aos nomes e apelidos africanos. O que autonomiza os dirigentes africanos de língua portuguesa nas reuniões africanas: enquanto as demais nações africanas possuem dirigentes que conservaram, mesmo se com variantes — como no caso de Senghor — os nomes africanos, os dirigentes de língua portuguesa são também portadores de nomes vincadamente portugueses. Este facto traduz não só o peso da dominação colonial

---

(1) F. Mantero, *A Mão-de-Obra em S. Tomé e Príncipe*, Lisboa, s.ed., s.d. (1954). Ver na página 152 o quadro comparativo: «Ouro adquirido pelo governo e valor em ouro do cacau de S. Tomé e Príncipe entrado em Lisboa no ano económico de 1908 e 1909.» Deve dizer-se que Jorge Borges de Macedo não está inteiramente de acordo com esta leitura da questão, mostrando que as nossas relações com Londres passavam, neste plano, por outras vias.

portuguesa, mas também a tentativa, que muitas vezes resultou, de destruir a estrutura aldeã tradicional e comunitária. Explica-se melhor então que o autor procure resolver uma das questões centrais da vida angolana actual: a relação entre a língua e a palavra, tentando libertar-se do peso normativo e demasiado estável do português de Portugal, nisso assaz diferente do português do Brasil, infinitamente mais dinâmico. O que pretende o autor? Simplesmente a injecção do carácter mutável que está agindo constantemente no português falado em Angola. A deformação fonética, tão facilmente identificável pelo ouvido mais distraído, é reforçada pela deformação sintáxica e semântica. Mas estarei utilizando a expressão correcta: deformação? Certamente que não: trata-se de uma re-invenção da língua, que parece provar a extrema vitalidade do português, mas também a necessidade angolana de sair do espaço da glotofagia colonialista, para empregar uma expressão actualmente muito em voga.

Quer dizer que, para Mendes de Carvalho, como já fora o caso para outros, embora não muitos, escritores angolanos e moçambicanos, o problema da criatividade é central. Não se pode assumir a criatividade sem romper com o quadro formal do português — tal é a primeira regra que se impõe a estes escritores. A recusa da formalização aparece como uma das consequências das condições existenciais angolanas, mas também como resultado do projecto dos escritores que não querem deixar-se fechar no abstracto, que é do domínio do já codificado, para inventar, quer dizer para assumir o peso e a responsabilidade: do concreto.

É certo que nem todas as escritas recém-aparecidas nas antigas colónias portuguesas são felizes, e a ganga abunda. Mas mesmo quando ela não se impõe nem temática nem formalmemente, deixa aparecer claramente a impor-

tância dos problemas abordados. A relação que nos é apresentada não é exterior, é uma relação elaborada e sentida de dentro, quer dizer, pois, de uma perspectiva radicalmente angolana. Retendo, inclusive, e como podia ser de outra maneira?, a relação tão problemática com o quimbundo, que já marcara a ficção de António de Assis Júnior, ou a poesia de Viriato da Cruz. Ambiguidade que não pode deixar de ser assinalada, pois se escreve em português a respeito de gente que só fala o quimbundo, e esta língua aparece tratada como uma língua estrangeira: incrustrada no texto, mas traduzida em nota de rodapé. Questão delicada, pois traduz uma má consciência dos escritores angolanos, assim como algumas incertezas quanto aos códigos linguísticos a aplicar.

A prática de Tamoda, vítima do colonialismo

Seria impossível proceder à leitura integral dos contos de Mendes de Carvalho. Decidi por isso limitar-me a ler com o cuidado devido o conto que dá o título ao livro. A razão é simples: através de uma biografia imaginária mas clássica são-nos apresentados os problemas centrais das relações entre colonizados e colonizador, onde as línguas são elementos essenciais. A história elimina as falsas complicações: descreve o percurso de um jovem africano, Tamoda, que, «muito novo, dirigiu-se para a cidade de Luanda, onde viveu muitos anos». Em Luanda trabalhava e estudava nas horas vagas com os filhos dos patrões e com os criados do vizinho do patrão. «Assim aprendeu a fazer um bilhete e uma cartinha que se compreendia.» No seu último emprego, antes de regressar à sanzala, passava o «tempo a decorar e a copiar os vocábulos do dicionário». O seu capital, ao regressar à sanzala, era constituído por «muitos

romances velhos, entre eles um dicionário usado, e já carcomido, algumas folhas soltas de dicionários, cadernos garatujados com muito vocabulário, um livro de "Como Se Escrevem Cartas de Amor", outro de "Manual de Correspondência Familiar" e alguns volumes de leis» (pp. 9-10).

A história passa-se não já na cidade, como acontece na quase totalidade da ficção angolana, que privilegiou largamente as relações urbanas, ou urbanizadas, mas na sanzala, entre africanos. Mendes de Carvalho mostra quais as relações que se estabelecem entre um jovem africano que quer utilizar a língua do dominador e a população da sanzala, que se mantém fiel ao quimbundo. Este recurso constante ao português é reforçado pela exibição dos fatos que Tamoda trouxera da cidade. Ou seja, os dois elementos utilizados para manifestar a relação com os portugueses e procurar afirmar uma diferença em relação aos habitantes da sanzala são o vestuário e a língua. Os dois símbolos mais evidentes da dominação colonial, e que constituem também os elementos mais patentes e constantes do processo alienatório imposto pelo colonizador. Estes dois elementos permitem, todavia, a Tamoda granjear «bastantes simpatias dos jovens estudantes», quer dizer dos alunos da escola primária. As folhas soltas de dicionário distribuídas por Tamoda eram «decoradas pelos miúdos e eram encaixadas com mais facilidade que o ditongo, sílaba e adjectivo do professor oficial» (pp. 12-13).

Os conflitos vão estalar e pôr em evidência a situação artificial de Tamoda, que não consegue ser reconhecido nem pela aldeia nem pelos brancos. O conflito revela-se nas relações com a professora primária, que recusa os sinónimos propostos por Tamoda e retidos pelos jovens africanos: «não quero palavras do português de Tamoda cá dentro nem lá fora» (p. 24). Retenhamos o conteúdo real da situação:

Tamoda aprendeu um português único, inventa uma língua nova a partir dos conceitos ou das palavras realmente portuguesas, dando-lhes um conteúdo inesperado. Mas se tais palavras são reconhecidas e utilizadas, isso quer dizer que a relação entre a língua do colonizador e a do colonizado é precária. Mais ainda: verifica-se que os africanos, mau grado a sua longa permanência junto do colonizador, não aprendem o português. Aprendem uma língua intermediária, que permite apenas uma identificação superficial. Se é certo que o português possui o prestígio associado às funções do dominador, a verdade é que poucos africanos conseguem aprendê-lo e utilizá-lo de maneira coerente. Finalmente, as duas comunidades mantêm-se radicalmente separadas pelas línguas a que se mantêm fiéis.

O segundo conflito aparece a propósito da «afamada kikema», quer dizer de um processo de fazer frisos, utilizando a casca de mubanga e o fixador de mutamba, além de outros ingredientes e o ferro-de-engomar. O que provocava queimaduras na cabeça das crianças e protestos das famílias, que acabaram por chegar aos ouvidos da administração. Ora, é sabido que a importância dada à maneira como as pessoas se penteiam é patente em todas as sociedades: lembremo-nos do escândalo provocado pelos cabelos compridos, que pareciam ameaçar a ordem estabelecida. E lembremo-nos, em contrapartida, dos cabelos cortados curtos, símbolo de uma ordem policial, que até a dimensão dos cabelos controlava. E continua a controlar, sendo a máquina zero do Exército o símbolo do receio manifestado pelas autoridades constituídas perante os cabelos que, crescendo, ameaçam os alicerces da ordem moral e outras tolices do género. A verdade é que este fenómeno se verifica também nas sociedades africanas e os conflitos aparecem quando se renuncia a uma forma de penteado tradicional para preferir uma forma nova considerada pouco respei-

tadora das tradições e também das autoridades e dos mais velhos. O que entre o mais está na base da ruptura que criou em Angola o movimento messiânico Tokoista ([2]).

A isto acrescem, no passivo de Tamoda, os epítetos dirigidos às autoridades africanas integradas no processo de dominação português: «também o facto de alcunhar os cipaios de verdugos ou fintilhos e aos quimbares (regedores) de panaças, de pacaios, criara-lhe antipatia junto das autoridades» (p. 25). A língua portuguesa continua a agir como forma de ruptura entre os africanos e a sociedade dominadora, logo que um africano parece recuperá-la, injectando-lhe formas e sentidos inesperados. Vê-se assim a que ponto a renúncia à regra pode provocar um mal-estar desestruturante nas relações, sempre precárias, entre colonizados e colonizadores.

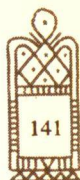
A intervenção e a autoridade administrativa aparece um pouco tarde, mas aparece, como de resto havia de ser, sabendo-se a que ponto o pessoal administrativo — dos administradores aos aspirantes — manifestava uma repulsa pelos chamados «advogados de Sanzala», que não hesitavam em se queixar às autoridades internacionais dos abusos cometidos. Convocado pela administração, Tamoda vê-se primeiro a contas com os cipaios, quer dizer com os africanos que exercem as funções de contínuos e de polícias, assim como as de carrascos, encarregados de aplicar as palmatoadas com que a administração brindava os africanos considerados culpados. Instalados em lugar privilegiado, os cipaios procuram forçar os seus conterrâneos ao pagamento de *bengalas*, ou seja de mata-bicho ou gratificação. Trata-se de uma punção constante exercida contra os

(2) Ver a este propósito o meu estudo «The Tokoïst Church and Its Influence on the Portuguese Colonization of Angola», publicado na obra colectiva *Protest and Resistance in Angola and Brasil*, dirigida por R. H. Chilcote, University of California, 1971.

africanos convocados pela administração, revelando a degenerescência das relações humanas impostas pela administração.

Se Tamoda recusa pagar a bengala, os resultados desta atitude serão negativos: o cipaio continua a exercer uma das mais velhas funções da colonização, a de intérprete, na medida em que os funcionários portugueses não sabem, ou sabem pessimamente, as línguas africanas, consideradas sublínguas, quer dizer, para traduzir esta expressão na língua mais viva utilizada pela administração, «línguas de pretos». Sobretudo, os cipaios denunciam, em comum com todas as autoridades portuguesas, a deformação imposta pela vida urbana: «estes rapazes, quando saem na cidade, pensa que já não são pessoas da terra» (p. 29), cochicha um dos cipaios para definir o comportamento de Tamoda. E uma segunda intervenção torna as coisas ainda mais claras: «estes 'calcinhas', quando sai no Luanda não fica com respeito de autoridade...» (p. 35), traduz o afrontamento entre os pequenos parasitas da autoridade portuguesa e o pobre Tamoda, que pensa poder entender-se com a administração graças à «língua de Camões». Ilusão perigosa, pois a administração não hesita em castigá-lo com as palmatoadas da praxe([3]).

Mas se Tamoda é inevitavelmente enxovalhado pela administraçãc e pelos cipaios, seus auxiliares privilegiados, tal facto não lhe pode abalar o prestígio. Todos os africanos sabem que os portugueses não aplicam a justiça, mas recorrem constantemente ao arbitrário e à violência. Os africanos são sempre as vítimas desta maneira de agir.

(3) O «calcinhas» aparece como uma forma caricatural na linguagem europeia, aqui inteiramente adoptada pelos africanos auxiliares da repressão. Convém mostrar que a caricatura se integra no quadro da falsa identificação, tal como foi definida por Joseph Gabel, e pertence por isso às fórmulas de exclusão do racismo. Ver a este propósito *A Falsa Consciência*, de Joseph Gabel, que deve ser publicada em breve por Guimarães Editores.

Por isso Tamoda poderá explicar aos seus conterrâneos, aos seus compatriotas, que a punição de que foi vítima traduz apenas o ciúme dos brancos, dos portugueses, face ao seu saber, que seria uma ameaça para os colonialistas: «Eles — os brancos — são assim mesmo, não querem que a gente saiba mais do que eles...» (p. 41). Quer dizer que, senhores da língua oficial, eles recusam o saber de Tamoda. Ora Mendes de Carvalho estabelece uma longa lista de palavras utilizadas por Tamoda, mas cujos sinónimos são fantasistas. Quer dizer que a língua utilizada é uma língua provinda do imaginário, que ao mesmo tempo procura recuperar uma parte do aparelho de dominação do colonizador. Pobre língua da alienação, que apenas provoca o comentário irónico dos administrativos, e a punição enxovalhante. Mas também neste caso a administração portuguesa revela a sua incapacidade de compreender este fenómeno: impondo por um lado a língua portuguesa mas punindo com a máxima brutalidade os que, nas sanzalas, procuravam compreender e afinar a nova língua. Mas como esperar outro comportamento da gente encarregada de fazer respeitar as normas, que são sempre repressivas?

Mendes de Carvalho recupera, no final da sua história, que se quer paradigmático, o quimbundo. Tamoda aparece-nos anos depois, morrendo despojado da camisa, dos sapatos, do capacete, do *ndunda* — quer dizer do dicionário, obrigado como fora a tudo trocar por mandioca: *kingilé, o jibot'ojo, o capacet'oko tuondo musumbe-ko mu makoka* (p. 42). Morto também para o português, regressado ao quimbundo materno, que traduzia melhor a sua relação com o mundo. O desencontro entre o colonizado e o colonizador é assim nitidamente afirmado, e a impossibilidade de um equilíbrio aceitável entre as duas comunidades afirma-se por via destes processos cultural e linguístico. A ausência de cordialidade nas relações entre as duas comunidades

aparece nitidamente afirmada, pois os dominadores nem sequer são capazes de reconhecer os esforços feitos por alguns africanos para se entregarem nos usos e costumes que são os seus. Esta rejeição só pode provocar uma rejeição similar, brutal necessariamente. Como aconteceu(4).

(ALFREDO MARGARIDO, in «Letras e Artes», supl. literário do jornal *Diário Popular*, 28 de Junho de 1979, Lisboa, Portugal. Publicado sob o título «As Línguas e o Trajo na Dominação Colonial»)

*

Em *«Mestre Tamoda»* e *«Bola com feitiço»*, as duas primeiras estórias do livro em epígrafe, Kidi e Kuzela, dois meninos da sanzala, fazem a descoberta maravilhosa do mundo. Em nenhuma das duas narrativas são eles os heróis. E, no entanto, é por eles, e com eles, que o Autor, deixando a «imaginação» *desprender-se* de si, regressa, a partir do espaço concentracionário do Tarrafal, ao espaço (relativamente) livre da infância. A memória funciona aqui como força libertadora, como meio de recuperar um tempo em que, dentro dos quadros do mundo tradicional, a violência colonialista não exigia, até certo ponto, um confronto exposto e directo. Ao mesmo tempo, as estórias fazem, no paciente concretizar da escrita, companhia ao seu autor; são «amigas íntimas» e *fiéis* que lhe tornam menos opressivo o «longo cativeiro». Multiplicam o «NÃO» (de que fala o texto breve da contracapa) gravado «no tronco de uma acácia rubra», crescendo na aridez de Chão Bom, Tarrafal. Ajudam-no a «resistir», a manter viva a esperança que garante a chegada inevitável da liberdade. Uanhenga Xitu

(4) Uanhenga Xitu/Agostinho Mendes de Carvalho, *«Mestre» Tamoda e Outros Contos*. Lisboa, Edições 70, 1977.

nasce, assim, para a literatura — forma que o homem sempre privilegiou de afirmar a sua dignidade, de resistir às forças que pretendem a sua degradação. E esse nascimento só foi possível porque aquele que foi ascendendo a formas cada vez mais exigentes de inserção na realidade não deixou morrer em si as energias renovadoras, o deslumbramento, a imaginação ávida de liberdade da infância.

A narração que, em *Manana* [Vide recensão em *África*, n.º 1], era feita pelo protagonista, um assimilado alimentando a ilusão de saídas isoladas para o bloqueio colonial, passa nas três estórias que compõem *«Mestre» Tamoda e Outros Contos* para a terceira pessoa, sem que isso signifique, de modo algum, um apagamento ou distanciamento do narrador. Trata-se, aliás, de um narrador que, uma ou outra vez, se revela sem rebuços, como acontece, por exemplo, quando, no primeiro conto, o «Mestre» regressa à sanzala («Estive lá»), depois da humilhação que sofre no «Posto Sede de Catete», ou quando, na última narrativa, «Vozes na sanzala (Kahitu)», se dirige aos que, pela leitura, estão a *ouvir* a narração da *enredada* estória do «paralítico de Deus» («Mas peço aos leitores para não perderem a meada»). Mas, acima de tudo, é um narrador *próximo* das personagens, que não se arvora em seu juiz a não ser quando elas representam o colonialismo explorador das fraquezas e contradições do mundo tradicional da sanzala. Transparece das estórias de Uanhenga Xitu, de forma óbvia, o prazer de narrar, e mais, o gosto de pôr as personagens em diálogo. As falas delas, sobretudo, terão servido de *companhia* ao seu evocador (ou criador).

Torna-se impossível ao leitor olhar severamente as prosápias lexicológicas do *Mestre* da primeira estória, um *assimilado* que procura deslumbrar com o brilho de uma cultura *assimilada* superficial e livrescamente os *indígenas* de cujo seio saiu. Se os contornos que definem a persona-

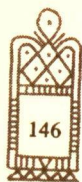
gem se situam no âmbito de uma caricatura (terna e próxima) do assimilado, a figura de Tamoda não deixa, ao mesmo tempo, de polarizar a negação da superioridade branca, pelo acesso, embora desvirtuado, a uma cultura que o colonizador considera da sua exclusiva competência. Ver o regresso do *Mestre* à sanzala simplesmente como a hábil manobra de um assimilado que quer fazer da derrota sofrida junto dos que procurou *imitar* uma vitória, é não perspectivar correctamente o significado da cena final do conto. A seu modo, o que ele defende, junto dos «velhos» e dos seus «fans», é o orgulho de um povo que é capaz de confundir o inimigo no seu próprio terreno. Claro que nas condições históricas concretas do período a que as histórias do volume se reportam, difícil era às gentes das sanzalas ter outros *mestres* ou líderes. O campo ainda não estava preparado para receber a lição que alargasse a rejeição individual à luta colectiva, como «facto» e «factor» de cultura. É uma fase embrionária do processo de consciencialização, correspondente ao período que precede a Segunda Guerra Mundial, em que os *mestres* não dispõem de ferramentas que lhes permitam apontar caminhos para além do imediatismo de soluções de estrita sobrevivência.

A acção *pedagógica* de *«Mestre»* Tamoda não está correctamente perspectivada, não conduz a resultados práticos que tenham em vista uma verdadeira emancipação das gentes da sanzala. No entanto, o poder colonial não deixa de fazer a sua *leitura* da canhestra *pedagogia* do *Mestre* e de nela ver um perigo potencial. A distribuição de folhas de dicionário pela miudagem, a difusão entre a «gente nova» de processos de frisar o cabelo, são, aos olhos de uma autoridade que em tudo suspeita ameaças à ordem colonial, actos de *insubordinação* e *subversão* e, por isso, o «Curso do Tamoda (é) encerrado» e o *Mestre* convocado pelo Administrador do Concelho. Os representantes da ordem

estabelecida não vêem com bons olhos iniciativas do *ensino* da língua *oficial* que não sejam veiculadas pelos seus canais.

A acção do *Mestre* da terceira estória, Kahitu, situa-se a um outro nível — o de pequenos, mas úteis, serviços à comunidade. No momento, porém, em que comete uma falta (a sedução de uma das moças mais belas da sanzala) que não se encontra prevista no código do grupo para elementos *anómalos* como ele — Kahitu é paralítico desde a nascença —, de pouco lhe valem as múltiplas ajudas que prestou à comunidade. Os «homens da Justiça» da sanzala não lhe perdoam a contestação que directa ou indirectamente fazia à sua autoridade, e Kahitu, para defender a sua dignidade, não tem outra saída que não seja o suicídio antes da humilhação do julgamento. Nada mais lhe restava, já que aqueles que ajudara «a crescer» ou ensinara «a ler e escrever» o abandonavam ao opróbrio de um «crime» que, cometido por um indivíduo normal, facilmente teria sido esquecido pelo grupo. Tal como Tamoda, que se desfaz em salamaleques e abstrusas retóricas perante o Administrador, Kahitu, considerando a hipótese de «ser julgado por um Chefe de Posto», é um ser contraditório que ainda não situou a sua *revolta* no quadro mais amplo da libertação do povo a que pertence.

«Vozes na Sanzala (Kahitu)» é, sob o ponto de vista narrativo, uma curiosa simbiose das narrativas da tradição oral (pelo lugar dado ao maravilhoso, quer na parte inicial da estória, antes do nascimento do herói, quer no final, quando a natureza se vinga da *injustiça* cometida pelas gentes da sanzala) e do tipo de estória em que acompanhamos o crescimento do herói e a aprendizagem da vida que, penosamente, vai realizando.

É ainda na «área do Icolo e Bengo» que Uanhenga Xitu se fixa, quando, na segunda estória, *Bola com feitiço*,

regressa, mais uma vez, ao mundo da infância. Desta feita para narrar um «memorável» desafio de futebol entre duas sanzalas, o qual redunda em gigantesca pancadaria. Entre os assistentes do «memorável encontro», estão Kuzela e Kidi, igualmente testemunhas das incríveis cenas de feitiçaria a que conduz o desejo de ganhar a todo o custo. Também aqui o sorriso com que as fragilidades do mundo tradicional são olhadas é um sorriso benévolo, perdido o ímpeto porventura cáustico e desapiedado no gosto da evocação. Um gosto de lembrar, não certamente por fixação saudosista, mas por necessidade de melhor conhecer o terreno onde vão germinar as sementes da transformação.

(FERNANDO J. B. MARTINHO, in revista *África — Literatura, Arte e Cultura* n.º 4, Lisboa, Portugal, 1979)

*

Não tivesse havido o 25 de Abril e na sua sequência a independência de Angola, e Uanhenga Xitu continuaria ainda hoje, sem dúvida, um prosador inédito em volume. Talvez tivesse havido uma certa condescendência, que mais não seria do que ânsia de comprometimento, para com o Agostinho Mendes de Carvalho, mas, como escreve o autor, «Uanhenga Xitu... é meu nome, não é pseudónimo. Todos que me viram nascer e crescer lá em Calomboloca sabem que me chamo Uanhenga. (...) Acabou-se, ou se publica o trabalho com Uanhenga Xitu... ou se espera que um dia haja quem aceite o nome por que sou conhecido lá na minha sanzala, onde nasci em 1924».

Por ironia do destino, foi a muitas centenas de quilómetros da sua sanzala que pela primeira vez o seu nome apareceu impresso a assinar um breve poema. Refiro-me a

uma página de literatura angolana por mim organizada no jornal *República* em Novembro de 1972.

Constituído por três textos, «'Mestre' Tamoda», «Bola com Feitiço» e «Vozes na Sanzala», estes contos, reunidos agora pela primeira vez em volume, apareceram respectivamente em 1974 (cadernos Capricórnio, Lobito) e 1976 (edição do autor, Luanda). Entretanto, as Obras da União dos Escritores Angolanos, colecção editada em Luanda, anunciam para breve a publicação de *«Mestre» Tamoda e Outros Contos*, e ainda de *Manana*, também de Uanhenga Xitu, e já aparecido em volume numa editora portuguesa. Vemos assim que em quatro anos se publicaram três vezes as obras do A. e em editoras diferentes. Cremos que este facto pode servir para mostrar o interesse dos seus trabalhos e provar que lhe valeu a pena esperar que um dia houvesse quem aceitasse o nome por que era conhecido na sua sanzala.

Inato contador de histórias, Uanhenga Xitu, enquanto nos faz rir com as peripécias hilariantes e presunçosas de «Mestre» Tamola, vai pondo ligeiro mas concreto o dedo na ferida. E o angolano que sabia de cor tanta página do dicionário de português, sem todavia conhecer o sentido das palavras é uma boa ilustração do homem *desassimilado*. Com efeito, ainda que o bilhete de identidade, passado pelas autoridades, lhe garanta a qualidade de *assimilado*, «Mestre» Tamoda é uma imitação grosseira duma cultura e duma língua que lhe são alheias. Perdidas as raízes e o contacto com o seu povo, todo o angolano acabará sempre por ficar, como profetizava em quimbundo o cabo dos cipaios, sem «sapatos e o capacete a troca de mandioca». O episódio em que Tamoda é chamado pelas autoridades para se identificar é um apontamento ligeiro mas realista sobre relações entre brancos e negros. A corrupção, o paternalismo, a desconfiança e a resignação — eis alguns

elementos do clima então vivido em Angola. Uanhenga Xitu evoca-os com brandura e serenidade, mas nem por isso surgem menos prementes e incisivos.

Em «Bola com Feitiço» e «Vozes na Sanzala», Uanhenga Xitu segue itinerário diferente. Utilizando costumes, crenças, jogos, lendas e feiticismos do seu povo, numa palavra, o quotidiano, o A. consegue traçar com amor e verdade um quadro real visto de dentro para fora. Transmite-nos um povo que existe, que palpita e cuja história nos é contada sem exotismos literários nem inventadas adesões ou falsos entusiasmos. Uanhenga Xitu comunga com o povo a que pertence, com ele se diverte e entristece e dele fala com uma ternura e um conhecimento impressionantes.

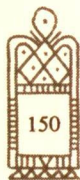
Para terminar esta recensão não podemos deixar de nos referir ao cuidado posto pelo escritor em explicar, em rodapé, todos os vocábulos ou expressões de quimbundo que empregou ao longo do volume. Isto é tanto mais de louvar quanto circulam entre nós várias obras de autores angolanos que não fazem qualquer referência aos termos ou frases de línguas de Angola usados nos livros. E, diga-se de passagem, a sua explicação só viria a contribuir para uma melhor compreensão dos textos. Aliás, qual o crítico português capaz de dispensar esse glossário?

(LIBERTO CRUZ, in revista *Colóquio/Letras* n.º 48, Março de 1979, Lisboa, Portugal)

*

A edição original deste livro (*«Mestre» Tamoda e Outros Contos*) foi publicada nos Cadernos Capricórnio, do Lobito (Angola), em Junho de 1974 — sendo assim um dos primeiros a revelar, logo após o 25 de Abril, a existência

duma literatura clandestina da Resistência angolana. Surgiu há pouco esta edição em Portugal, na sequência duma colecção (Autores Angolanos, das Edições 70) em que têm sido divulgadas narrativas e poesias de escritores daquele país libertado, incluindo obras ignoradas de autores entre nós desconhecidos e sucessivas edições de obras do autor consagrado que é Luandino Vieira. No conjunto da série, o que mais e imediatamente impressiona é a súbita descoberta duma literatura nacional de Angola cuja riqueza mal poderia adivinhar-se. E, neste livro de Agostinho Mendes de Carvalho, de seu nome nativo Uanhenga Xitu, nascido em 1924, antigo enfermeiro e deportado por longos anos no campo de concentração do Tarrafal, a impressão mais viva para o leitor surpreendido vem da espontaneidade e autenticidade da criação literária, a dar corpo a um testemunho vivencial em que se fundem eloquentemente o individual e o colectivo. Da mesma simbiose do autor com o seu mundo originário resulta a combinação assídua, ao longo do livro, da língua portuguesa e do quimbundo, a anunciar uma provável gestação linguística futura (ou já em curso) que será o fruto necessário da evolução cultural desencadeada pela independência.

Uanhenga Xitu nasceu como escritor da sua experiência dolorosa e heróica de combatente. O primeiro trabalho literário que escreveu e «saiu a público como desejava» — ele o diz — foi no presídio do Tarrafal: «um verso com a palavra *não* gravado no tronco duma acácia rubra». Na prisão se geraram as narrativas de *«Mestre» Tamoda e Outros Contos*, que foram «as amigas íntimas e fiéis do longo cativeiro» e deram forças ao encarcerado para resistir, para «resistir até à liberdade». A sua e a do seu povo. Retornando à infância nas horas infindáveis, reviveu o prisioneiro os lugares nativos, a gente das sanzalas, episódios e traços vividos. E, seguindo-se à infância, a luta da

libertação, os companheiros vitimados, a esperança no futuro. Assim se desdobram, fluentes e castiças, as narrativas do volume. Com ele e com a série em que se integra está a desvendar-se uma literatura angolana que é expressão e agente da identidade de um povo.

(in revista SEARA NOVA n.º 1591, Maio de 1978, Lisboa, Portugal)

*

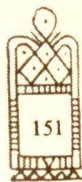
Tivemos, na passada semana, a oportunidade de escrever uma nota sobre um grande escritor angolano e da língua portuguesa: Luandino Vieira.

O livro de contos de um outro autor angolano, Uanhenga Xitu, vem-nos dizer que a literatura de Angola não se resume à obra (importante) de Luandino, e mais, que a ficção que nos vem da África que escreve português está certamente a propor um estilo novo e talvez uma escola de expressão original e caracteres bem específicos.

«Mestre» Tamoda, Bola com Feitiço e *Vozes na Sanzala (Kahitu)* são os três contos que constituem o livro de Agostinho Mendes de Carvalho — Uanhenga Xitu, irmão do célebre comandante Henda do MPLA, morto em combate em 1968 e ele próprio um militante das lutas de libertação do seu povo e prisioneiro no Tarrafal da nossa colectiva memória negra. Aí no Tarrafal, começou Xitu a escrever.

Nestes contos surpreende-nos a maturidade do estilo, a linguagem rica (como em Luandino), aberta, popular e colorida, sem falsidades nem populismos abusivos. E a capacidade, de romancista nato, de dar vida a personagens que existem e não são meros manequins artificiais porque são gente com um quotidiano concreto e reconhecível.

Uanhenga Xitu não vai primariamente atrás da de-

monstração de uma moralidade; o texto e os acontecimentos comandam. E o lirismo, o amor, as misérias e as alegrias dos seus, que o autor tão bem conhece e tão bem as sabe reinventar. São homens e adolescentes e mulheres e moças, e o colonialismo como sombra num horizonte exuberante. E personagens com uma riqueza que não esquece: como o «Mestre» Tamoda, ingénuo e infeliz produto de uma cultura que não era a sua, e que o vitimou, ou o complexo Kahitu, o aleijado da sanzala que engravidou Kati, amores de uma só vez, impossíveis e trágicos, como os de um Quasimodo ou Cyrano e que o levaram ao suicídio.

Um grande livro, evidente e complexo (Edições 70).

(in semanário PÁGINA UM, 10 de Março de 1978, Lisboa, Portugal)

*

Mais dois livros de autores angolanos. Livros de contos. O de Uanhenga Xitu (ou, nome em português, Agostinho Mendes de Carvalho) reúne três textos: o que dá título ao volume (e que já tínhamos lido aqui há dois ou três anos nos Cadernos Capricórnio, que se publicavam em Angola) e ainda *Bola com Feitiço* e *Vozes na Sanzala* (que também já tínhamos lido numa primeira edição angolana feita pelo próprio autor). A uma primeira impressão, por certo muito fugaz, Uanhenga Xitu cultiva a «estória» com um empenho narrativo muito forte e com um cuidado no escrever de que resultam textos de valiosa qualidade. Inevitavelmente — e como em tantos casos de escritores angolanos — o leitor português pensa que estes textos pertencem ao âmbito duma literatura que Luandino Vieira com, digamos, alguma genialidade criou. (...) Enfim, dois livros de ficcio-

nistas angolanos onde o leitor português se pode compensar da falta relativa de livros novos de ficcionistas que actualmente se verifica em Portugal.

(LUÍS DE MIRANDA ROCHA, in *Diário de Lisboa*, 17 de Agosto de 1978, Lisboa, Portugal

*

Não é por acaso que encabeçamos esta nota com a expressão «literatura angolana». Podíamos referir o aparecimento de dois novos volumes da Colecção Autores Angolanos, das Edições 70, tão-só com essa rubrica «Autores Angolanos», e estaríamos a caracterizar e a evocar essa particular ressonância, nos escritos dos naturais de Angola, de circunstâncias tão determinantes e traumatizantes como o colonialismo e as guerras de libertação — a difícil clandestinidade de toda uma consciência e uma sensibilidade. São esses os temas privilegíados de uma jovem literatura que se vai afirmando menos pela originalidade do que pela agressividade e ternura. Exemplo disto é o volume de contos *«Mestre» Tamoda e Outros Contos*, de Uanhenga Xitu. Livro-testemunho, ele dá-nos conta do que foi e é para o povo de Angola o sofrimento e a humilhação do passado, bem como a confiança na construção do futuro.

(MARGARIDA SCHIAPPA, in revista *Opção*, 30 de Março de 1978, Lisboa, Portugal)

*

Edições 70 oferecendo agora, na Colecção Autores Angolanos, a obra de Agostinho Mendes de Carvalho —

Uanhenga Xitu. Sair do meio de seu povo, preparar-se e voltar para servir. Seu primeiro trabalho veio a público em Cabo Verde — Chão Bom — Tarrafal: um verso com uma palavra «NÃO» gravado no tronco de uma acácia rubra. *«Mestre» Tamoda e Outros Contos*, um feliz lançamento de Edições 70.

(CLODOMIR MONTEIRO, in jornal *Rio Branco*, de 12 de Fevereiro de 1978, Acre, Brasil)

PREFÁCIO DO ESCRITOR MANUEL RUI MONTEIRO PARA UMA REEDIÇÃO DO LIVRO *«MESTRE» TAMODA E OUTROS CONTOS*

Esta pequena narrativa que é *«Mestre» Tamoda* tem para nós, antes de mais, um interesse didáctico.

A caracterização, sob forma literária, de vários níveis do «ser» colonizado acentua-se aqui na clássica contradição do alienado quando utiliza as ferramentas do adversário. No caso concreto, a erudição livresca é a arma de combate, ou pelo menos de defesa, contra uma certa ordem, a da injustiça social do opressor. Tamoda não deixa de ser um alienado versátil e virtuoso, até. Na verdade, ele não comparece na Administração em tom subserviente. Comparece, sim, reivindicando o seu estatuto de cidadão e convencido de que a lei do opressor serve também o oprimido ou, então, de que pelo simples facto de manejar escrita e leitura tem direitos. Desconhece o fenómeno das classes e entra na Administração fazendo da sabedoria (por sinal no mau sentido) uma arma contra o aparelho repressivo dos que detêm os meios de produção.

Tamoda contesta nos quadros da alienação, e aqui reside o grande paradoxo da intriga, porquanto, como regra, o alienado não contesta mas adapta-se (isto numa situação colonial).

Mas, dir-se-á: mal ou bem, Tamoda aprendeu, sabia ler. E onde residem então as conotações que, achamos, definem este personagem como um «herói negativo»?

Desde logo o «Mestre» aprende para si (em termos individualistas), quer saber sem finalidade e utiliza a arma principal — saber ler — na aprendizagem dos subprodutos da cultura do opressor: *«Como se escrevem cartas de amor»* e *«Manual de correspondência familiar»*. E, quando se

dedica a ensinar aos outros alguma coisa, prefere a jactância dos neologismos... Para as crianças, a contestação «serve» porque se opõe ao ensino oficial, repressivo. Quer dizer, a escola oficial colonial não servia e bastou a introdução pelo mestre clandestino de elementos liberais no contacto com as crianças e o ensinamento de palavras-tabu, para que as conseguisse cativar. Aliás, esta reflexão tem cabimento num processo revolucionário quando, perante a necessidade de aniquilar estruturas obsoletas, pode muito bem aparecer um demagogo a propor novos esquemas, que também nada têm a ver com o processo revolucionário em curso. Foi, no fundo, o que fez Tamoda, ensinando em «liberdade» palavras fonicamente belas e, além do mais, palavras-novidade, mas absolutamente fora do contexto real.

Ele comporta-se assim porque não atingiu o grau de desalienação suficiente à necessária instrumentalização da escrita e da leitura. Não chega a desmontar os textos do colonizador e atingir por antítese conteúdos contrários, medida primeira de um ser «a desalienar» e dimensão última de um trabalho mobilizador, a nível da aldeia, para uma consciência social. Este é o primeiro erro de Tamoda, porque o alienado só pode contestar o opressor quando inicia, previamente, o seu projecto de suicídio, enquanto alienado. Isto, porque nada se pode contestar e nada pode ser utilizado como arma de contestação sem uma ideologia consequente. Ora, Tamoda, porque ainda não iniciou a sua desalienação, desconhece a melhor forma de utilizar as armas para contestar e esquece um elemento preponderante do arsenal inimigo: *«a força»*. E como todo o demagogo menor (ambaquista) na sua defesa ou na defesa dos seus interesses pessoais, não distingue a táctica da estratégia.

Por isso perde de maneira caricata. Não aceitando a corrupção dos cipaios — ele, ser superior —, é derrotado à

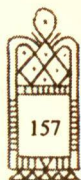
palmatoada, ainda que previamente tenha recitado, em sua defesa, artigos de código que, é provável, nem o Administrador do Posto conhecia...

Não deixa de ser curioso o facto de que, não obstante a inofensividade do mestre, ela não deixou de abalar, caricatamente, a escola instituída. Isto porque Tamoda contestava mal mas lançava a confusão em espíritos ávidos de coisas novas.

Sabidas as dificuldades com que se debateu muita da nossa literatura, produzida dentro do país ainda sob jugo colonial, em que, antes da «censura oficial», o autor tinha de fazer a «acrobacia da censura íntima», esta obra merece o nosso aplauso, porquanto Mendes de Carvalho soube tornear o discurso de forma a ludibriar possíveis grades da censura, por sinal sempre tão severas quão vesgas na análise de um texto intencionalmente engenhoso. Talvez por isso a narrativa não atingisse a densidade formal compatível a um conteúdo tão rico. Mas — e não deixa de ser digno de nota — encontra-se em Mendes de Carvalho um desmistificador inventivo — caso dos neologismos —, um escritor que já sabe colocar lágrimas par-e-passo com riso ou pícaro com dramático.

E, acima de tudo, um escritor que com as suas «estórias» ensina principalmente a todos aqueles que, decorando nos dicionários e nos livros, pretendem ensinar aos outros aquilo que eles próprios ainda não aprenderam.

«Mestre» Tamoda, literário, é muito natural que, nos nossos dias, encontre paradigmas reais: os que, por vaidade e prestígio pessoal, convencidos de que ensinam, lançam apenas a confusão nos outros, aproveitando a sua vontade de aprender.

Por isso, para além da leitura, merece uma meditada reflexão.

INTRODUÇÃO DO AUTOR AO LIVRO *«MESTRE» TAMODA E OUTROS CONTOS* *

A pedido insistente dos leitores, faz-se a reedição do *«Mestre» Tamoda*, cuja demora se deveu a certos factores sobretudo financeiros.

A primeira edição, publicada através de Cadernos Capricórnio, esgotou-se.

Não esperava que este pequeno conto viesse um dia a ser tão solicitado, nem tão-pouco esperava que em tempo de «libertado-liberdade», livre e soberano, aparecessem Camaradas que se idenficassem com o *«Mestre» Tamoda* nos seus putos caros, e no decorar discursos alheios para serem apresentados em público como seus e pronunciados com «basofiamato». Então, se adivinhasse, dizia eu, teria apresentado uma série de passagens da vida de Domingos João Adão (o verdadeiro nome do *«Mestre» Tamoda*), ligadas à sua capacidade de «intelectualidade» exibida com «soberbosia» nas multidões de óbitos e de campos de futebol, e nas aglomerações de ensaios de dizanda, de que era um exímio dançarino.

Quando me lembro do primeiro encontro (depois de 27 anos de separação; o último fora em 1947) com o Camarada Presidente Dr. Agostinho Neto, que teve lugar no avião que nos levava da Zâmbia à Penina — Algarve (Portugal), o líder da Revolução Angolana recordou-se do *«Mestre» Tamoda* mais ou menos nestes termos: «Havia recebido os livros e nunca os tinha lido por falta de tempo, mas um dia

* O presente texto, escrito em Luanda em 1976, não foi incluído na edição da obra, para que os juízos alheios nele reproduzidos não aparecessem ao leitor como uma tentativa de o influenciar.

de muito trabalho e má disposição lembrei-me de folhear o «*Mestre*» *Tamoda*... Ri-me tanto!...».

Valeu a pena o «*Mestre*» *Tamoda*.

Hoje, «*Mestre*» *Tamoda* vive encarnado nas mentes de alguns novos «putólogos», e, para muitos, viverá ainda anos até que Angola ultrapasse a fase mais difícil no campo socioeconómico e cultural.

RESPOSTAS DO AUTOR A UM INQUÉRITO AOS ESCRITORES ANGOLANOS

1. Como iniciou a sua vida literária? (Como descobriu que era ou podia ser escritor, quando, em que circunstância?)

Não sei como comecei a vida literária. Lembro-me de que na cadeia, para distrair as ideias, ultrapassar as fases do mau ambiente que reinava na cadeia, e como forma de sobreviver e não enlouquecer, resolvi escrever algo como simples apontamentos. Mas os camaradas e companheiros de cadeia Calazans Duarte e o malogrado Hélder Neto acharam que os meus rascunhos continham matéria para futuro.

2. Teve dificuldades no início da sua actividade literária? (Pôde publicar logo? etc.)

Muitas dificuldades, e as tenho até hoje. Escrevia apenas para mim e mostrava aos camaradas que me inspiravam confiança na cadeia do Tarrafal (Cabo Verde); quem me encorajava a continuar a escrever eram os companheiros António Jacinto e Luandino Vieira. Nunca me diziam o que estava errado. Aconselhavam guardar o rascunho e começar a escrever outro. Seis meses depois diziam para ir corrigir o primeiro e aí eu próprio reconhecia os meus erros. Recomendavam a ler mais vezes o conto. Também tive ajuda do chorado Higino Aires. Só comecei a publicar os contos depois de ser libertado. Faço lembrar que o «*Mestre*» *Tamoda* foi apanhado duas vezes e queimado pelas autoridades da cadeia da Casa da Reclusão de Angola e do Tarrafal.

3. Como escreveu Maka na Sanzala?

Escrevi *Maka na Sanzala* na cadeia e a razão que me levou a fazê-lo é a mesma que deixei no número 1. Até agora nunca me considerei escritor. Faço apanhado para os escritores.

4. Como trabalha? (Como escreve: à mão, c/ rascunho, à máquina, de noite...?)

Talvez seja defeito herdado da cadeia, onde não tinha mesa; escrevo à mão sentado na cama, a cabeça inclinada à cabeceira da cama. Geralmente o faço de madrugada, o que me tem custado maka. Escrevo em jejum absoluto.

5. Que pensa do papel desempenhado pela nossa literatura na luta de Libertação Nacional?

Foi grande. Conseguiu-se dizer ao regime colonial aquilo que de outra forma não se podia. Eis a razão por que as entidades do regime fascista português temiam as escritas. Para elas qualquer poema ou conto era um insulto.

6. Que papel pode desempenhar na Reconstrução Nacional?

Escrevendo posso indicar aos jovens escritores caminhos para pesquisa dos nossos valores culturais.

7. Para que serve um escritor na nossa sociedade?

Incentivar os futuros escritores a elevar o grau do conhecimento sobre a nossa Cultura. Educar o leitor a achar a diferença entre o passado e o presente da nossa Sociedade Socialista.

(in LAVRA & OFICINA — Gazeta da U.E.A., n.º 7, Abril de 1979, Luanda, Angola)

BIBLIOGRAFIA AFRICANA

Colecção AUTORES ANGOLANOS

Títulos publicados:

1 — AS AVENTURAS DE NGUNGA, de Pepetela
2 — POEMAS NO TEMPO, de Arnaldo Santos
3 — ESTÓRIAS DO MUSSEQUE, de Jofre Rocha
4 — GENTE DE MEU BAIRRO, de Jorge Macedo
5 — SIM CAMARADA!, de Manuel Rui
6 — CLIMA DO POVO, de Jorge Macedo
7 — REGRESSO ADIADO, de Manuel Rui
8 — PROSAS, de Arnaldo Santos
9 — ASSIM SE FEZ MADRUGADA, de Jofre Rocha
10 — «MESTRE» TAMODA E OUTROS CONTOS, de Uanhenga Xitu
11 — MANANA, de Uanhenga Xitu
12 — DIZANGA DIA MUENHU, de Boaventura Cardoso
13 — SÔ BICHEIRA E OUTROS CONTOS, de A. Bobela-Motta
14 — MUANA PUÓ, de Pepetela
15 — NZINGA MBANDI, de Manuel Pedro Pacavira
16 — MAKA NA SANZALA, de Uanhenga Xitu
17 — VÔVÔ BARTOLOMEU, de António Jacinto
18 — PERMANÊNCIA, de Antero Abreu
19 — COMO UM PINGO DE CAJU, de Fernando Monteiro
20 — SILÊNCIO EM CHAMAS, de José de Freitas
21 — O SEGREDO DA MORTA, de António de Assis Júnior
22 — FOI ESPERANÇA E FOI CERTEZA, de Eugénia Neto
23 — GEOGRAFIA DA CORAGEM, de Jorge Macedo
24 — OS SOBREVIVENTES DA MÁQUINA COLONIAL DEPÕEM..., de Uanhenga Xitu

A publicar:

MAYOMBE, de Pepetela
MEMÓRIA DE MAR, de Manuel Rui
O FOGO DA FALA, de Boaventura Cardoso
A REVOLTA DA CASA DOS ÍDOLOS, de Pepetela
TRÊS HISTÓRIAS POPULARES, de Henrique Guerra

Série Especial

1 — SINAIS MISTERIOSOS... JÁ SE VÊ..., de Rui Duarte
2 — NÁUSEA (conto) seguido de O ARTISTA (desenho), de Agostinho Neto
3 — PROMETEU, de António Jacinto

Fora de colecção

A FORMAÇÃO DE UMA ESTRELA E OUTRAS HISTÓRIAS NA TERRA, de Eugénia Neto
AS NOSSAS MÃOS CONSTROEM A LIBERDADE, de Eugénia Neto
...E NAS FLORESTAS OS BICHOS FALARAM..., de Eugénia Neto

Colecção ESTUDOS/Autores Angolanos

1 — FEIRAS E PRESÍDIOS (ESBOÇO DE INTERPRETAÇÃO MATERIALISTA DA COLONIZAÇÃO DE ANGOLA), de Eugénio Ferreira
2 — ANGOLA: ESTRUTURA ECONÓMICA E CLASSES SOCIAIS, de Henrique Guerra
3 — REFLEXÕES SOBRE CULTURA NACIONAL, de Henrique Abranches
4 — ROTEIRO DA LITERATURA ANGOLANA, de Carlos Ervedosa

Colecção OBRAS DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

LUUANDA, 7.ª edição
A VIDA VERDADEIRA DE DOMINGOS XAVIER, 6.ª edição
NO ANTIGAMENTE, NA VIDA, 3.ª edição
VIDAS NOVAS, 3.ª edição
VELHAS ESTÓRIAS, 2.ª edição
A CIDADE E A INFÂNCIA, 2.ª edição
MACANDUMBA
JOÃO VÊNCIO: OS SEUS AMORES

Colecção TEXTOS BREVES

NGA MUTÚRI, de Alfredo Troni

Colecção VOZES DE ÁFRICA

1 — OS CONTOS DE AMADOU KOUMBA, de Birago Diop
2 — XALA, de Sembène Ousmane
3 — O PANO PRETO, de B. B. Dadié
4 — O POBRE CRISTO DE BOMBA, de Mongo Beti
5 — O MENINO NEGRO, de Camara Laye
6 — CAPIM EM CHAMAS, de Cyprian Ekwensi
7 — A FLECHA DE DEUS, de Chinua Achebe
8 — PÉTALAS DE SANGUE, de Ngugi wa Thiong'o
9 — UM PASSEIO NA NOITE, de Alex La Guma
10 — O RAPAZ DA MINA, de Peter Abrahams
11 — NUMA SEGUNDA-FEIRA DE CERTEZA, da Nadine Gordimer

BIBLIOTECA DE ESTUDOS AFRICANOS

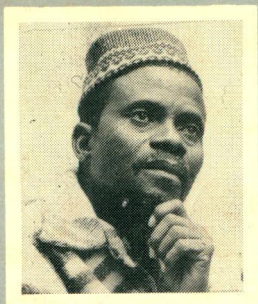
1 — LÍNGUAS NACIONAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ÁFRICA, de Joseph Poth
2 — INTRODUÇÃO À CULTURA AFRICANA, de Ola Balogun, Honorat Aguessy, Pathé Diagne e Alpha I. Sow
3 — A DESCOBERTA DA ÁFRICA, de Catherine Coquery-Vidrovitch

Noutras colecções

SOCIOLOGIA DA NEGRITUDE, de Maria Carrilho (Biblioteca 70)
O IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS, de C. R. Boxer (Textos de Cultura Portuguesa)
A CONSTRUÇÃO DO MUNDO, dir. Marc Augé (col. Perspectivas do Homem)
OS DOMÍNIOS DO PARENTESCO, dir. Marc Augé (col. Perspectivas do Homem)
A ANTROPOLOGIA ECONÓMICA, dir. Marc Augé (col. Perspectivas do Homem)
A IDEIA DE RAÇA, de Michael Banton (col. Perspectivas do Homem)

Colecção MENINO SOL

(literatura infantil)

MARIAM E A PAPAIA, de G. Efimbra
OUMBA E O PIRILAMPO, de D. Delafosse
O PEQUENO CROCODILO, de P. Dagerlos
ELOA E O PEIXE, de D. Delafosse
OS ANIMAIS QUEREM UM REI, de G. Bogore
SAMA, O ELEFANTE BRANCO, de R. Fadiga
ALI E OS SEUS AMIGOS, de D. Delafosse
AS PEQUENAS PANTERAS, de J. Villain
OS TRÊS MACAQUINHOS E O CALAU, de S. Py
A GALINHA-DO-MATO, de N. Py

UANHENGA XITU

Uanhenga Xitu (nome kimbundu de Agostinho André Mendes de Carvalho) nasceu a 29 de Agosto de 1924 na sanzala de Calomboloca (Icolo e Bengo). Nacionalista activo, foi preso pela polícia política do governo colonial em 1959, permanecendo no campo de concentração do Tarrafal de 1962 a 1970. Presentemente é membro do Comité Central do MPLA — Partido do Trabalho e Comissário Provincial de Luanda.

Tendo começado a escrever os seus contos na cadeia, é autor dos livros já publicados *O Meu Discurso*, 1974; *«Mestre» Tamoda*, 1974; *Bola com Feitiço*, 1974; *Manana*, 1974 — 2.ª ed. 1978; *Vozes na Sanzala (Kahitu)*, 1976; *«Mestre» Tamoda e Outros Contos*, 1977; e *Maka na Sanzala*, 1979.

Num cenário de contradições entre as mentalidades de, por um lado, os velhos colonos apoiados nas autoridades coloniais que vigiavam pela perpetuação da exploração e, por outro, um jovem enfermeiro recém-vindo de Portugal, *Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem...* faz uma denúncia profunda e reveladora dessa monstruosidade que foi o trabalho de contrato.

AUTORES ANGOLANOS